

PASSEIO E JARDIM DAS VIRTUDES: UMA PAISAGEM HISTÓRICA URBANA

HUGO BARREIRA
LÚCIA MARIA CARDOSO ROSAS
MARIA LEONOR BOTELHO
(COORD.)



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

PASSEIO E JARDIM DAS VIRTUDES: UMA PAISAGEM HISTÓRICA URBANA

HUGO BARREIRA
LÚCIA MARIA CARDOSO ROSAS
MARIA LEONOR BOTELHO

(COORD.)



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título : Jardim e Passeio das Virtudes. Uma Paisagem Histórica Urbana

Coordenação: Hugo Barreira, Lúcia Maria Cardoso Rosas e Maria Leonor Botelho

Imagem de capa: *Carta Topographica da Cidade do Porto*: levantada por Augusto Gerardo Telles Ferreira (1892),
quadricula nº237.

Design gráfico: Helena Lobo Design www.hldesign.pt

Paginação: Andréa M. Diogo

Co-edição: CITCEM — Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória»

FLUP — Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | www.citcem.org | citcem@letras.up.pt

ISBN: 978-989-8351-72-2

Este projeto é financiado por Fundos Nacionais através da FCT— Fundação para a Ciência e Tecnologia, no âmbito do projeto UID/HIS70405972013, e pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 — Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI-01-0145-FEDER-007460).

SUMÁRIO

Jardim e Passeio das Virtudes. Uma paisagem histórica urbana	05
<i>Hugo Barreira, Lúcia Maria Cardoso Rosas & Maria Leonor Botelho</i>	
As Virtudes: a quinta, a fonte e a Rua dos Fogueteiros	13
<i>Ana Patrícia Gonçalves, Andréa M. Diogo, Joana Isabel Duarte & Marisa Pereira Santos</i>	
Virtudes e a envolvimento urbana	25
<i>Vera Barbosa</i>	
A Habitação no Passeio das Virtudes: Tipologias e usos de materiais	33
<i>Ana Clárisse Lopes, Ana Isabel Lino, Isabel Rebelo da Silva & Lúcia Teixeira</i>	
O Passeio das Virtudes e a rutura do Palácio da Justiça	44
<i>Cláudia Quaresma, Juliana Moura, Maria Moura, Mariana Carvalho & Rodrigo Magalhães</i>	
O Horto das Virtudes	55
<i>Carolina Furtado, Francisca Pires de Almeida & Vera Gonçalves</i>	
Cronologia e levantamento dos principais proprietários e intervenientes na zona das Virtudes	63
<i>Hugo Barreira (coord.), Ana Patrícia Gonçalves & Joana Isabel Duarte</i>	
CATÁLOGO DE EXPOSIÇÃO «PORTO DE VIRTUDES»	74
Porto de Virtudes	77
A Quinta das Virtudes <i>The Virtudes Estate</i>	89
O Horto das Virtudes <i>Nursery Garden of Virtudes</i>	125
Virtudes e Obras Públicas <i>Virtudes and the Public Works</i>	143
Passeio das Virtudes e área urbana envolvente <i>Virtudes Promenade and surrounding urban area</i>	161
A Rutura do Palácio da Justiça <i>The Rupture of the Courthouse</i>	215
Estratigrafias e acumulações urbanas <i>Stratigraphy and urban accumulations</i>	235

JARDIM E PASSEIO DAS VIRTUDES. UMA PAISAGEM HISTÓRICA URBANA

GARDEN AND PROMENADE OF VIRTUDES. AN HISTORIC URBAN LANDSCAPE

PORTO DE VIRTUDES. UM PROJETO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

‘Virtudes (Porto): Exhibition at the Google Arts & Culture’ / ‘Porto de Virtudes’, desenvolvido no âmbito do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, assume-se, em primeiro lugar, como um projeto pedagógico que procurou inovar pela implementação de um programa de gestão cultural integrado e aplicado a um objeto de estudo concreto. A atribuição do Prémio de Inovação Pedagógica da UP 2017¹ permitiu implementar um conjunto de ações.

O lugar das Virtudes, dominado, no século XVIII, por uma quinta periurbana, foi alvo de um importante conjunto de transformações, na passagem para o século seguinte, as quais permitiram a consolidação da sua frente urbana e a criação de um passeio público. Parte dos terrenos da quinta deram lugar a um horto que chegou até ao século XX, sendo posteriormente transformado em Jardim Público pela Câmara Municipal do Porto. O Passeio das Virtudes constitui hoje o único espaço verde da área classificada como Património Mundial.

Pretendeu-se com este projeto percecionar o sentido do lugar que passa pelas memórias e pelas histórias, identificando os elementos capazes de gerar comportamentos de inclusão (da comunidade residente) e aprendizagem (dos próprios estudantes), servindo igualmente como um instrumento de comunicação e de afirmação da chamada ‘Terceira Missão’ da UP, ou seja, a capacidade de a Universidade exercer um impacto significativo na Sociedade que a rodeia, valorizando social e economicamente o conhecimento.

No contexto urbano da cidade do Porto, o lugar das Virtudes destaca-se pela sua singularidade, a qual tem sido preservada ao longo dos últimos séculos. A Declaração do Québec sobre a preservação do *Spiritu Loci*² apela à «proteção e promoção do espírito dos lugares, isto é, à sua essência de vida, social e espiritual». Segundo o mesmo documento, «o espírito do lugar é definido como os elementos tangíveis (edifícios, sítio, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festivais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.), isto é, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, emoção e mistério ao lugar»³. Há nas Virtudes um *Spiritu Loci* que efetivamente deve ser preservado, mas com valores prospetivos.

¹ UP (2017). Projetos de Inovação Pedagógica 2017.

² ICOMOS, 2008.

³ ICOMOS, 2008.

Tendo em conta o valor patrimonial do objeto sobre o qual incide o projeto — o lugar urbano das Virtudes (que mais abaixo caracterizaremos) —, a construção do programa de gestão cultural integrado foi concebido de acordo com os valores e princípios veiculados ao nível da doutrina internacional da área do Património Cultural. Pretendeu-se que este projeto fosse, pois, integrador das diversas comunidades que frequentam o lugar e que, ao mesmo tempo, fosse inclusivo, procurando implementar aquilo que a Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade adotada em Faro em 2005 (Resolução da Assembleia da República nº47/2008 de 12 de Setembro)⁴ defende. Este documento agrega um conjunto de referências comuns que permitem clarificar a distribuição das responsabilidades públicas no âmbito do processo democrático e dos direitos individuais ligados ao património cultural no espaço europeu.

A Convenção Quadro de Faro reconhece a necessidade de colocar a pessoa e os valores humanos no centro de um conceito alargado e interdisciplinar de património cultural salientando, igualmente, o valor e as potencialidades de um património cultural bem gerido, enquanto fonte de desenvolvimento sustentável e de qualidade de vida numa sociedade em constante evolução. Além disso, esta Convenção assenta na implicação de todos no processo contínuo de definição e gestão do património cultural e afirma «utilidade de políticas do património e de iniciativas pedagógicas que tratem todos os patrimónios culturais de modo equitativo, promovendo assim o diálogo»⁵. É de salientar a implicação de vários atores que se agregaram a este projeto: partindo de um projeto de natureza didática, vimos o mesmo a ser reconhecido ao nível da sua inovação pedagógica e importância social pela Universidade do Porto, o que permitiu ainda a implicação de agentes institucionais como a Câmara Municipal do Porto, Árvore — Cooperativa de Atividades Artísticas ou até empresariais, como a UNICER).

Escreveu Carlos Alberto Ferreira de Almeida (1934-1996) que,

*Património é tudo o que tem qualidade para a vida cultural e física do homem e tem notório significado na existência e na afirmação das diferentes comunidades, desde a vicinal e paroquial, à concelhia, à regional, até à nacional e internacional. Património é qualidade e é memória rica e, idealmente, viva. Sem qualidade, intrínseca ou circunstancial, não haverá fundamento. O património não pode ser olhado apenas como uma reserva e, menos ainda, como uma recordação ou nostalgia do passado mas, antes, como algo que tem de fazer parte do nosso presente*⁶.

Assim, partindo de um dos objetivos da Convenção Quadro de Faro, «que a preservação do património cultural e a sua utilização sustentável têm por finalidade o desenvolvimento humano e a qualidade de vida»⁷, este projeto pretendeu ser multidisciplinar, congregando várias áreas do conhecimento que vão além da própria história da arte ou dos estudos do património, integrando questões ambientais e educativas aos mais diversos níveis, pois «o direito ao património cultural é inerente ao direito de participar na vida cultural, tal como definido na Declaração Universal dos Direitos do Homem»⁸.

Foi partindo destes pressupostos, e entendendo o património como uma conjugação entre o passado e o presente, que este projeto foi sendo construído. Procurámos, deste modo,

⁴ CONSELHO DA EUROPA, 2005.

⁵ *Ibidem*.

⁶ ALMEIDA, 1998: 10-17.

⁷ CONSELHO DA EUROPA, 2005: Artº 1, alínea c.

⁸ *Ibidem*: Artº 1, alínea a.

firmar a utilidade social do património e potencializar o papel do Património Cultural na Economia⁹ ao nível da difusão do seu conhecimento, pela educação formal e não formal, e bem como pelo turismo¹⁰ e pela qualidade ambiental do lugar¹¹. «O Património, para o ser, tem de estar presente e vivo, de algum modo e tem de ser olhado com efetivos valores prospetivos»¹².

A Carta Internacional sobre Turismo Cultural¹³ tem como objetivo fundamental a comunicação do significado e da necessidade de conservação do património. Assim, impõe-se o acesso ao Património Cultural pela comunidade anfitriã — contribuindo definitivamente para o seu conhecimento e reforçando um sentido afetivo de pertença — e pela comunidade de visitantes — enquanto meio de promoção/difusão turística. Tornou-se, deste modo, cada vez mais imperativa a criação de conteúdos que otimizem a compreensão, por parte destes dois públicos, acerca das características significativas do Património (ou patrimónios) e da consequente necessidade de proteção, reconhecendo e potencializando a autenticidade do lugar, inclusivamente o seu *spritu loci*, como já referimos. É, pois, neste contexto que se compreende a articulação de vários produtos criados no âmbito deste projeto, os quais, adequando os conteúdos a diversos formatos, procuram acima de tudo ser acessíveis a diversos tipos de público: exposição virtual na plataforma *Google Arts & Culture*, a exposição física, que estará patente nos jardins da Árvore — Cooperativa de Atividades Artísticas, as visitas temáticas e este *e-book*.

A Carta ICOMOS para a Interpretação e Apresentação de Sítios de Património Cultural¹⁴ assume a *interpretação* e *apresentação* como elementos essenciais do esforço de conservação do Património e como ferramentas básicas para a apreciação e compreensão do público dos sítios de Património Cultural. E como só valorizamos aquilo que conhecemos, partimos do pressuposto da comunicação pública como parte primordial num processo de conservação mais amplo, ou seja, de conservação de uma memória, mas com valores prospetivos.

Sendo que o fim último do projeto é a difusão do conhecimento científico sobre um lugar urbano (as Virtudes) através de uma plataforma digital de alcance global (*Google Arts & Culture*)¹⁵, a metodologia utilizada enquadrou-se naquilo que Winn descreveu no seu artigo: «Learning by doing: Teaching research methods through student participation in a commissioned research project»¹⁶. Nesse sentido, o projeto ‘Porto de Virtudes’ foi desenvolvido no âmbito de duas unidades curriculares do Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ora, a articulação entre as duas U.C.’s sob um projeto comum e o transformar da sala de aula num laboratório de projeto (“project lab”) — para a construção e renovação do conhecimento e sua difusão sobre um lugar urbano como o é o lugar das Virtudes, permitiu, acima de tudo, congregar num único projeto os diferentes campos de abordagem do ciclo de estudos, que são: a História da Arte enquanto área científica principal e que tem como um dos seus objetivos o estudo e valorização do Património *latu sensu* contribuindo assim para o seu conhecimento, valorização, difusão e rentabilização. De igual modo,

⁹CARTA de Bruxelas sobre el papel del Património Cultural en la Economía, y para la creación de una Red Europea de su reconocimiento y difusión, 2009.

¹⁰ICOMOS, 1999.

¹¹MINISTÉRIO da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território, 2013.

¹²ALMEIDA, 1998: 10-17.

¹³ICOMOS, 1999.

¹⁴ICOMOS, 2007.

¹⁵GOOGLE. *Google Arts & Culture*.

¹⁶WINN, 1995.

fez-se uso da Cultura Visual, enquanto área interdisciplinar, surgindo esta não só com valores diacrónicos (enquanto fonte para o estudo do lugar urbano), mas também com valores prospetivos pelo facto deste projeto ter como fim último a criação de uma exposição (virtual e física).

De facto, «a aprendizagem baseada na Investigação, e não em unidades de ensino estruturadas e prontas a serem usadas pelos professores e/ou alunos, é a característica mais definidora deste método de aprendizagem cooperativa. (...) Forma-se assim uma comunidade de investigadores numa turma que constitui uma comunidade de Investigação»¹⁷.

Tal opção metodológica permitiu incrementar nos estudantes o sentido crítico através da interação com os restantes membros do grupo pela apresentação das informações recolhidas, pela integração e sistematização dos conteúdos coligidos e pela apresentação oral e escrita dos mesmos. Acresce a estes aspetos a grande autonomia conferida a cada estudante/grupo, naquilo que de designa como ‘motivação intrínseca’ pois, efetivamente, «os alunos tomam várias decisões em grupo» e investigaram «o que de facto lhes interessa investigar»¹⁸.

Através desta metodologia, aproveitou-se a formação individual colocando-a ao serviço de um grupo num processo de aprendizagem cooperativa e colaborativa, invertendo o sentido do espaço letivo (aula invertida) e procurando que esse contacto com o professor seja apenas uma forma de partilhar pesquisas individuais¹⁹. Além disso, potenciou-se aquilo que Vigotsky definiu como ZDP (zona de desenvolvimento próximo) num socio-construtivismo da aprendizagem, isto é, «atuando como elemento de intervenção, de ajuda. Na ZDP, o professor atua de forma explícita, interferindo no desenvolvimento dos alunos, provocando avanços que não ocorreriam espontaneamente»²⁰. Os resultados já alcançados, sempre parcelares mas suficientemente sustentados e hoje visíveis, reivindicam um tratamento de originalidade no processo de ensino aprendizagem que temos vindo a ensaiar e a melhorar, já que ele próprio se configura como um verdadeiro processo de investigação-ação.

JARDIM E PASSEIO DAS VIRTUDES. UMA PAISAGEM HISTÓRICA URBANA

Segundo a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural²¹ os conjuntos são valorizados pelo facto de integrarem um grupo de construções que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem, têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência²². A inscrição do Centro Histórico do Porto na lista do Património Mundial da Unesco (1996) fundamentou-se no valor universal excepcional do tecido urbano do seu centro histórico, cujo valor estético testemunha um desenvolvimento urbano que remonta, de forma muito particular, às épocas romana, medieval e almadina (século XVIII). A riqueza e a variedade da arquitetura civil do centro histórico do Porto traduzem os valores culturais das mais sucessivas épocas, reflexo de uma perfeita adaptação à estrutura social e geográfica da cidade, mantendo ao longo dos séculos uma estável e coerente relação entre o ambiente urbano e o ambiente natural. É no dinamismo do tecido social e institucional que encontramos a sua garantia de sobrevivência enquanto centro histórico.

A cidade do Porto faz-se de estratigrafias que desenham uma particular paisagem histórica urbana que, tal como afirma a Recomendação sobre a Paisagem Histórica Urbana da

¹⁷FREITAS,2002: 52.

¹⁸FREITAS, 2002: 54.

¹⁹BERGMANN, 2016.

²⁰NEVES, 2006: 9.

²¹UNESCO, 1972.

²²UNESCO, 1972: Art. 1º.

UNESCO (2011)²³, deve incidir sobre a proteção do património cultural e natural, visando sobretudo a preservação da qualidade do ambiente humano, potenciando o uso produtivo e sustentado dos espaços urbanos, reconhecendo ao mesmo tempo o seu carácter dinâmico e promovendo a sua diversidade social e funcional²⁴. Dando resposta às recomendações da doutrina internacional mais recente na matéria, a cidade do Porto, no seu Centro Histórico e particularmente nas Virtudes, a preservação da sua Paisagem Histórica Urbana deve, pois, fundar-se numa relação equilibrada e sustentável entre o ambiente natural e urbano, entre as necessidades do presente, as necessidades das gerações futuras e o legado do passado²⁵.

Segundo a Recomendação para as Paisagens Históricas Urbanas da UNESCO (2011)²⁶, a paisagem histórica urbana tem de ser entendida como resultante da estratificação histórica de valores culturais e naturais, com os respetivos atributos. Esta noção vai além da noção de “centro histórico” ou de “conjunto”, para passar a incluir um contexto urbano mais amplo e respetiva implantação geográfica²⁷. Ou seja, inclui a topografia, a geomorfologia, a hidrologia e outras características naturais, ao mesmo tempo que a massa edificada (seja histórica ou contemporânea), as suas infraestruturas (subterrâneas ou à superfície), mas também os seus espaços abertos e ajardinados, os padrões de uso do solo e sua organização espacial, as perceções e as relações visuais, bem como outros elementos da estrutura urbana²⁸.

A escolha do lugar das Virtudes como objeto a estudar e a comunicar deveu-se a vários fatores. O primeiro, e talvez o mais importante no contexto do processo de ensino/aprendizagem, residiu no facto de este exemplo ter a capacidade de se constituir como um laboratório de experiências, análise e comparação de dados, permitindo assim potenciar práticas ao nível da investigação, da produção do conhecimento e da comunicação.

O lugar apresenta-se como um luminoso exemplo do fenómeno do desenvolvimento urbano. A construção de uma frente urbana encostada ao exterior da muralha é um fenómeno frequente nas cidades europeias de configuração medieval, cuja capacidade de albergar mais moradores e novos equipamentos no perímetro amuralhado chega a um limite, obrigando a novas soluções de expansão. Por outro lado, esta expansão desenvolve-se, frequentemente, em terrenos ocupados anteriormente por quintas periurbanas destinadas à produção e/ou de recreio como este caso exemplifica.

Mas a excecionalidade do caso das Virtudes reside na sobrevivência da configuração prístina das suas características geomorfológicas. Mantém-se hoje uma mancha de ocupação humana que ao longo dos séculos não sofreu mutações que alterassem significativamente as encostas e o vale por onde corria o Rio Frio, afluente da bacia hidrográfica do Douro. O terraceamento das encostas que permitiu a produção agrícola em terrenos de elevado pendor também se manteve. Entre os séculos XIX e XX, aproveitando os socacos da quinta e as excecionais condições climáticas do lugar para a produção de plantas, aí se instalou um dos hortos mais importantes do país tanto pela diversidade de espécies que introduziu, como pelo carácter experimental da criação de novas variedades arbóreas e arbustivas que ainda hoje caracterizam os jardins privados e públicos da cidade.

O valor patrimonial intrínseco das Virtudes favoreceu, sem dúvida, o seu atual uso: à frente urbana que se moderniza com novos usos e equipamentos, mas que mantém os anteriores, afastando-se do excessivo arranjo da ‘city beautiful’, associa-se um jardim público com

²³UNESCO, 2011

²⁴*Ibidem*: Art. 11º

²⁵UNESCO 2011: Art. 11º

²⁶UNESCO, 2011

²⁷UNESCO, 2011: Art. 8º

²⁸UNESCO, 2011: Art. 9º

programação cultural principalmente no domínio da música. O uso contemporâneo do lugar foi também um dos fatores que conduziu à sua escolha para este projeto: a atratividade é um elemento fundamental na motivação dos estudantes.

Foi, pois, norteados pelos valores do lugar como objeto de estudo e pelos objetivos e desafios pedagógicos da metodologia adotada, que se procurou construir, e agora transmitir através desta publicação, uma proposta de entendimento do lugar urbano das Virtudes na sua longa diacronia, através de um conjunto de cinco capítulos redigidos pelos estudantes: *As Virtudes: a quinta, a fonte e a rua dos Fogueteiros; Virtudes e a Envolvente Urbana; A Habitação no Passeio das Virtudes: Tipologias e usos de materiais; O Passeio das Virtudes e a rutura do Palácio da Justiça; O Horto das Virtudes*. Foram ainda incluídas uma cronologia e um levantamento dos principais proprietários e intervenientes na zona das Virtudes, tendo por base a investigação realizada e o catálogo da exposição.

A forma como os conteúdos se apresentam reflete a metodologia seguida: o conhecimento de uma paisagem histórica urbana a partir do presente para o passado, procurando identificar as várias camadas que compõem a sua estratigrafia, sejam elas temporais, sejam elas espaciais. Após uma visita ao local e seu questionamento, identificaram-se as fontes bibliográficas que pudessem transmitir conhecimentos sobre o mesmo; de seguida, uma nova deslocação ao local levou à revisão da bibliografia, à pesquisa de fontes gráficas, fontes fotográficas e fontes manuscritas, bem como à construção de uma interpretação crítica.

Ao longo do processo, os estudantes confrontaram-se com os percalços habituais da investigação, salientando-se as informações dificilmente verificáveis ou declaradamente contraditórias, bem como com um conjunto de projetos e de edifícios desaparecidos ou nunca construídos. Salientou-se, assim, o valor de um olhar crítico e renovador, que não só apreende mas questiona de forma ativa o conhecimento produzido anteriormente.

Resultando da confluência de projetos e ações, quer privadas, quer públicas, com escalas diferenciadas, o lugar das Virtudes apresenta-se como um excelente objeto para o estudo das transformações da cidade. O conjunto de textos, resultantes de vários olhares e abordagens, salienta esta heterogeneidade e os desafios que o estudo do objeto colocou. Contudo, não poderia o projeto correr o risco de apresentar este lugar urbano apenas como uma soma de realidades independentes, pelo que se revelou fundamental o conhecimento da tessitura contextual subjacente à construção da sua paisagem antrópica.

A escala da quinta privada inicial marcou o destino do lugar e assegurou o futuro da sua dual tónica ocupacional, mantendo-se nas suas reformulações como horto e jardim. Em paralelo, a iniciativa pública, desde os inícios do século XVIII, dotou o lugar de equipamentos urbanos que o aproximaram paulatinamente da cidade, culminando na grande obra almadina do paredão, que assegura a formação de uma frente urbanizada. Contudo, e ao contrário do que acontece em muitas das infraestruturas viárias que asseguram a expansão urbana, esta revela-se à cidade a partir das ruas circunvizinhas e dos terrenos do atual jardim, afirmando o valor da sua estratigrafia. Estavam, deste modo, abertos os caminhos para a iniciativa privada na pequena e habitual escala do lote estreito e para uma nova aproximação à cota alta.

O período seguinte consolidou esta dualidade com a construção do Mercado do Peixe, em articulação com o edifício pré-existente da Roda dos Expostos, e pela criação de um novo acesso a partir da Cordoaria. A substituição, já na segunda metade do século XX, dos edifícios anteriores por um único edifício monumental, o Palácio da Justiça, provoca uma rutura de escala que vem, sobretudo, reforçar a dualidade do lugar que aparentemente esconde. Valorizando o novo acesso direto à cota baixa, através da massa escultórica do seu corpo semicircular, o Palácio da Justiça unifica a frente urbana construída sobre o terraceamento da encosta do vale.

A partir deste, o edifício do século XX revela a sua verdadeira escala e monumentalidade, voltada para o rio, num recuperar de estratégias que o século XIX seguira em ocupação utilitária e que o século XVIII valorizara já cenograficamente, com o desenho da frente de aparato da quinta. Deste modo, e paralelamente ao destaque da heterogeneidade das camadas de informação convocadas, foi necessário que este projeto salientasse que é o próprio lugar das Virtudes que revela os valores que asseguram a coesão do conjunto e ajudam a compreender as suas qualidades.

Com a publicação deste *e-book*, cremos estar diante de uma atualização da informação até agora conhecida e publicada sobre o Jardim e Passeio das Virtudes a qual resulta precisamente da revisitação das fontes, da já referida revisão bibliográfica e da identificação de fontes gráficas e documentais inéditas que, devidamente interpretadas e cruzadas com o questionamento que se fez do lugar através da observação, permitiram propor novas interpretações sobre esta paisagem histórica urbana da cidade do Porto.

Porto e Faculdade de Letras, 11 de Junho de 2017

Maria Leonor Botelho | Lúcia Rosas | Hugo Barreira
Investigadores FLUP-DCTP / CITCEM

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1998) – *Património. O seu entendimento e a sua gestão*. Porto: Etnos.
- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron (2016) – *Sala de Aula Invertida. Uma Metodologia Ativa de Aprendizagem*. LTC.
- FREITAS, Luísa V.; FREITAS Cândido V. (2002) – *Aprendizagem Cooperativa. Teoria*. Porto, Edições ASA.
- WINN, Sandra (1995). Learning by doing: Teaching research methods through student participation in a commissioned research project. *Studies in Higher Education* 20:2, p. 203-214. Doi: 10.1080/03075079512331381703

Referências em linha

- CARTA de Bruxelas sobre el papel del Património Cultural en la Economía, y para la creación de una Red Europea de su reconocimiento y difusión (2009). Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeBruxelas.pdf>>. [Consultado a 5/5/2017].
- CONSELHO DA EUROPA (2005) – *Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade*. Resolução da Assembleia da República nº47/2008 de 12 de Setembro. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/ConvencaodeFaro.pdf>> [Consultado a 5/5/2017].
- GOOGLE. *Google Arts & Culture*. [Página em linha]. Disponível em <<https://www.google.com/culturalinstitute/beta/>> [Consultado a 5/5/2017].
- ICOMOS (1999) – *Carta Internacional sobre Turismo Cultural*. México: ICOMOS. Disponível em <http://www.icomos.org/charters/tourism_sp.pdf> [Consultado a 5/5/2017].
- ICOMOS (2007) – *Carta ICOMOS para a Interpretação e Apresentação de Sítios de Património Cultural*. Québec: ICOMOS. Disponível em <https://www.icomos.org/images/DOCUMENTS/Charters/interpretation_sp.pdf> [Consultado a 5/5/2017].
- ICOMOS (2008) – *Declaração de Québec*. Canadá: ICOMOS. Disponível em <http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf>. [Consultado a 5/5/2017].
- Neves, Rita A.; Damiani, Magda F., (2006) – Vygotsky e as teorias da aprendizagem. *UNIrevista*. Vol. 1, nº 2 : (abril). ISSN: 1809-4651. Disponível em <<http://www.miniweb.com.br/educadores/Artigos/PDF/vygotsky.pdf>> [Consultado a 3/3/2017].
- MINISTÉRIO da Agricultura, do Mar, do Ambiente e do Ordenamento do Território (2013) – *Avaliação de Impacte Ambiental*. [Decreto-Lei n.º 151-B/2013 de 31 de outubro]. Disponível em <http://www.culturanorte.pt/fotos/editor2/decreto-lei_n%C2%BA_151-b_2013.pdf> [Consultado a 3/3/2017].
- UNESCO (1972) – *Convenção para a salvaguarda do Património Mundial, Cultural e Natural*. Paris: UNESCO. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/zonvencao paraaProteccaodoPatrimonioMundialCulturalNatural.pdf>> [Consultado a 3/3/2017].
- UNESCO (2011) - *Recomendação sobre as Paisagens Históricas Urbanas*. UNESCO: Paris. Disponível em <http://psamlisboa.pt/wp-content/uploads/2014/03/UNESCO_RECOMENDACAO.pdf>. [Consultado a 3/3/2017].
- UP (2017) – *Projetos de Inovação Pedagógica 2017*. UP | *Inovação pedagógica*. [Página em linha]. Disponível em <<https://inovacaopedagogica.up.pt/excelencia-pedagogica/projetos>>. [Consultado em 11/06/2017].

AS VIRTUDES: A QUINTA, A FONTE E A RUA DOS FOGUETEIROS

ANA PATRÍCIA GONÇALVES*

ANDRÉA M. DIOGO*

JOANA ISABEL DUARTE*

MARISA PEREIRA SANTOS*

Resumo: A Quinta das Virtudes, localizada na freguesia de Miragaia, remonta ao século XVII, e é hoje sede da *Árvore* — Cooperativa de Atividades Artísticas. Originalmente quinta de recreio e de exploração agrícola, é de realçar o elevado valor paisagístico que a sua implantação sobranceira ao rio Douro propicia. Os espaços da quinta albergaram diversos usos ao longo dos séculos, consolidando assim um testemunho de transformações e permanências.

O presente artigo pretende traçar uma leitura em retrospectiva da Quinta das Virtudes, inserida no contexto das transformações dos espaços circundantes — como a rua dos Fogueteiros — e dos equipamentos públicos — a Fonte das Virtudes — com que dialoga continuamente.

Palavras-chave: *Árvore – Cooperativa de Atividades Artísticas, Fonte das Virtudes, Quinta das Virtudes, Rua dos Fogueteiros.*

Abstract: The Virtudes Estate, located in the parish of Miragaia, dates back to the 17th century, and is nowadays the headquarters of *Árvore* – Cooperative of Artistic Activities. This was originally a leisure and farming estate with great landscape value, owing to its setting, overlooking the Douro River. The estate spaces harboured different uses throughout the centuries, building a testimony of change and permanence..

The present paper tries to draw a retrospective reading of the Virtudes Estate, following the transformations observed in the surrounding spaces – such as the Fogueteiros Street – and urban equipment – the Fountain of Virtudes –, with which it develops an ongoing dialogue.

Keywords: *Árvore – Cooperative of Artistic Activities, Fountain of Virtudes, Virtudes Estate, Fogueteiros Street.*

*Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, DCTP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O presente estudo incide sobre a Quinta das Virtudes, assente numa leitura quer arquitetónica, quer historiográfica, estabelecendo uma relação entre a sua construção, a genealogia dos proprietários e a articulação com o espaço envolvente.

A Quinta das Virtudes deve ser entendida como um conjunto constituído por vários espaços, como a Casa das Virtudes¹ (zona de habitação principal), os anexos (construídos contíguos à casa) e o jardim desenvolvido em socalcos, outrora destinados, na maior parte, à produção agrícola. A estas construções podemos ainda relacionar outros equipamentos, como a rua dos Fogueteiros (atual rua Azevedo de Albuquerque), o paredão dos Fogueteiros e a Fonte das Virtudes, que dão testemunho dos demais usos.

Nesse sentido, pretende-se apresentar uma leitura deste conjunto arquitetónico e espacial tirando proveito de mapas e plantas, assim como de documentação inédita, como o Auto de Património de Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José (1767), a partir do qual conseguimos confirmar a existência de uma capela na propriedade da Quinta das Virtudes, as respetivas datas e o estatuto dos proprietários.

A QUINTA DAS VIRTUDES

A zona que hoje se designa por Virtudes refere-se ao espaço urbano localizado na freguesia de Miragaia onde se encontram o Parque Municipal das Virtudes (antigo Horto com o mesmo nome), o Passeio das Virtudes, a Quinta das Virtudes (que atualmente acolhe a Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas²) e a Fonte das Virtudes.

A casa da Quinta das Virtudes é edificada em 1767³ por encomenda de José Pinto de Meireles, e da sua mulher D. Francisca Clara de Azevedo Aranha e Fonseca⁴.

A Quinta das Virtudes foi uma quinta de produção e recreio, dualidade frequente nestas estruturas do espaço periurbano das cidades ou, para sermos mais rigorosos, nas quintas e solares do mundo rural. O seu inegável valor paisagístico reside no terraceamento das margens do rio Frio. Em terrenos de elevado pendor, é a construção de socalcos que permite a atividade agrícola. No século XIX, um anúncio do Colégio Francês da Madame Podestá valoriza o lugar da Quinta como um dos mais «belos e sadios», onde as educandas teriam a liberdade de passear nas horas vagas⁵.

¹ Adiante nomeada pela forma simplificada “Casa”.

² Adiante nomeada pela forma simplificada “Cooperativa Árvore”.

³ O ano de 1767 é a data comumente aceite para a edificação da casa, tal como nos foi possível constatar no artigo de António Lambert Pereira da Silva (SILVA, 1969:55). No entanto, o acesso condicionado a documentação não nos permitiu corroborar tal afirmação.

⁴ SILVA, 1969: 55.

⁵ *Periódico dos Pobres no Porto*, 1851, 9 de agosto: 765.

Como já foi acima referido, a dupla valência (económica e recreativa) da Quinta não seria comum, uma vez que, e segundo Manuel Graça, até aos finais do século XIX, «a Cidade do Porto estava envolvida por um longo anel de quintas, algumas das quais transformadas em quintas de recreio, quase todas mantendo uma forte componente económica»⁶.

Os Proprietários

Segundo Horácio Marçal, no século XVIII a propriedade pertencia a José Pinto de Meirelles, senhor da Casa de Manguela, em Santo Tirso, e prior da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo (1761-1767), com uma moradia na rua de Belmonte⁷. O *Auto de Património da Capela* corrobora a maioria destes dados, nomeadamente a ligação dos proprietários à rua de Belmonte e a posse da Quinta em 1767⁸. Por outro lado, o *Auto* não confirma a relação de José Pinto de Meirelles com a Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, referindo apenas a distinção de Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Da união destes primeiros proprietários nasce Joaquim Pinto de Azevedo Meireles que contrai matrimónio com D. Maria Clara de Azevedo Albuquerque.

No século XIX, o proprietário do imóvel era então Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque, professor na Academia Politécnica do Porto, e bisneto paterno do Capitão José Pinto de Meireles e de Francisca Clara⁹. Com efeito, os registos testamentários confirmam esta informação dada por Horácio Marçal. Segundo a documentação consultada relativa a Joaquim de Azevedo Souza Vieira da Silva Albuquerque¹⁰ e Helena Estanslada de Azevedo¹¹ terá havido uma ocupação da Casa por parte desta família no decorrer de várias gerações.

Em 1844, a propriedade aparece associada a José Marques Loureiro, que dá início à produção em grande escala de flores e outras plantas decorativas nos terrenos da quinta. Deve-se ainda a este botânico a publicação, em 1864, do primeiro catálogo da especialidade em Portugal¹².

Em 1963 é fundada a Cooperativa Árvore, que se instala dois anos mais tarde na Quinta das Virtudes. Todavia, será somente em 1989 que a Cooperativa adquire o edifício diretamente aos proprietários, Dr. Henrique da Costa Alemão Teixeira e sua mulher Margarida Helena Relvas Navarro de Azevedo de Albuquerque da Costa Alemão Teixeira¹³.

A Casa da Quinta das Virtudes

O edifício que hoje persiste é consentâneo com uma tipologia de solar muito glosada no mundo rural nos séculos XVII a XIX, muito embora esta perceção não seja imediata. A fachada

⁶ GRAÇA, 2004: 50.

⁷ MARÇAL, 1961: 169-173.

⁸ Arquivo Episcopal do Porto, 1767, *Auto de Património da Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José*, f. [2].

⁹ MARÇAL, 1961: 169-173.

¹⁰ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1912, *Registo do testamento com que faleceu Joaquim de Azevedo...* f. 38v-42.

¹¹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1940: *Registo do testamento com que faleceu Helena Estanslada...* f. 177-179v.

¹² SILVA, 1969: 56.

¹³ Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, s.d.

voltada para a rua Azevedo de Albuquerque (antiga rua dos Fogueteiros), define um extenso corpo térreo, cujo portal ostenta as armas da família conferindo-lhe o carácter de casa nobre. Hoje assume-se como a fachada principal do edifício, de acentuado carácter urbano pela sua ligação imediata à rua.

É na fachada voltada para o rio Douro, organizada em quatro pisos, que tiram partido dos socacos do terreno, onde encontramos semelhanças com a arquitetura de aparato. A Casa, à maneira das quintas do Douro, ocupa o local mais elevado e de maior destaque da propriedade¹⁴, demarcando-se na paisagem quando vista a partir do rio — a principal entrada da cidade ao tempo da sua construção. Dois lances de escada enfatizam a escala e o aparato desta fachada, acentuando o domínio sobre a unidade de exploração¹⁵.

Conhece-se uma proposta para “as casas de José Pedro Pinto de Meirelles (...) na Quinta das Virtudes”¹⁶ que não terá sido concretizada, apresentando apenas uma fachada de aparato com dois níveis.. Com risco do arquiteto português José Francisco de Paiva (1744—1824)¹⁷, no alçado destaca-se a linguagem neoclássica que se identifica no aparelho rusticado, a contenção da plástica decorativa e o corpo central coroadado por frontão triangular, estabelecendo uma relação com edifícios próximos da cidade do Porto, como o Hospital de Santo António, o Palácio dos Carrancas, a Cadeia da Relação, e o edifício da atual Reitoria da Universidade do Porto.

Usos dos espaços edificados da Quinta

Como já foi referido, a Quinta das Virtudes é um espaço constituído por várias dependências, como a casa de planta composta em U, o jardim, os anexos e a Capela. Este último elemento, de carácter sacro, surge no âmbito desta investigação como uma referência inédita no que toca às informações recolhidas pelos investigadores que nos precederam.

Do mesmo modo, importa referir que este capítulo surgiu da necessidade de refletir sobre os diversos usos aplicados aos espaços da Quinta, ao longo da sua diacronia. Considerámos igualmente pertinente incluir as informações resultantes da análise das fontes consultadas, refletindo, assim, sobre a fixação intervalada das diversas entidades que neste capítulo enumeramos.

A Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José [1767 – 1872]

*José Pinto Meirelles, residente na Rua de Belmonte, [requere] uma capela com invocação com Nossa Senhora da Conceição, Jesus Maria e José, com porta para a rua pública, de forma a celebrar o santíssimo sacrifício da missa para **proveito público** [...]. Trata-se de uma edificação de novo, «livre de imundices e de humidades (Auto de Património de Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José, 1767: 2-3).*

¹⁴FAUVRELLE, 2001: 68.

¹⁵*Ibidem*: 21.

¹⁶PINTO, 1973: 67.

¹⁷*Ibidem*: 66-67.

No ano da edificação da Casa das Virtudes é requerida a construção de uma capela pelos proprietários da casa, José Pinto Meirelles e sua esposa Francisca Clara. Segundo o *Auto de Património da Capela* (1767), esta foi erigida com invocação a Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José, chegando a ser de culto público¹⁸. A *Planta dos terrenos necessários (...) para alargamento da Rua dos Fogueteiros* (1869)¹⁹ corrobora esta informação, sendo possível identificar o símbolo de um edifício religioso adossado à Casa, no alinhamento da via pública.

Em 1840, segundo a *Licença de obra n.º31/1840*²⁰, o proprietário da Quinta das Virtudes, José de Azevedo Souza Vieira da Silva, requer a exploração de água para a Quinta e revela a existência de uma capela associada à propriedade. A mesma surge ainda no *Mapa de Obras Públicas*²¹ como um corpo anexo e avançado no lado esquerdo em relação à Casa das Virtudes.

Segundo o texto *Efemeridades Portuenses*, no dia 15 de novembro de 1872, é terminada a «demolição de uma capelinha que se encontrava à entrada da Rua dos Fogueteiros [...], tendo sido expropriada para alargamento da rua», tornando assim «necessário o aterro do vão que existia entre o paredão das Virtudes e o edifício onde se encontrava instalado o Colégio Podestá»²².

Como atesta a documentação consultada²³, o projeto de alinhamento da rua terá ditado o desaparecimento da Capela. Também na *Planta topográfica da cidade do Porto*, levantada por Teles Ferreira (1892)²⁴, a estrutura deste edifício já não se encontra representada.

Casa da Roda dos Expostos [1825 – 1832]

Existe registo da transferência provisória da Roda dos Expostos, em 1825, para o prédio número 4 da Rua dos Fogueteiros, à época pertencente a João Azevedo Sousa da Silva. A Roda instalou-se neste local mediante o pagamento de uma renda anual, sendo autorizada à administração a realização de todas as obras consideradas necessárias²⁵. Partindo do grande número de certificados de batismo associados a esta Casa, é legítimo colocar como hipótese que durante o século XVIII possa ter estado instalada neste edifício a «Casa da Roda dos Enjeitados», que no ano anterior estava sediada na casa contígua ao Hospital de Santa Clara das Velhas Inválidas na Cordoaria²⁶. A mudança para este espaço e para o das Virtudes poderá estar relacionada com as condições «de habitabilidade, a falta de quintal e a ausência de água»²⁷.

Segundo Patrícia Alves (2011), baseada nos *Livros de Registos das despesas miúdas da instituição*, esta instituição foi transferida para a Rua de Cedofeita a 13 de novembro de 1832,

¹⁸ Arquivo Episcopal do Porto, 1767: *Auto de Património da Capela...* f. 2-3.

¹⁹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1869: *Planta dos terrenos necessários para a edificação do novo mercado do peixe e seus acessórios, junto do passeio público da Cordoaria, para alargamento da Rua dos Fogueteiros.*

²⁰ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1840: *Licença obra n.º31/1840*, f. 153.

²¹ MALDONADO, 1789: 10.

²² S.A., 1958: 196.

²³ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1869: *Planta dos terrenos necessários...*

²⁴ FERREIRA, 1892: *Planta topográfica da cidade do Porto...*

²⁵ ALVES, 2011: 15.

²⁶ *Ibidem.*

²⁷ *Ibidem.*

aquando do Cerco do Porto²⁸. Com o término da guerra civil, regressa à rua dos Fogueteiros, alugando para o efeito casa a João de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque, «da Quinta das Virtudes»²⁹. Tudo indica que terá sido posteriormente deslocada, em 1838, para o Campo dos Mártires da Pátria³⁰.

Colégio Podestá [1850 – 1854]

Segundo o *Periódico dos Pobres do Porto*³¹, o «Colégio Francêz para Meninas» dirigido por Madame Podestá, ter-se-á instalado no número 44 da rua dos Fogueteiros, em 1850, facto anunciado um ano depois no referido periódico. Não conseguimos apurar a localização precisa do Colégio — se estaria situado na Casa das Virtudes ou em edifícios anexos da Quinta —, mercê das parcas fontes sobre esta matéria. Contudo, sublinhamos o facto de no anúncio do *Periódico dos Pobres do Porto* se evidenciar o acesso das educandas à Quinta das Virtudes³². O Colégio recebia educandas oriundas das «distinctas famílias desta Cidade, das Províncias e do Brasil», oferecendo «o estudo de francez, inglez, portuguez e italiano, música, dança, desenho, estilo espistular, etc» e outros trabalhos como «todas as obras d´agulha, rendas, meias, e a bordar, não só a ouro, mas a outro qualquer fio; em geral todas as disciplinas e prendas próprias d´uma educação elegante»³³.

No mesmo anúncio é referida a necessidade de Madame Podestá «dar mais extenção ao seu estabelecimento», continuando, por isso, a receber discípulas³⁴. Talvez esse alargamento esteja na origem da mudança de instalações, em 1854, para a Rua de São Bento da Vitória³⁵, uma vez que o regime de internato implicava «acomodações dimensionadas», cuja «adequação funcional dos distintos espaços», recaía sobre «os palacetes com maior área livre de jardim»³⁶.

A Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas [1965 – actualidade]

A Cooperativa Árvore é uma cooperativa cultural reconhecida como organismo privado de utilidade pública desde 1984³⁷. Fundada em 1963 «com o intuito de criar novas condições para a produção e difusão cultural», a Cooperativa Árvore propugna pela produção, divulgação e comercialização das obras de arte, assim como pela formação e o intercâmbio cultural e artístico³⁸. Desde 1984, é reconhecida enquanto um organismo privado de «utilidade pública»³⁹.

²⁸ *Ibidem*: 17.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ MARÇAL, 1954: 245.

³¹ *Periódico dos Pobres do Porto*, 1851:765.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*.

³⁴ *Ibidem*.

³⁵ MONCÓVIO, 2009: 25.

³⁶ *Ibidem*.

³⁷ SERENO & GUIMARÃES, 2011.

³⁸ Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas, s.d.

³⁹ SERENO & GUIMARÃES, 2011.

Nos anos de 1960, a Casa da Quinta das Virtudes encontrava-se ao abandono, de «portas abertas, onde se entrava à vontade»⁴⁰. Na década seguinte, a Casa é sujeita a uma série de obras, como o arrasar do lado direito do interior do edifício, constituído por pequenas salas sucessivas ao longo de um corredor, para abrir um amplo espaço, sobre placa. O soalho foi eliminado e criou-se no piso inferior um pequeno auditório que acabou, também ele, por desaparecer⁴¹. Em 1971, a Cooperativa inaugura uma galeria, auditório e oficinas nos campos da serigrafia, litografia, gravura e cerâmica.

A Cooperativa Árvore foi alvo de um atentado de bomba «de grande potência» na madrugada de 7 de janeiro de 1976⁴². A explosão terá causado danos nos vários pisos, sobretudo no telhado, como podemos ver na fotografia reproduzida. A pedra de armas da Casa foi retirada com um guindaste para evitar que ruísse. O Palácio da Justiça, fronteiro à Casa da Quinta, não ficou imune à detonação, que viu destruídos os vitrais decorados com as armas das comarcas que compõem o Distrito Judicial do Porto⁴³.

O *Primeiro de Janeiro* noticia ainda que a causa do atentado poderá estar relacionada com as reuniões que a Cooperativa Árvore terá recebido, nos dias anteriores, da Comissão Antifascista de Apoio aos Revolucionários Presos (CAARP)⁴⁴. Os mandantes ficaram por apurar. Na sequência deste atentado, muita publicidade e movimentos de solidariedade surgiram como forma de apoio e divulgação da instituição⁴⁵.

A remodelação do espaço dá-se nos anos de 1980, a partir do projeto do arquiteto Alcino Soutinho⁴⁶ que reserva o piso ao nível da rua para a receção, salas de exposições temporárias, loja e serviços administrativos. No piso superior encontram-se os espaços da direção e uma Sala de Convívio. Nos pisos inferiores, na zona das traseiras, situa-se um pequeno auditório e distribuem-se os espaços das oficinas, laboratórios e arrumos.

A FONTE DAS VIRTUDES

O Manancial das Virtudes começa a ser explorado em 1619 com a construção da Fonte do Rio Frio (mais tarde denominada «das Virtudes»)⁴⁷. A edificação da fonte, iniciada em 1617 e terminada a 1619, terá sido acompanhada pela abertura da alameda que lhe dá acesso. Entre os anos de 1786 e 1787 é construído o paredão das Virtudes que confere a este espaço um carácter monumental. A Fonte das Virtudes e a zona envolvente tornam-se num novo espaço de lazer da cidade «juntamente com a área envolvente da Fonte da Natividade»⁴⁸. O risco da fonte é atribuído, segundo Manuel Pereira de Novais, a Pantaleão de Seabra e Sousa que terá sido, por diversas vezes, vereador da Câmara do Porto (em 1604, 1608, 1617 e 1621), «passado a ser

⁴⁰ *A árvore das virtudes*, 2001: 34.

⁴¹ *Ibidem*: 37.

⁴² S.A., 1976: 1.

⁴³ *Ibidem*: 7.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *A árvore das virtudes*, 2001: 39.

⁴⁶ SERENO & GUIMARÃES, 2011.

⁴⁷ TEIXEIRA, 2011: 59.

⁴⁸ FERREIRA-ALVES, 1997: 55.

considerado então como arquiteto amador no século XVII, traçando outras edificações na cidade do Porto»⁴⁹. O mesmo autor faz ainda menção aos mestres pedreiros que aqui trabalharam: António de Sousa, Pantaleão Pereira, Gonçalo Vaz⁵⁰.

Segundo Agostinho Rebêlo da Costa, na *Discrição Topográfica e Histórica da Cidade do Pôrto* (1788), a Fonte das Virtudes:

*(...) compõe-se de um alto frontispício e adornado de antigas pirâmides e firmado em bancos de pedras que o rodeiam. A água, que dela sai por duas carrancas gigantescas lavradas na mesma pedra, enche, em menos de um minuto, o maior cântaro. Ao seu lado estão dois tanques em que diariamente lavam de vinte a trinta lavadeiras (...). Esta fonte deu nome à Porta da Cidade, chamada das Virtudes e assim mesmo aos Assentos que ficam ao seu lado*⁵¹.

A origem do nome é também mencionada por Baltasar Guedes quando, a 25 de Junho de 1806, afirma que «nos tempos antigos estava juncto a esta fonte, que entã hera bem limitada (digo no concerto) huma relíquia do Protomartire Santo Estevaõ, com que esta fonte hera miraculoza e sua agoa tinha virtude»⁵².

Tal como Ferreira-Alves sugere, a arquitetura da água adquire uma grande importância na cidade pela sua função primordial: condução e distribuição das águas à população⁵³. Por outro lado, estas estruturas assumem sistematicamente uma função estética, o que confere grande qualidade ao espaço onde estão situadas, podendo, até mesmo, adquirir um estatuto de obra de arte pela qualidade dos seus elementos. Como tal, a Fonte das Virtudes, apesar de atualmente exigir uma intervenção de requalificação, é um dos melhores exemplares entre as fontes públicas que a cidade mandou edificar, reconhecida e classificada como Monumento Nacional em 1910⁵⁴.

Sob o ponto de vista da organização formal, esta arquitetura da água apresenta um grande espaldar que pode ser dividido verticalmente em 3 panos de muro, sendo que a maior carga decorativa se concentra ao centro. Neste pano de muro central está colocado um plinto que segura duas pilastras que, por sua vez, enquadram a decoração central, a partir da qual, numa zona inferior, saem duas carrancas que jorram água para o tanque (que atualmente se encontra praticamente enterrado). Estas carrancas com forma de «cabeça de bestas», segundo Ferreira-Alves, caracterizadas por um gosto exótico e uma linguagem decorativa dita maneirista, terão sido inspiradas em tratados do século XVI, como, por exemplo, os de Wendel Dietterlin e de Hans Vredeman de Vries⁵⁵. Com efeito, parte da linguagem formal aqui patente remete para uma tradição flamenga, visível nos *rollwerk* da cartela central e nas aletas do espaldar. A rematar o corpo central eleva-se um frontão curvo interrompido onde, outrora, terá existido uma coroa a encimar as armas reais, que subsistem no tímpano.

⁴⁹ *Ibidem.*

⁵⁰ *Ibidem.*

⁵¹ COSTA, 1788: 60-62.

⁵² *Ibidem*: 211.

⁵³ FERREIRA-ALVES 1997: 55.

⁵⁴ Decreto-Lei nº136, 23 de junho de 1910: 2166.

⁵⁵ FERREIRA-ALVES 1997: 55-56.

No registo superior conservam-se dois castelos em alto-relevo a ladear um nicho que, em tempos, terá recebido uma imagem da Nossa Senhora, também conhecida por *Senhora das Virtudes* (hoje desaparecida) que, no seu conjunto, representavam as armas da cidade do Porto⁵⁶. No plano inferior haveria uma lâmina em mármore vermelho, entretanto desaparecida, «enquadrada por um caixilho com ferragens e figuras helicoidais», seguindo o mesmo gosto decorativo maneirista⁵⁷. Segundo Agostinho Rebêlo da Costa, esta lâmina reproduziria a seguinte inscrição em latim:

*FONS SCATET ILLUSTRUM VIRTUTUM NOMINE DICTUS : QUI SITIT, HAS LYMPHAS ABSQUE TIMORE BIBAT, ANTE CAVERNOSUM DE PUMICE DEGENERIBAT : OBSTABANT PIGRA LIMUS ET UMBRA MORA. PUBLICA CONSPICUAS EXPENSA DUXIT IN AURAS, UTQUE LOCO FLUERET COMMODIORE DEDIT. INDE VIAM STRAVIT, DEJECITQUE ORDINE SEDES, GRATIA TAM GRATIS MAIOR UT ESSET AQUIS*⁵⁸

Numa leitura horizontal, os dois corpos laterais apresentam uma composição mais austera. De risco simétrico, desenharam, em meio relevo, uma pirâmide rematada por esferas ligada por uma aleta às pilastras centrais. Na zona superior da cornija ainda subsistem vestígios decorativos, que seriam duas das esferas referidas pelo pároco de Miragaia, em 1758⁵⁹.

A nascente das Virtudes é considerada imprópria para consumo por Tito de Bourbon e Noronha, a 3 de novembro de 1884, na sua Dissertação Inaugural que apresenta à Escola Médico-Cirúrgica do Porto, onde refere:

*Muita architectura, muita inscripção latina e muita impureza. A agua é procurada em uma mina que se dirige para o jardim de horticultura de Marques Loureiro [...]. A agua é má, salobra, desagradavel e impropria para a alimentação, e só tem de virtude ser a peor de todas*⁶⁰.

A RUA DOS FOGUETEIROS

Segundo Horácio Marçal, a designação antiga de rua dos Fogueteiros, atual rua de Azevedo de Albuquerque, é justificada pela existência de vários artificios de pirotecnia no local⁶¹. Na planta da cidade do Porto desenhada por W.B. Clarke (Society for the Diffusion of Useful Knowledge, 1833) a rua dos Fogueteiros não aparece legendada. Contudo, identifica-se a rua das Carrancas que desemboca na rua da Bandeirinha que, por sua vez, se relaciona com a rua dos Fogueteiros. Segundo Marçal, a “Calçada das Carrancas” teria sido integrada pela rua dos Fogueteiros e desaparece definitivamente com a construção do paredão dos Fogueteiros, que veio dar continuidade à rua da Restauração⁶². Efetivamente, no Mapa de Teles Ferreira de 1892 a rua das

⁵⁶ SERENO, LEÃO & NOÉ, 2011.

⁵⁷ FERREIRA-ALVES 1997: 56.

⁵⁸ Segundo tradução de Fausto Sanches Martins: «Fonte com o nome honroso das virtudes brota com abundância: Quem tiver sede, beba sem temor desta água. Até há bem pouco tempo, a água nascia entre as pedras: O barro e as silvas impediam o acesso. O empenho público colocou as águas ao alcance de todos. Possibilitou que corresse por melhor caminho. Depois aplanou o caminho, e colocou ordenadamente assentos. Para que as águas agradecidas pudessem correr livremente» (COSTA, 1788: 60-62).

⁵⁹ FERREIRA-ALVES, 1997: 56.

⁶⁰ NORONHA, 1885: 30.

⁶¹ MARÇAL, 1961: 169-173.

⁶² *Ibidem*.

Carrancas já não aparece identificada⁶³. Do lado direito da rua dos Fogueteiros, junto ao paredão, está assinalado um caminho estreito com escadas que sugere acesso ao *Campo dos Martyres da Pátria*⁶⁴.

Constata-se que no paredão permanecem ainda três grandes arcos. Segundo Marçal, o arco central possuía uma fonte dita «dos Fogueteiros», cuja água, que caía num espaçoso tanque construído em 1843⁶⁵, provinha de «dentro da cerca — vulgo Malvas — do Hosp.al real da Cordoaria», tal como é referido no *Mapa das Fontes Públicas*, datado de 1835⁶⁶. A água desta fonte, já existente antes de 1820, foi encanada por baixo do arco depois de erguido o paredão, seguindo as suas vertentes para a Quinta das Virtudes.

No decorrer da nossa investigação, foi possível traçar uma linha narrativa da história da Quinta das Virtudes, da família que a habitou e dos seus usos ao longo dos séculos. Não obstante, foram muitos os aspetos que permaneceram incertos.

Deparamo-nos, nesse sentido, com limitações ao nível das fontes, nomeadamente na ausência de documentação que ateste os dados comumente aceites, assim como de registos de documentação relativos à construção da Casa. Constatámos, portanto, que as reflexões existentes sobre a Quinta das Virtudes e a sua envolvente afirmam-se como pontos de partida pelas informações que referem: não só pelas questões que levantam, mas também pelas lacunas que expõem. Contudo, a falta de critérios científicos de pesquisa e de interpretação desses textos provou necessária a sua comparação e análise com fontes documentais várias, de entre as quais mapas, licenças de obras e testamentos. Do mesmo modo, e partindo de uma pista sugerida em mapa, pudemos comprovar a existência do *Auto de Património da Capela* no Arquivo da Diocese do Porto, fundamental para o balizamento concreto da edificação da capela.

Assim sendo, o presente artigo sugere um novo olhar sobre a Quinta das Virtudes, pretendendo ser uma referência para novos percursos de investigação.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- A árvore das Virtudes. 38 anos com a cidade* (2001). Porto: Edição Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas, C.R.L.
- AFONSO, Daniel Borges Braz (2012) – *A rua na construção da forma urbana medieval: Porto, 1386-1521*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ALVES, Patrícia Alexandra Lopes (2011) – *A construção e reconstrução da Memória da Casa da Roda do Porto – o Arquivo (1689-1838)*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Relatório de estágio Dissertação de Mestrado.
- ANDRESEN, Teresa & PORTELA, Teres Marques (2001) – *Jardins Históricos do Porto*. Lisboa: Edições INAPA, S.A.

⁶³ FERREIRA, 1892: quadrícula 236.

⁶⁴ *Ibidem*: quadrícula 237.

⁶⁵ MARÇAL, 1961: 169-173.

⁶⁶ TEIXEIRA, 2011: 218.

- ARAÚJO, Ilídio (1979, novembro) – Jardins, parques e quintas de recreio no aro do Porto, *Revista de História: Actas do Colóquio «O Porto na Época Moderna»*, volume II. Porto: Instituto de Investigação Científica.
- Arquivo Episcopal do Porto (1767) – *Auto de Património de Capela de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José*. [DOC PT/AED/DP/CUR-SGC/001/0496].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1840, 20 de julho) – *Licença obra nº31/1840* [A. H. M. P. – D-CMP/7(4) - f. 153].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1869) – *Planta dos terrenos necessários para a edificação do novo mercado do peixe e seus acessórios, junto do passeio público da Cordoaria, para alargamento da Rua dos Fogueteiros* [A. H. M. P. – D-CDT/A3-666].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1912, 23 de janeiro) – *Registo do testamento com que faleceu Joaquim de Azevedo Souza Vieira da Silva Albuquerque, lente jubilado da Academia Politécnica*. Porto, Administração do Bairro Oriental. [A. H. M. P. – A-PUB/5384-f.38v-42].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1940, 16 de novembro) – *Registo do testamento com que faleceu Helena Estanislada de Azevedo, dona de casa*. Porto, Administração do Bairro Oriental. [A. H. M. P. – A-PUB/5237-f.177-179v].
- CARNEIRO, Manuel Almeida (2016) – *"Si bene aedificaveris, bene habitaveris": entre a casa agrícola e a quinta de recreio no espaço rural do Porto (séculos XVIII-XIX)*. Lisboa: Universidade Aberta. Tese de Doutoramento.
- COSTA, Agostinho Rebêlo (1788) – *Discrição Topográfica e Histórica da Cidade do Pôrto*. 2ª edição. Porto: Edição paga por Manuel Pereira e Casa dos Moradores de Livros.
- DECRETO-LEI nº136 de 23 de junho de 1910. *Diário do Governo*, n.º 136 (p. 2166).
- FAUVRELLE, Natália (2001) – *Quintas do Douro. As Arquitecturas do Vinho do Porto*. Santa Maria da Feira: GEHVID – Grupo de Estudos de História da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto. ISBN: 972-96896-7-9
- FERREIRA, Augusto Gerardo Teles (1892) – *Planta topográfica da cidade do Porto, á escala 1:500, levantada sob direção de Augusto Gerardo Teles Ferreira* [quadricula 237]. [Arquivo Histórico Municipal do Porto – D-CFT/A4-51(237)].
- FERREIRA, Augusto Gerardo Teles (1892) – *Planta topográfica da cidade do Porto, á escala 1:500, levantada sob direção de Augusto Gerardo Teles Ferreira* [quadricula 236]. [Arquivo Histórico Municipal do Porto – D-CFT/A4-51(236)].
- FERREIRA-ALVES, Joaquim Jaime B. (1997) – *A Arquitectura da Água: Chafarizes e Fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII*. Arouca: Centro de Estudos D. Domingos de Pinho Brandão.
- GRAÇA, Manuel de Sampaio Pimental Azevedo (2004) – *Construções de elite no Porto (1805-1906)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- MALDONADO, Theodoro de Souza (1789) – *Mapa das Obras Públicas, que estiveram em accção neste presente anno de 1789 feitos por Theodoro de Sousa Maldonado formado em Matemática e Architecto desta Cidade do Porto*. [Arquivo Histórico Municipal do Porto – D-TGa/1].
- MARÇAL, Horácio (1954, março) – O Largo dos Lóios. Sua origem e formação. *O Tripeiro*. Série V, ano IX, nº3, p. 245.
- MARÇAL, Horácio (1961, fevereiro) – A Rua dos Fogueteiros, *O Tripeiro*. Porto. Série VI, ano I, nº2, pp. 169-173.
- MONCÓVIO, Susana Maria Simões (2009) – *Prenda ou Arte? A participação feminina nas Exposições Trienais da Academia Portuense de Belas Artes (1842-1887)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- NORONHA, Tito de Bourbon e (1885) – *As Aguas do Porto*. Porto: Typographia Occidental. Dissertação Inaugural Apresentada à Escola Medico-Cirurgica do Porto.
- PEREIRA, Ana Cristina (2007) – *Os Conventos do Porto: Descontinuidades, transformação e reutilização*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- Periódico dos Pobres no Porto* (1851, 9 de agosto). Série III, ano XVIII, nº 186.

- PINTO, Maria Helena Mendes (1973) – *José Francisco de Paiva. Ensamblador e Arquiteto do Porto (1744 -1824)*. Lisboa, MNAA.
- S.A. (1976, 8 de janeiro) – Bomba de grande potência colocada na Cooperativa Árvore causa centos de contos de prejuízo. *O Primeiro de Janeiro*.
- S.A. (1958, outubro). Efemérides Portuenses. *O Tripeiro*. Série V, ano XIV, nº 6.
- SILVA, António Lambert Pereira de (1969, janeiro) – Uma casa (da Quinta das Virtudes), *O Tripeiro*. Porto. Série VI, ano IX, nº1, pp. 55ss.
- Society for the Diffusion of Useful Knowledge (1833, 1 de janeiro) – *Reprodução de planta da cidade do Porto, ilustrada com vista sobre o Rio Douro a partir da Torre da Marca*. Gravada por J. Henshall e desenhada pelo Arqº. W. B. Clarke. Strand, Chapman & Hall Publishers [A.H.M.P. – D-CDT/B3-46].
- TEIXEIRA, Diogo Emanuel Pacheco (2011) – *O Abastecimento de Água na cidade do Porto nos séculos XVII e XVIII. Aquedutos, Fontes e Chafarizes*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- TEIXEIRA, Sandra Cristina Martins (2012) – *Espaços Públicos, Processos de Desenvolvimento Urbano e Períodos Morfológicos da Cidade do Porto*. Porto, Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.

Referências em linha

- ÁRVORE, Cooperativa de Actividades Artísticas (s.d) – *Quem somos*. Disponível em <<http://www.arvorecoop.pt/sobre>>. [Consulta realizada a 01/10/2016].
- SERENO, Isabel & GUIMARÃES, Maria (2011, 27 de julho) – *Casa das Virtudes/ Casa dos Pintos de Meireles/ Casa dos Albuquerque / Edifício da Cooperativa Árvore* [registo de inventário de Património Arquitetónico em linha]. SIPA/Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=14111>. [Consulta realizada a 01/10/2016].
- SERENO, Isabel; LEÃO, Miguel & NOÉ, Paula (2011, 27 de julho) – *Fonte do Rio Frio / Fonte das Virtudes* [registo de inventário de Património Arquitetónico em linha]. SIPA/Direção-Geral do Património Cultural. Disponível em <http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5546>. [Consulta realizada a 01/10/2016].

GONÇALVES, Ana Patrícia; DIOGO, Andréa; DUARTE, Joana & SANTOS, Marisa (2017) – *As Virtudes: a Quinta, a Fonte e a Rua dos Fogueteiros. Jardim e Passeio das Virtudes: Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto , pp. 13-24.

VIRTUDES E A ENVOLVÊNCIA URBANA

VERA BARBOSA*

Resumo: Este artigo tem como objetivo a compreensão do desenvolvimento urbano da colina do Olival intramuros, que se inicia com a criação da Judiaria Nova, e posterior expansão extramuros. A necessidade de expandir a cidade e de criar espaços verdes levou a Junta das Obras Públicas (1789-1892), entre muitas outras intervenções, a atuar primeiro no Jardim da Cordoaria e, depois, no passeio das Virtudes. Estes dois núcleos foram importantes para transformar a envolverência urbana da zona das Virtudes. É neste contexto, que as ruas que se desenvolviam junto à cintura da muralha gótica, a rua das Taipas (intramuros) e rua Dr. Barbosa de Castro (extramuros) se tornam o nosso campo de estudo.

Palavras-chave: *Virtudes; Taipas; Vitória; Porto; Rua Dr. Barbosa de Castro*

Abstract: The present paper tries to understand the urban development of the Olival Hill, which starts with the creation of the New Jewish Quarter, within the walls of the city and, subsequently, outside. The need to expand the city and create green areas led to the intervention of the Public Works Board (1789-1892), amongst many others, in the Cordoaria Garden and, afterwards, the Promenade of Virtudes. These were of great significance for the transformation of the Virtudes area. It is in this context that the streets, developed along the waist of the Gothic wall, the Taipas Street (intramural) and the Dr. Barbosa de Castro Street (extramural) form our object of study.

Keywords: *Virtudes; Taipas; Vitória; Porto; Dr. Barbosa de Castro Street*

*Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, DCTP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O presente estudo centra-se no desenvolvimento urbano do Morro da Vitória por forma a compreender a relação entre a zona das Virtudes e a primitiva cidade muralhada. Entre 1789 a 1892 assistimos a uma maior preocupação por parte da Junta das Obras Públicas da cidade do Porto para fazer comunicar a parte intramuros e extramuros. Entre muitas outras ações, deste planeamento resultaram as transformações do Jardim da Cordoaria assim como a construção do Paredão das Virtudes, já fora dos limites da muralha gótica. A cidade precisava de espaços verdes e para tal contribuiu a demolição daquela.

Dentro deste contexto, procuramos compreender a formação e os desenvolvimentos de duas ruas por serem as que se desenvolviam junto à cintura da muralha: a rua das Taipas, intramuros, e a rua Dr. Barbosa de Castro, extramuros. Dado a sua importância neste desenvolvimento urbano, estas duas vias permitem o acesso da primitiva cidade muralhada ao local das Virtudes.

Alguns estudos foram fundamentais para podemos abordar este tema. De relevar a investigação realizada por José Ferrão Afonso e que em muito tem vindo a contribuir para o conhecimento dos desenvolvimentos urbanos, mas também dos constrangimentos, da colina que primitivamente se denominou do Olival. Partimos pois da sua investigação em torno da Rua das Flores¹. Não podemos deixar de mencionar o pouco divulgado estudo sobre a colina da Vitória e o seu papel na construção de uma nova cidade², fundamental para o entendimento do seu lugar (e por inerência das Virtudes) na cidade de hoje. Por fim, relevamos o estudo do mesmo autor sobre a judiaria no Morro da Vitória³ e como esta, a montante, ditou as peculiaridades no desenvolvimento da malha urbana deste lugar e determinou a futura expansão da cidade do Porto no sentido do mar, para ocidente.

Ainda ao nível da investigação sobre a história urbana da cidade do Porto, devemos mencionar um estudo anterior de síntese, mas de referência pela leitura global que proporciona sobre a cidade do Porto, da autoria de Manuel Luís Real e Rui Tavares, *Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto*, «concretizado no âmbito da preparação da candidatura do Centro Histórico do Porto a Património Mundial da Humanidade» (1993).

Outros estudos foram realizados, apresentando excertos de referência pertinentes, como o caso da obra *Construções de Elite no Porto:1805-1906* de Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo Graça. O trabalho de campo e as fontes cartográficas também contribuíram para aferir transformações na diacronia.

A cartografia usada data de um período compreendido entre 1789 a 1892. Estas cartas mostram as alterações efetuadas e previstas na parte da cidade que é objeto este estudo, ou seja, a intervenção no Passeio das Virtudes, no Jardim da Cordoaria e a demolição da muralha. As ruas das Taipas e Dr. Barbosa de Castro aparecem referidas permitindo ver as transformações planeadas e confrontar com a realidade atual.

¹ AFONSO, 2000.

² AFONSO, 2001.

³ AFONSO, 2006.

DESENVOLVIMENTO URBANOS NO MORRO DA VITÓRIA

O traçado da rua das Taipas foi condicionado pela existência da muralha medieval e pela presença da judiaria implantada no local a partir do século XIV. Segundo Daniel Afonso:

(...) a determinação régia para os judeus se transferirem para o interior das muralhas conduziu-os de Monchique, em Miragaia, à ocupação do Morro do Olival, dentro do perímetro da Muralha Fernandina. Em 1386, D. João I (r. 1385-1433) ordena à Câmara que escolhesse um lugar do burgo muralhado para que os judeus pudessem construir a sua nova judiaria⁴.

Conforme escreveu José Ferrão Afonso, o eclodir das guerras com Castela levou D. João I a ordenar a criação de uma judiaria intramuros que se situaria na então ainda pouco povoada zona do Olival⁵. Esta iniciativa insere-se numa mais vasta intervenção do rei no ordenamento da cidade, destacando-se, igualmente, a abertura da rua Nova (atual rua do Infante) já em construção em 1395. Esta rua irá definir um novo eixo viário, paralelo ao rio, entre a rua dos Mercadores e o padrão do Convento de S. Francisco.

De traçado ortogonal, a judiaria corresponde a uma urbanização planeada contrariando, de certa forma, a prática dominante na expansão urbana da cidade, onde o traçado urbano intramuros tendeu a desenvolver-se organicamente, definindo ruas estreitas e tortuosas, acompanhando as curvas de nível marcadas pela orografia do território cujas ruas ‘novas’ resultam, tradicionalmente, da urbanização dos caminhos que partem das portas das muralhas⁶, definindo assim novas áreas de expansão urbana extramuros.

Situada num local considerado alto e arejado, a nova judiaria dava resposta a um conjunto de normas de higiene. Além disso, «a orientação de uma das suas portas na direção de uma fonte ou cemitério» daria resposta aos preceitos ligados à tradição religiosa e urbanística dos judeus⁷. Esta nova área urbana ficou conhecida como Judiaria Nova, tendo dado resposta não só a uma questão religiosa, mas talvez a uma vontade de isolar, da restante população e numa determinada área, uma comunidade ‘estrangeira’, ligada ao comércio internacional, cujos serviços se não podiam dispensar⁸.

Foram os judeus ocupar o plano que coroava o hoje designado Morro da Vitória e que ainda se encontrava desocupado⁹, o que permitiu desenvolver nesta zona um arranjo urbanístico autónomo e de grande coerência formal, num térreo circuitado por um muro com as respetivas portas. Ao modo de pequeno burgo, foi este espaço ordenado de acordo com um eixo principal, no sentido norte-sul — a atual rua da Vitória —, e em relação ao qual foram surgindo as várias artérias transversais.

Para a renovação urbanística da colina do Olival, em muito contribuíram as novas artérias, cuja disposição foi determinada pelas difíceis condições do local, conduzindo para as portas da muralha gótica — a de Carros no sopé e a do Olival no planalto —, e rodeando também o núcleo central da antiga Judiaria¹⁰. É, pois, neste contexto que devemos entender o

⁴ AFONSO, 2012: 509.

⁵ AFONSO, 2006: 43.

⁶ *Ibidem*: 46.

⁷ AFONSO, 2006: 46.

⁸ AFONSO, 2000: 27.

⁹ REAL & TAVARES, 1993: 398.

traçado das ruas em estudo, a das Taipas e a Dr. Barbosa de Castro. Todavia, o desenvolvimento urbano foi marcado por alguma estagnação, fruto do isolamento criado por estas condições.

A população da colina era, ainda no século XVI, formada sobretudo por homens dos mesteres cujas profissões ficaram ligadas à toponímia de algumas das suas ruas: rua dos Coronheiros, rua dos Besteiros, rua da Ferraria, Cordoaria, etc. Todavia, o Morro do Olival ficou esquecido pelos poderes públicos durante grande parte do século XVI, período de intensa atividade de criação urbana no Porto¹¹.

No período de domínio espanhol do trono português, sentiu-se uma importante consolidação do poder civil através do reforço da administração regional. Foi assim reforçado o poder judicial, o que se refletiu na criação do Tribunal da Relação, numa decisão de Filipe II (1598-1621) datada de 1582, edificado no Campo do Olival. Contudo, este primeiro edifício foi profundamente danificado pelo terramoto de 1755, pelo que se pretendeu criar uma estrutura mais moderna, dotada de celas arejadas, organizadas por sectores e que hoje reconhecemos como Tribunal e Cadeia da Relação.

Um aspeto interessante das preocupações urbanísticas dos Filipes foi o do reordenamento dos espaços públicos, conforme atestam as primeiras alamedas — Olival, Hortas e Batalha —, com a plantação de árvores e a instalação de bancos de repouso, a par da criação de praças públicas, da renovação das calçadas e no abastecimento de águas e melhoria dos cais de acostagem¹². A falta de zonas verdes na cidade amuralhada, depois da abertura da rua das Flores (1521-1525) e da destruição da vasta zona de hortas que ocupava o vale do rio de Vila, levaram Filipe II a criar, em 1611, no local designado de Cordoaria, uma vasta alameda¹³. A proximidade do Tribunal e Cadeia da Relação também pesou na decisão régia de construção do jardim, geométrico e racional, que com ela se relacionou.

A Restauração da Independência (1640) e a importância dada às obras de assistência — atestada pela criação do Recolhimento do Anjo (1672) —, realça a atenção de que foi alvo a zona do Olival. Um aspeto que caracteriza a intervenção dos Almadás na cidade do Porto prende-se com o arranjo dos jardins públicos e especialmente os organizados em jeito de varandas para o rio, como o das Virtudes.

Atentamos, agora, em dois arruamentos fundamentais que intermedeiam a área da antiga Judiaria Nova e o Passeio das Virtudes: a rua das Taipas e a rua Dr. Barbosa de Castro. Como vimos acima, o desenvolvimento destas artérias e as suas características diferenciadoras têm de ser compreendidas na sua relação com a pré-existente Judiaria Nova, com a topografia do local, manifestando-se esta na acentuada pendente das duas ruas bem como pela presença da muralha gótica. A rua das Taipas, intramuros, acompanhava o traçado da muralha e a rua Dr. Barbosa de Castro, assim designada a partir de 1920, desenvolveu-se extramuros.

A rua das Taipas estendia-se junto à cintura da muralha e permitia o acesso a duas das suas portas, a Porta do Olival e ao Postigo das Virtudes. A primeira localizava-se entre a Cadeia da Relação e a Igreja dos Clérigos, e a segunda junto ao atual Antigo Clube Inglês e à Fonte das Taipas. Esta fonte foi encomendada à Câmara em 1772, pelos moradores do largo do Postigo das

¹⁰ AFONSO, 2001: 203.

¹¹ *Ibidem*: 205.

¹² REAL & TAVARES, 1993: 401.

¹³ AFONSO, 2001: 210-211.

Virtudes com intenção de substituir um chafariz existente construído em 1707¹⁴. Está enquadrada entre dois edifícios e adossada à parede. A sua forma é de um tronco de pirâmide, rematada por um florão e assente numa taça semicircular.

Na planta *Mapas das Obras publicas que estiveram em acção neste presente anno de 1789* riscada por Theodoro de Sousa Maldonado¹⁵, relativa às Obras Públicas desse mesmo ano, compreende-se a intenção de intervir nos edifícios da rua das Taipas assim como em toda a área envolvente. Tais propostas devem ser entendidas na política urbana da época dos Almadás. Como constatamos na legenda da planta, também é mencionado na segunda «conta» remetida em 15 de Fevereiro de 1790, a indicação do conserto feito na rua das Taipas. Sabendo que a Junta tivera que comprar, em anos anteriores, propriedades para o alinhamento das ruas, vemos marcados a traço vermelho os lotes que irão sofrer alterações¹⁶, verificando-se, assim, a intenção de expansão e reforma da cidade.

Nos anos que se seguiram pouco foi alterado havendo apenas alguns apontamentos nas contas enviadas a Lisboa. Conhecemos apenas a intervenção em passeios na rua das Taipas entre 1797—1798¹⁷.

Na planta de 1800 *Mapa das Casaz que fazem frente a Cordoaria*¹⁸, identificamos algumas alterações significativas. Comparando esta planta com a de Theodoro de Sousa Maldonado *Mapas das Obras publicas que estiveram em acção neste presente anno de 1789*, destacamos alguns detalhes que foram alterados.

Atualmente, a rua das Taipas, no trecho mais próximo da Cadeia da Relação é mais larga em comparação com o seu restante traçado. É possível confirmar a intenção de demolir parcialmente alguns edifícios assim como a reorganização do alinhamento, pois sabemos que a Rainha autorizou os proprietários possuidores de casas encostadas à muralha, ou a ela contíguas que pudessem «adiantadas e crescer com elas até o alinhamento regular da referida rua»¹⁹. Esta afirmação é sobre a rua de Trás que iria comunicar com a Igreja dos Clérigos após a demolição da muralha. O mesmo poderá ter acontecido na rua das Taipas e na rua do Dr. Barbosa de Castro.

A muralha foi um elemento que restringiu o espaço de expansão da cidade, pretendida na época dos Almadás. Neste sentido uma das principais intervenções da Junta seria iniciar a demolição da muralha entre 1787 e 1804. (Ibidem: 561). Remetendo novamente para a planta de 1800, percebemos o objetivo de fazer comunicar a parte da cidade intramuros com o crescimento extramuros.

Contudo muitos dos propósitos continuam por realizar. Em 1825, temos uma nova sugestão de alinhamento que implicava a demolição de edifícios da «*propriedads definadas por Ordem Regia*»²⁰. O resultado desta intervenção corresponde à configuração presente. A travessa

¹⁴ TEIXEIRA, 2011: 77-78.

¹⁵ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1789: *Mapas das obras públicas que estiveram em ação neste presente ano de 1789*.

¹⁶ FERREIRA-ALVES, 1987: 539; 542.

¹⁷ *Ibidem*: 546.

¹⁸ Arquivo Histórico Municipal do Porto, [1800]: *Mapa das casaz que fazem frente à Cordoaria*.

¹⁹ FERREIRA-ALVES, 1987: 562.

²⁰ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1825: *Esta planta mostra o alinhamento (...) a que se procedeu na Alameda da Cordoaria(...)*.

de S. Bento e a rua das Taipas desembocam no Jardim da Cordoaria.

Embora se desconheça a data de construção da casa da rua das Taipas que pertenceu aos Brito e Cunha, família com solar da Casa do Ribeirinho (Matosinhos), o edifício, pela tipologia que apresenta, parece pertencer ao período almadino conforme escreveu Manuel de Azevedo Graça. Na planta de George Balck (1813) o lote já apresentava construções. Encostada à muralha, o que constringia o desenvolvimento do seu alçado posterior, a casa viria a receber transformações e redefinição do lote já no século XIX²¹.

A construção é coroada com as armas da família Brito e Cunha: «(...) nos corpos laterais é aberta uma janela, cujo ritmo intercala com a porta do corpo central. Sobre esta, assenta uma pedra-de-armas, de escudo ovalado, com as armas plenas de Brito; é envolvido por castelãs e paquife e sobreposto por um elmo»²².

O lote que se encontra em frente a essa marcação pertence à mesma família. Sabe-se que D. Ermelinda Júlia de Brito e Cunha, sua filha casou com Tomás Glas Sandeman que recebera o título de Barão em 1883²³. As propriedades assinaladas na planta de 1825 serão destinadas à nova casa de D. Ermelinda Júlia de Brito e Cunha Sandeman e Tomas Glas Sandeman²⁴.

Também nesta rua habitou a família Leite Pereira, uma das mais importantes, que residiu no Porto desde o século XVI²⁵. A casa foi adquirida por D. Maria Leite Pereira de Melo (1665–1737), viúva de Francisco Gomes da Silva ao correio-mor de Coimbra, Francisco Zuzarte Maldonado. Em 1734 mandou fazer na «porta da rua na forma da planta della [...] abrindo-lhe as armas, e fazendo a dita porta com todas as folhajes que estão na dita planta e a janella de peitoril em sima da dita porta»²⁶. Posteriormente adaptada a estabelecimento comercial²⁷, encontra-se hoje degradada e abandonada.

Sobre a rua do Calvário (atual rua Dr. Barbosa de Castro) coligimos informações que datam entre 1800 e 1892. Atualmente inicia-se com a Capela das Almas de S. José das Taipas, mandada edificar em 1666 por Pantaleão Pacheco e a sua mulher, Isabel da Silva em memória do seu filho José Pacheco²⁸.

Observando as plantas já referidas no presente artigo, concluímos que no século XIX existia um aglomerado de edifícios junto à Capela. Porém, em 1892, alguns já se encontram demolidos, passando a rua a abrir diretamente para a Cordoaria. O alinhamento previsto de 1800 só se concretizou parcialmente, não tendo sido realizado em todo o comprimento da rua como é visível em três construções que não estão alinhadas, mas sim em plano recuado relativamente às restantes edificações. Toda a frente urbana está encostada à muralha que, neste caso, conseguimos ver parcialmente.

²¹ GRAÇA, 2004: 57-59.

²² *Ibidem*: 20.

²³ QUARESMA, 1995: 177.

²⁴ GRAÇA, 2004: 76.

²⁵ FERREIRA-ALVES, 2001: 28.

²⁶ *Ibidem*: 51.

²⁷ QUARESMA, 1995: 178.

²⁸ *Ibidem*: 57.

Do lado oposto, encontramos o edifício da Escola Artística e Profissional Árvore e, no seguimento, com o número 37, a casa onde nasceu Almeida Garrett. Assinalada por uma placa comemorativa onde se pode ler: «Casa onde nasceu aos 4 de Fevereiro de 1799. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. Mandou gravar á memória do Grande Poeta a Câmara municipal d'esta cidade em 1864».

Para a pedra comemorativa ser colocada na fachada, algumas alterações foram feitas. A partir de uma gravura publicada no semanário ilustrado *Archivo Pittoresco* em 1861 podemos ver a fachada antes da colocação da placa²⁹. A fachada é dividida em três corpos com quatro pisos. O piso térreo é composto por uma janela e duas portas, seguido do mezanino, dois pisos superiores ladeados por varandas corridas e termina com um piso sobreposto. Trata-se de um prédio setecentista, característico da reforma urbanística da época dos Almadás³⁰. É no corpo central, no lugar da janela no mezanino, que a pedra comemorativa foi colocada.

A evolução da colina do Olival demonstra bem que, para compreender os lugares urbanos, é fundamental atentar às pré-existências, sejam elas naturais ou já resultantes da ação antrópica. As características orográficas do local ditaram, como vimos, a acentuada pendente das ruas em estudo, cuja orientação e escala foram determinadas por duas pré-existências, a Judiaria Nova e a muralha gótica. A importância alcançada por esta zona a partir do período filipino tornou-a atrativa à fixação de famílias nobres, cuja presença se identifica pelas casas nobilitadas com pedras de armas, que marcam a paisagem urbana, mas sobretudo pela preocupação com a criação de espaços lúdicos, como os espaços verdes que se começaram a formar na Cordoaria e que, posteriormente, culminou no aparecimento do Passeio das Virtudes. Com este último, a cidade abre-se a ocidente, à foz do rio Douro, expansão que os primeiros anos do século XIX irão consolidar, após o triunfo do liberalismo³¹ e que é atestada pelo início da construção da nova Alfândega, na antiga praia de Miragaia, a partir de 1851, para melhorar o escoamento de produtos por via fluvial e marítima, bem como pela inauguração do Palácio de Cristal em 1865, reflexo já da renovação económica e tecnológica da cidade³².

BIBLIOGRAFIA CITADA

- AFONSO, Daniel Borges Braz (2012) – *A rua na construção da forma urbana medieval: Porto, 1386-1521*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- AFONSO, José Ferrão (2000) – *A Rua das Flores no século XVI. Elementos para a História Urbana do Porto Quinhentista*. Porto: FAUP Publicações.
- AFONSO, José Ferrão (2000) – Dinâmicas urbanísticas do Porto no século XVI e início do século XVII: A colina da Vitória como construção de uma cidade nova, in *Actas do Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português (1415-1822)*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações

²⁹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1985: Gravura representando Casa onde nasceu Almeida Garrett.

³⁰ QUARESMA, 1995: 178.

³¹ REAL, 1993, p. 407.

³² *Ibidem*: 411.

dos Descobrimentos Portugueses, p. 201-211.

AFONSO, José Ferrão (2006) – *Sobre um possível hêkhal: aspectos do urbanismo e arquitectura do Olival, da judiaria ao liberalismo*. Porto: Humanística e Teologia.

ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira (2001) – *A casa nobre no Porto na época moderna*. Coleção Portucale. Lisboa: Editora Inapa.

FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha e (1999) – *Toponímia portuense*. Matosinhos: Editor Contemporânea.

GRAÇA, Manuel de Sampayo Pimentel Azevedo (2004) – *Construções de Elite no Porto: 1805-1906*. Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

REAL, M. L.; TAVARES, R. (1993) – Bases para a compreensão do desenvolvimento urbanístico do Porto, in *Porto a Património Mundial*. Porto.

QUARESMA, Maria Clementina de Carvalho (1995) – *Cidade do Porto*. Coleção Inventário Artístico de Portugal: 13. Lisboa: Editor Academia Nacional de Belas-Artes.

TEIXEIRA, Diogo Emanuel Pacheco (2011) – *O Abastecimento de Água na Cidade do Porto nos Séculos XVII e XVIII. Aquedutos, Fontes e Chafarizes*. Dissertação de Mestrado em História da Arte Portuguesa. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Referências em linha

Arquivo Histórico Municipal do Porto - *Gravura representando Casa onde nasceu Almeida Garrett*. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/576212/?q=dr.+barbosa+de+castro>> [Consulta realizada a 5 de maio de 2017].

Arquivo Histórico Municipal do Porto (1789) – *Mapas das obras públicas que estiveram em ação neste presente ano de 1789*. [A.H.M.P. - D-TGa/1]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/378330/>> [Consulta realizada a 5 de maio de 2017].

Arquivo Histórico Municipal do Porto [1800] – *Mapa das casas que fazem frente à Cordoaria*. [A.H.M.P. -D-CDT/A3-29]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/327887/?>> [Consulta realizada a 5 de maio de 2017].

Arquivo Histórico Municipal do Porto (1825) – *Esta planta mostra o alinhamento (...) a que se procedeu na Alameda da Cordoaria(...)*. [A.H.M.P. - D-CDT/A3-123]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/331905>> [Consulta realizada a 5 de maio de 2017].

COSTA, Agostinho Rebelo da (2001) – *Descrição topográfica e histórica da Cidade do Porto*. Lisboa: Editor Frenesi. Disponível em <<http://purl.pt/22517>> [Consulta realizada a 5 de maio de 2017].

BARBOSA, Vera (2017) – *Virtudes e a Envolvência Urbana. Jardim e Passeio das Virtudes: Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto , pp. 25-32.

A HABITAÇÃO NO PASSEIO DAS VIRTUDES: TIPOLOGIAS E USOS DE MATERIAIS

ANA CLARISSE LOPES*

ANA ISABEL LINO*

ISABEL REBELO DA SILVA*

LÚCIA TEIXEIRA*

Resumo: O presente estudo resulta de uma investigação que procura aprofundar o conhecimento das diversas tipologias habitacionais, dos materiais e técnicas de construção das casas integradas no Passeio das Virtudes. Devido ao seu espaço verdejante, esta varanda sobre o Rio Douro é um local com acentuado valor patrimonial e turístico.

O Passeio das Virtudes é um legado de diversas épocas que chega aos nossos dias enquanto expressão da continuidade da tradição arquitetónica portuense e dos seus sistemas de construção.

Palavras Chave: *Habitações; história; materiais; Virtudes.*

Abstract: The present study is the product of an investigation that tried to expand the knowledge of the different housing typologies, as well as the construction materials and techniques used in the houses located on the Promenade of Virtudes. With its luxurious green areas, this balcony overlooking the Douro River is a location with significant heritage and touristic value.

The Promenade of Virtudes is a legacy from different eras that reached us as an expression of the architectural tradition of Porto and its construction systems.

Keywords: *Virtudes, materials, housing, history*

*Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, DCTP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O projeto *A Habitação no Passeio das Virtudes: Tipologias e usos de materiais* trata a área do Passeio das Virtudes, que serve de cenário às casas cujas tipologias e materiais construtivos foram analisados.

Este lugar passou por várias alterações ao longo dos séculos, sofrendo as habitações várias demolições, modificações e acrescentos. Todavia, obedecem a uma arquitetura que se integra na paisagem, que a humaniza, tornando a cidade mais aprazível e acolhedora para os que nela vivem ou que a visitam. As fachadas tornam-se as faces de uma realidade que se esconde para lá delas mesmas.

Acompanhando os padrões de residência da época, a par com a evolução social portuense, os materiais utilizados deram resposta às necessidades imediatas da população, especificamente da sociedade do século XIX. A malha construtiva das Virtudes constitui, assim, «uma das expressões mais típicas do Porto, que com o seu estilo próprio e a sua tradição legítima, traduz na atualidade as condições históricas e político-sociais do velho burgo, a índole e a vida da sua gente»¹.

INTRODUÇÃO HISTÓRICA

O século XIX é para o Porto tempo de transformações. Entre 1807 e 1814, a cidade sofre as invasões francesas, que conduzem à escassez de meios económicos para as obras públicas anteriormente iniciadas. Com a Revolução de 1820, as políticas de inspiração liberal trazem à cidade um novo impulso urbanístico, levado a cabo pelo Ministério das Obras Públicas, sucessor da extinta Junta de Obras Públicas do período almadino.

O desenvolvimento industrial conduziu a um aumento demográfico notável, vindo transformar a estrutura habitacional. Era agora necessário que a estratégia urbanista se baseasse numa divisão funcional e social, determinante para a evolução e formação de novos tipos de casas da burguesia².

Neste século, as fachadas simplificam-se consideravelmente, desaparecendo muitos dos motivos ornamentais que as animavam. Porém, surgem agora revestidas de azulejos policromados, sobretudo em cores como o vermelho, o verde, o castanho, o amarelo, o azul e roxo³.

MATERIAIS: USOS E PERMANÊNCIAS

Apesar das transformações ocorridas ao longo dos séculos, os materiais utilizados na construção são essencialmente os mesmos numa longa diacronia: a pedra granítica, a madeira, os metais e elementos cerâmicos, quase sempre de origem local. O saber-fazer dos pedreiros e mestres, tal como as técnicas construtivas, passavam de geração em geração mantendo alguns dos aspetos formais da *casa portuense* dotando a cidade de uma imagem identitária, pese embora as diversas tipologias.

Utilizam-se sobretudo os granitos, provenientes de pedreiras próximas: o granito azul, mais duro, para a alvenaria ordinária e o granito amarelo, mais fácil de trabalhar, para os

¹ OLIVEIRA, 1986: 24.

² FERNANDES, 1999: 175.

³ OLIVEIRA, 1986: 24.

trabalhos de cantaria: molduras de portas e janelas, sacadas, pilastras, frisos, cimalkas e outros elementos decorativos⁴.

A madeira, maioritariamente castanho, carvalho, e em alguns casos pinho de Riga, era usada para o vigamento dos sobrados e a estrutura das coberturas; o pinho nacional era utilizado para as estruturas e revestimentos dos tabiques, soalhos e caixilharias exteriores e interiores.

Todavia, ao longo do tempo os materiais são substituídos por outros mais resistentes e seguros, como é o caso do tabique que, nas paredes do exterior, é substituído por alvenaria de pedra, permitindo-lhe maior resistência ao fogo. Os metais, principalmente o ferro, substituíram alguns usos da madeira, sendo aplicados nas grades de janelas de sacada, canalizações e elementos decorativos, bem como nos caixilhos dos lanternins, e sob a forma de chapa zincada, em caleiras, algerozes, rufos e no revestimento de empenas, de fachadas de pisos recuados, águas furtadas e claraboias.

Quanto aos elementos cerâmicos, a cobertura do telhado era inicialmente feita em telha canal, substituída, durante o século XIX, pela telha Marselha, que apresentava uma forma mais plana e com encaixes, dispensando a utilização de argamassa de assentamento, o que permitia maiores pendentes nas coberturas.

TIPOLOGIAS HABITACIONAIS NO PORTO

Segundo Barata Fernandes, existem três tipos de habitações dominantes no Porto: a casa do período mercantilista (século XVII), a casa do período iluminista (século XVIII), e a casa do período liberal (século XIX)⁵. Apesar desta delimitação cronológica de tipologias construtivas, a construção de uma casa é, em muitos casos, transversal às diferentes épocas. Assim, não é de estranhar que se ergam habitações do ‘tipo mercantilista’ até finais do século XVIII e que edifícios do ‘tipo iluminista’ e do ‘tipo liberal’ tenham sido erguidos no mesmo período.

A casa do ‘tipo mercantilista’ predomina nas áreas de génese medieval intramuros, nas freguesias da Sé e da Vitória, Miragaia e Ribeira-Barredo. Por outro lado, o Passeio das Virtudes situa-se numa zona extramuros, junto à antiga Porta das Virtudes. Deste modo, os tipos de habitação aí presentes poderão ser do ‘tipo iluminista’ e do ‘tipo liberal’. Apesar de se assemelharem, em termos compositivos e em alguns aspetos organizativos, aos do ‘tipo mercantilista’, apresentam já mais pisos mais altos, graças ao avanço da técnica de construção e ao uso da pedra em detrimento da madeira, o que permite frentes de maior dimensão.

As fachadas passam agora a ser verticais, em oposição às proporções quadrangulares das do período anterior, e com maior profundidade de construção no lote, o que reflete as políticas construtivas da época, nomeadamente da atividade da Junta de Obras Públicas, a qual elabora planos que integram um renovado modelo urbano e que demonstram a preocupação com os desenhos das frentes dos arruamentos, refletindo-se em edificações relativamente constantes. Alguns edifícios apresentam uma tipologia funcional de duas frentes, características de lotes maiores, e apresentam dois alçados e dois acessos. Sob o ponto de vista da organização interna surge a função de loja no piso térreo, com habitação nos pisos superiores, possuindo entrada

⁴TEIXEIRA, 2004: 52.

⁵FERNANDES, 1999: 79.

lateral que se articula com escada central de dois lanços e que passa a ser encimada por uma claraboia⁶.

Apesar de se manter a construção de tipologia almadina e de se verificar a continuidade do saber-fazer e da utilização dos materiais, começam a ser introduzidas importantes alterações. Cite-se, a título de exemplo, a inclusão de instalações sanitárias nas habitações⁷, decorrentes das obrigações impostas pelas novas políticas de higienização nas duas últimas décadas do século XIX⁸.

É neste período do século XIX que surge um novo tipo de casa portuense, a casa monofuncional unifamiliar⁹. Normalmente pertencente a famílias burguesas abastadas, que procuravam conforto e privacidade, era destinada exclusivamente à habitação, deixando de parte a função comercial. Estas casas fomentam, pela primeira vez, a separação entre residência e local de trabalho, originando alterações no interior dos edifícios. No piso térreo passa a instalar-se uma cave elevada. O rés-do-chão vai ser ocupado pela cozinha, anteriormente situada no último piso¹⁰, e pela sala de visitas, às quais se acede através de um lanço de escadas que parte da porta de entrada. Os andares superiores são destinados aos quartos e às águas-furtadas¹¹.

EDIFÍCIOS EM ESTUDO: QUARTEIRÃO-TIPO

Algumas das habitações frente ao Passeio das Virtudes parecem ter sido resultado de um projeto de loteamento, ou seja, da subdivisão do terreno em lotes destinados à edificação de prédios com características semelhantes. Verifica-se a repetição do mesmo modelo de fachada, contribuindo para a harmonia visual.

De acordo com o relato de alguns moradores e comerciantes¹², os primeiros nove (com os números de polícia compreendidos entre o 28 e o 52) tiveram ligação direta com a rua Dr. Barbosa de Castro, sendo que o primeiro andar, voltado para o Passeio das Virtudes, corresponde ao rés-do-chão da outra rua —dada a diferença de cota—, pelo que existe a possibilidade de a relação entre os alçados de ambas as ruas ter sofrido alterações.

Em termos de soluções construtivas, trata-se de casas erguidas com paredes de meação e fachadas em pedra, paredes de tabique no interior e vigas de madeira (sistema de pau rolado) para cada piso, que justificam a largura do lote e o crescimento em altura, dado o limite de amplitude que os troncos conseguem vencer. Todos os nove edifícios possuem fatores em comum: apresentam rés-do-chão, três andares superiores e ainda um último, acima da cornija, correspondente ao quarto piso, que poderá corresponder a um acrescento. Ao nível do primeiro e do quarto andar, os edifícios possuem varanda de sacada com balaustrada de ferro. Quase todos

⁶ OLIVEIRA, 2013: 83.

⁷ TEIXEIRA, 2004: 76.

⁸ TEIXEIRA, 2004: 143.

⁹ TEIXEIRA, 2004: 27.

¹⁰ FERNANDES, 1999: 127.

¹¹ OLIVEIRA, 2013: 87.

¹² Os relatos orais resultaram de conversas informais com moradores e comerciantes instalados no Passeio das Virtudes realizadas a 22 de Dezembro de 2016.

apresentam dois vãos de entrada com um vão de iluminação ao centro (à exceção, por exemplo, da casa número 39 cujo portal esquerdo foi transformado em janela no ano de 1915¹³).

Salientamos que é na casa com os números 28-30 (nona casa a contar do sul) que termina o que designamos por *quarteirão-tipo*.

EDIFÍCIOS EM ESTUDO: GRANDES HABITAÇÕES

A partir daqui, encontramos dois prédios de menor altura e ainda uma casa nobre — com o número 14 do Passeio das Virtudes e o correspondente número 51 da rua Dr. Barbosa de Castro —, da qual temos algumas descrições. Sabemos que esta casa foi residência da família Jordão e que posteriormente, em 1907, foi ocupada pela Fábrica Portuense de Guarda-Sóis, Lda..

Corria o ano de 1842¹⁴ quando José Joaquim Pereira Jordão mandou ampliar um terreno que conflui para a rua do Dr. Barbosa de Castro, onde se viria a erguer a casa nobre da família. Em 1854, Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva fez aumentar o edifício e o portão. Depois da sua morte, a posse da habitação transita para os seus filhos, Joaquim e Alfredo Ferreira da Silva Jordão, que acabam por vendê-la, em 1916, a um industrial que aí montou a dita Fábrica. De acordo com a Direção-Geral do Património (DGPC)¹⁵, os elementos decorativos, como as estátuas, as taças florejantes e o muro — datados do século XVIII — são da autoria de Nicolau Nasoni, e hoje, propriedade da Cooperativa Árvore. Estão classificados como Imóvel de Interesse Público¹⁶.

Distinta pelo efeito lumínico dos azulejos amarelos, a casa de Manuel Maria da Costa Leite, situada nos números 8 e 9 do Passeio das Virtudes (ainda denominado Largo das Virtudes na documentação), foi crescendo em altura ao longo dos anos. Em 1882, mandou-se erigir o terceiro andar, com seis janelas no mesmo alinhamento das dos pisos inferiores¹⁷. Em 1884¹⁸, as portas do piso térreo adquiriram o aspeto que hoje nos é familiar Contudo, numa fotografia impressa no periódico *O Tripeiro*¹⁹ a casa aparece apenas com duas portas ao centro, ladeadas por janelas, o que indica que voltaram a ser modificadas posteriormente para uma estética mais idêntica à do alçado de 1882. Conta atualmente com cinco pisos de apartamentos.

EDIFÍCIOS EM ESTUDO: TRANSFORMAÇÕES E EVOLUÇÕES

Do cruzamento da investigação concentrada na análise de vários pedidos de licenças de obras e respetivos desenhos e plantas, com a observação direta das tipologias habitacionais, resultou um conjunto de informações de carácter inédito, pela primeira vez aqui compiladas. As licenças de obras analisadas na diacronia, sem intervalo cronológico específico, referentes às ruas dos Fogueteiros (atual Azevedo de Albuquerque), do Calvário (atual Dr. Barbosa de Castro) e Passeio das Virtudes, consultáveis no Arquivo Histórico Municipal do Porto, acusam várias repetições: construção e reparação de canos; adição de andar, ampliação de prédio ou cobertura de terraço;

¹³Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1915: *Licença de obra n.º: 735/1915*, f. 186-189.

¹⁴Câmara Municipal do Porto, 2008.

¹⁵Direção-Geral do Património Cultural, s.d.

¹⁶Decreto-Lei n.º 251/70, 3 de junho de 1970: 727.

¹⁷Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1882: *Licença de obra n.º: 29/1882*, f. 432-434.

¹⁸Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1884: *Licença de obra n.º: 256/1884*, f. 207-209.

reparação ou alteração de fachadas/frentes; construção ou transformação de portas, janelas, muros e platibandas; reparação ou substituição de telhados, soleiras, chaminés, soalhos, caixilhos, beirais, peitoris; edificação, modificação ou reconstrução de prédio; construção de barracões, armazéns, garagens, entre outros.

Alguns dos exemplos enumerados decorrem da mudança de paradigma social, traduzida em medidas higienistas, ou de progressos técnicos visíveis nas formas e materiais da ornamentação. Damos conta ainda do crescimento dos edifícios em altura, através das repetidas adições de andares. O revestimento exterior passa a ser em azulejo, como demonstraram alguns pedidos de licença de obras. As claraboias passam a ter um revestimento de chapa zincada, garantindo assim uma melhor impermeabilização.

Na pesquisa direcionada para a rua Azevedo de Albuquerque²⁰, que se prolonga no sentido norte das habitações do Passeio das Virtudes, o primeiro requerimento que encontramos data de 1805 e é da responsabilidade de José Manuel de Azevedo²¹. A habitação apresenta um piso térreo, três vãos de entrada e dois pisos acima, com três janelas alinhadas com os ditos vãos. Todas as aberturas são emolduradas por cantaria.

Encontramos ainda duas licenças de obras que nos fornecem desenhos de alçados e correspondem aos atuais números 58 e 60. No primeiro caso, em 1919, o requerente Avelino Ramos Meira pede o levantamento em pedra do terceiro andar, que até então se encontrava construído em tabique, e em cuja parede se rasgarão três vãos na prumada dos que se veem nos andares inferiores. Atualmente, a fachada encontra-se profundamente modificada, mas mantém ainda as três janelas em cada piso, bem como, a julgar pelo desenho, a mesma cachorrada e a mesma cornija de madeira. Todavia, na folha desenhada apresenta duas portas de entrada e atualmente apenas vemos a do lado direito, sendo que a esquerda foi transformada em janela²².

No segundo caso, número 60, a requerente é Maria Madalena Teixeira Lima e a modificação ocorre também ao nível do terceiro piso²³. O desenho mostra-nos configurações muito semelhantes às atuais: uma varanda, com dois vãos de iluminação e ao centro uma porta. Todavia, notamos a ausência dos cachorros que seguram o beiral do telhado. Ao nível térreo, na entrada da casa, a organização continua a mesma: uma porta do lado esquerdo e duas janelas à sua direita. Acima, vemos que uma abertura foi suprimida (resultando talvez de uma modificação interior?), em relação ao apresentado no desenho do alçado. O documento apresenta-nos ainda uma planta do piso em questão, mostrando dois quartos, o vão de escadas e uma ampla sala.

Hoje, acreditamos que os andares foram compartimentados, formando uma habitação única, e, no caso do primeiro piso, provavelmente duas habitações, como nos informam as cinco caixas de correio da porta. Em 1927, A. R. Meira (proprietário da casa número 58) faz também um requerimento para esta habitação, provavelmente como mestre-de-obras. Porém, nesta mesma casa, em 1893, já António Vieira pedia para que fosse alterada «parte da fachada da casa

¹⁹S.A., 1948: 48.

²⁰Após a análise de vários pedidos de licenças de obras, é de notar que em 1908 ainda se utilizava a designação Rua dos Fogueteiros e em 1920 já se denominava Rua de Azevedo de Albuquerque – a morte de Joaquim de A. Albuquerque, que deu nome à rua, ocorreu em 1912. Cf. ALBUQUERQUE, 2011.

²¹Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1805: *Processo sobre edificação de casas na Rua dos Fogueteiros* f. 23-26.

²²Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1919: *Licença de obra n.º: 181/1919*, f. 416-421.

²³Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1922: *Licença de obra n.º: 1056/1922*, f. 295-300.

²⁴Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1927: *Licença de obra n.º: 724/1927*, f. 163-166.

que possui na Rua dos Fogueteiros, nº60»²⁵. Terá a habitação mudado de proprietários ou poderá indicar que várias famílias habitavam no mesmo prédio?

Em 1894, Manuel Gomes da Silva pediu o acrescento de um andar no seu prédio número 44, o que demonstra um padrão de aumento em altura das habitações da dita rua²⁶. O mesmo exemplo é encontrado no requerimento de Félix António Lopes Guimarães, do ano de 1878, que pede a construção de um terceiro andar da sua propriedade na rua dos Fogueteiros, cujo número de polícia não foi possível obter²⁷. Por fim, damos ainda conta de algumas casas que foram demolidas para a construção do Palácio da Justiça. Obtivemos a licença de obra de uma delas, localizada nos números 34 e 36, que no ano de 1928 ameaçava ruína e por isso, sob intimação, o proprietário Augusto Ramos da Silva Araújo procedeu a alterações na fachada: adição de vãos e balaustradas²⁸.

PROPRIEDADE DE LUÍS COUTO DOS SANTOS E A FÁBRICA ELECTRA

A maioria dos dados que encontramos refere-se à propriedade de Luís Couto dos Santos. No ano de 1901, este engenheiro civil residia na rua da Liberdade e alugava o número 21 da rua dos Fogueteiros para a instalação das suas oficinas de latoaria. Foi precisamente neste ano que fundou a Fábrica Electra, especializada em produção de material hospitalar, movida a eletricidade. No desenho do projeto podem ver-se a planta da fábrica e a sua localização — entre a Quinta das Virtudes e a rua que sobe para o Largo do Viriato, por onde se fazia a entrada e hoje se vê um muro e um portão para o jardim público²⁹.

Em 1908 manda aumentar as dimensões do portal número 27 da rua dos Fogueteiros, que dá serventia para as oficinas da Fábrica Electra, e substituir a porta de madeira por um portão de ferro. Em 1910, Luís Couto dos Santos havia requerido a construção de uma garagem para o Dr. Carlos de Azevedo Albuquerque num terreno pertencente à Quinta das Virtudes. Logo em 1911, Carlos de Azevedo Albuquerque emite um pedido para que sejam feitas alterações na garagem, situada no número 17, cujo processo está designado por habitação, o que leva a crer que daqui tenha partido a casa acima descrita. Neste ano, o engenheiro civil possuía as casas situadas entre os números 9 e 13 da rua dos Fogueteiros³⁰.

Em 1921, requer que seja modificada uma parte do prédio em que habita — número 9 a 21 — para que possa lá residir uma pequena família, cujas obras consistiam na transformação do amplo salão numa casa de habitação. No ano de 1932, Luís Couto dos Santos é já proprietário dos edifícios situados entre o número 7 e o número 41³¹. É com as obras deste período que a propriedade se torna uniforme e adquire o aspeto que hoje vemos.

²⁵ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1893: *Licença de obra n.º: 256/1893*, f. 113-115.

²⁶ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1894: *Licença de obra n.º: 255/1894*, f. 155-157.

²⁷ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1878: *Licença de obra n.º: 496/1878*, f. 123-125.

²⁸ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1928: *Licença de obra n.º: 414/1928* f. 80-84.

²⁹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1901: *Licença de obra n.º: 221/1901* f. 109-113.

³⁰ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1911: *Licença de obra n.º: 1203/1911*, f. 12-16.

³¹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1932: *Licença de obra n.º: 961/1932*, f. 341-347

ANÁLISE DESCRITIVA: AS VIRTUDES QUE ENCONTRAMOS HOJE

Partindo de uma análise visual feita de sul para norte, com início nos últimos números de polícia e seguindo uma ordem decrescente, observam-se nas primeiras quatro casas padrões semelhantes, sobretudo ao nível dos vãos, simétricos, que se repetem dois a dois. Possuem continuidade na altura e nas varandas do quarto piso, não existindo qualquer elemento que demarque a separação para além dos algerozes e da diferença cromática dos azulejos. Contudo, tratam-se de casas geminadas e não de um único edifício, como demonstram as diferentes entradas — duas portas e pequena janela ao centro — encimadas por sacadas assentes sobre quatro mísulas em pedra, na forma de cornucópia, com gradeamento em ferro forjado.

O ritmo repetitivo dos vãos é visível nas molduras em pedra, com ligeiro arco superior. As janelas, de duas abas com bandeira superior, alternam entre inox prateado ou castanho. A madeira surge nas portas do primeiro andar e de acesso à rua, com almofadas e dois postigos adornados com ferro forjado. As janelas do rés-do-chão da casa número 45 possuem ferro fundido nas suas guardas. O mesmo acontece nas portas e janela do rés-do-chão da casa número 42-44.

No quarto piso, a pedra da sacada é contínua às quatro casas, sendo a separação apenas marcada pelas guardas em ferro. O desenho do gradeamento, igual nas primeiras três casas, difere do das varandas do primeiro piso. Na quarta casa houve alteração posterior das grades, da estrutura e do desenho do piso, já que a varanda está dividida por uma coluna central com duas portas de acesso mais estreitas e alinhadas ao centro do edifício, fugindo ao alinhamento dos vãos de iluminação dos pisos inferiores. Também se registam alterações ao nível da alternância entre janelas e portas.

As coberturas são de quatro águas, com mansarda em cada uma das duas primeiras casas. Na terceira, foi acrescentado mais um piso com dois vãos de iluminação, em guilhotina, e o mesmo se repete na quarta, onde, mais uma vez, se confirma uma estrutura mais recente, com três vãos de iluminação contínuos.

Este bloco de prédios encontra-se delimitado por um cunhal em pedra e possui uma pilastra de função decorativa a separar a quarta casa do resto do conjunto de edifícios contíguos.

Nas quatro construções seguintes, reparamos novamente na repetição de padrões, sendo que se distinguem das anteriores por apresentarem três janelas em cada piso e revestimento azulejar na fachada (à exceção daquela em que estão alojadas as *Oficinas Livres da Árvore* — *Cooperativa de Actividades Artísticas*), de tons azuis e brancos, atribuindo às paredes um brilho próprio e maior enobrecimento, juntamente com os trabalhos de cantaria aplicados, entre outros, às molduras dos vãos. Este bloco, mantém o mesmo número de andares e o mesmo carácter vertical — dado pelos apontamentos em granito que se prolongam para além do enquadramento dos vãos de iluminação —, mas passa a contar com pilastras graníticas a delimitar cada edifício. O esquema de duas portas com janela ao centro também se mantém, à exceção do número 39.

As janelas variam entre sistemas de correr, de abas e de guilhotina e ao nível dos materiais entre madeira e inox, bem como na cor. Quanto às sacadas, no primeiro piso, continuam a assentar sobre mísulas graníticas em volutas com o desenho do gradeamento de ferro apenas coincidente nas duas primeiras. Na segunda casa difere ainda o beiral, com ripas e mísulas em madeira.

As coberturas mantêm-se de quatro águas, tendo uma ligeira elevação central de três águas nas duas primeiras, uma com claraboia redonda e outra quadrangular. As águas furtadas passam a ser orientadas de frente para a rua Dr. Barbosa de Castro.

Findo este conjunto, semelhante nas suas características formais, surge uma nona casa, mais elevada, que embora mantendo os quatro pisos, apresenta aumento dos vãos, em especial no rés-do-chão e quarto piso, com igual desenho das cantarias. Nos pisos superiores, as janelas e portas são de duas abas com bandeira, à exceção do segundo piso em que são de guilhotina. Apresenta sacadas com grades de ferro iguais no primeiro e último piso, mantendo as mísulas no primeiro. O revestimento azulejar muda de tom do azul para o castanho. Possui cobertura de quatro águas e claraboia quadrangular com vidro ao correr das águas.

Logo após este edifício, a altura da fachada reduz de nível. Cada piso é composto por três vãos, contudo, não se pode afirmar com certeza se no rés-do-chão vemos portas ou janelas, uma vez que se encontram entaipadas e pintadas com grafitis. No primeiro piso temos uma varanda de sacada, já sem mísulas, com gradeamento em ferro, duas portas de acesso e pequena janela ao centro. No segundo, duas janelas laterais com porta e uma pequena varanda ao centro, assente em mísulas e pequena cartela, com guardas de ferro de desenho distinto. Os desenhos das cantarias também diferem dos restantes edifícios, perdendo o carácter curvo do lintel e o elemento vertical contínuo no prolongamento dos vãos. Esta casa já não possui duas frentes, estando as traseiras adossadas à sua correspondente, na rua Dr. Barbosa de Castro.

O edifício seguinte desce em altura, mas mantém o rés-do-chão, com três vãos de entrada, tendo o primeiro varanda de sacada em ferro forjado e três portas de acesso, assente em mísulas. No segundo piso, vemos três janelas de duas abas com bandeira superior e vidros de desenhos geométricos. Regressam o arco no lintel, a cantaria vertical contínua, o azulejo policromado em tons de azul e a cobertura de três águas com claraboia quadrangular.

O elemento que se sucede trata-se do muro da Escola Artística e Profissional Árvore — antiga residência da família Jordão e Fábrica dos Guarda-sóis — rebocado e pintado a vermelho, com quatro vãos rematados em pedra, com arco encimado por volutas, esculturas e jarrões intercalados. Encontra-se adossado a um prédio da mesma cor, de rés-do-chão com porta central e duas longas janelas laterais com grades. Os três primeiros pisos contam com três vãos rematados em arco, para três varandas de sacada de gradeamento igual, apoiadas em seis mísulas. O quarto apresenta janelas em guilhotina e cobertura com clarabóia oval.

A próxima habitação quebra abruptamente o nível de altura e o ritmo dos desenhos. Apresenta dois vãos por piso com sacada no primeiro, um acrescento com telhado de duas águas e está revestida de azulejo policromado em tons de amarelo.

Ainda em azulejo amarelo e cor de laranja, segue-se um edifício de grandes dimensões, com rés-do-chão e cinco pisos, seis portas, sendo duas delas centrais, de acesso aos andares, e quatro de acesso ao comércio — trata-se da supracitada propriedade de Manuel Maria Costa Leite. O ritmo dos vãos repete-se em todos os andares, com sacada de três a três no primeiro piso, de guilhotina no segundo e no quarto, e duas abas com bandeira no terceiro e quinto, sendo que estes possuem guardas em ferro. As cantarias são retas e os elementos de verticalidade dão lugar a elementos em pedra horizontais, dos quais a cornija, a sacada e abalaustrada em ferro rematadas por dois jarrões.

Por fim, o último prédio, de aparência mais recente, rebocado a branco, mantém os cinco pisos, com vão de entrada e duas montras no rés-do-chão em inox metalizado. Tem três vãos no

primeiro piso, ritmo que se repete nos restantes andares com o acrescento de varanda individual em todos eles. Estes dois últimos edifícios possuem ainda um andar recuado com cobertura de quatro águas.

Atualmente, o piso térreo de alguns edifícios que abrem para as Virtudes não tem contacto com os superiores, cuja entrada se faz apenas pela rua Dr. Barbosa de Castro. Tendo em conta os dados recolhidos coloca-se a hipótese de cada piso corresponder à habitação de uma família diferente. Consideremo-las habitações plurifamiliares, sem esquecer que inicialmente deverão ter sido unifamiliares.

Ainda hoje se tentam utilizar técnicas tradicionais de construção, enquanto uma forma de respeitar as pré-existências. Ainda assim, as casas e os seus usos foram-se mostrando diversos, tendo-se adaptado, ao longo do tempo, às necessidades de quem aí habita. Por isso, nas licenças de obras surgem acrescentos, arranjos e demolições, bem como pedidos que respeitam ao saneamento e canalização, demonstrativos de uma preocupação higienista pela pessoa e pelo espaço.

Pela permanência das arquiteturas tradicionais, em consonância com a manutenção de formas urbanas resultantes da primeira consolidação da cidade extramuros, a área das Virtudes tem um grande potencial habitacional, mas também turístico, estando também próxima de sítios de referência e possuindo um jardim que foi, e ainda é, popular junto das comunidades residente e a visitante.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALBUQUERQUE, Joaquim (2001) – Antigos Estudantes Ilustres da Universidade do Porto. Universidade Digital / Gestão de Informação.
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1805) – Processo sobre edificação de casas na Rua dos Fogueteiros. [A.H.M.P. - D-CMP/7(2) - f. 23-26].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1878) – Licença de obra n.º: 496/1878. [A.H.M.P.-D-CMP/7(65)-f. 123-125].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1882) – *Licença de obra n.º: 29/1882*. [D-CMP/7(83)- f.432-434].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1884) – Licença de obra n.º: 256/1884. [D-CMP/7(90)- f. 207-209].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1893) – Licença de obra n.º: 256/1893. [D-CMP/7(127)- f.113-115].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1894) – Licença de obra n.º: 255/1894. [D-CMP/7(131)- f.155-157].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1901) – Licença de obra n.º: 221/1901. [D-CMP/7(167)-f.109-113].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1911) – Licença de obra n.º: 1203/1911. [D-CMP/9(93)- f. 12-16].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1915) – *Licença de obra n.º: 735/1915*. [D-CMP/9(206)- f. 186-189].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1919) – Licença de obra n.º: 181/1919. [D-CMP/9(271)- f.416-421].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1922) – Licença de obra n.º: 1056/1922.[D-CMP/9(350)-f.295-300].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1927) – Licença de obra n.º: 724/1927. [D-CMP/9(508)- f.163-166].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1928) – Licença de obra n.º: 414/1928. [D-CMP/9(536) - f. 80-84].
- Câmara Municipal do Porto (2008) – *Património na Freguesia de Miragaia* [Folheto]. Porto: Câmara Municipal do Porto.
- Decreto-Lei n.º 251/70 de 3 de junho de 1970. *Diário do Governo*. I Série, n.º 129.

- FERNANDES, Francisco (1999) – *Transformação e permanência na habitação portuense: as formas da casa na forma da cidade*. FAUP, 1999Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- GRAÇA, Manuel de Sampaio Pimentel Azevedo (2004) – *Construções de Elite no Porto*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- OLIVEIRA, Simão Costa de (2013) – *Casa Corrente do Porto: Um estudo e processo de reabilitação*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
- OLIVEIRA; Ernesto Veiga de (1986) – *Casas esguias do Porto e sobrados do Recife*. Pool Editorial.
- S.A. (1948, junho). Comunicações dos leitores. O Tripeiro. Série V, ano IV, nº2, p.48.
- TEIXEIRA, J. L. (2004) – *Descrição do sistema construtivo das Casas Burguesas do Porto entre os séculos XVII e XIX – Contributo para uma história da construção arquitectónica em Portugal*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

Referências em linha

- Direção-Geral do Património Cultural (s.d.) – Estátuas e elementos decorativos existentes no edifício com frentes para a Rua Dr. Barbosa de Castro, 51, e Passeio das Virtudes, 14, bem como o muro em que se integram esses elementos. *Património Cultural*. Disponível em <<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73485>>. [Consulta realizada a 29/04/2017].

LOPES, Ana Clarisse, LINO, Ana Isabel, SILVA, Isabel Rebelo da & TEIXEIRA, Lúcia (2017) – A Habitação no Passeio das Virtudes: tipologias e usos de materiais. *Jardim e Passeio das Virtudes: Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto, pp. 33-43.

O PASSEIO DAS VIRTUDES E A RUTURA DO PALÁCIO DA JUSTIÇA

CLÁUDIA QUARESMA*

JULIANA MOURA*

MARIA MOURA*

MARIANA CARVALHO*

RODRIGO MAGALHÃES*

Resumo: O Passeio e Jardim das Virtudes, e a zona envolvente que adota o mesmo topónimo, situados nas encostas do Vale do Rio Frio, são locais privilegiados de contato com a natureza e com os valores paisagísticos que as características da implantação geomorfológica do Porto propiciam: o rio, o mar, as escarpas, a malha intrincada da cidade, a ponte. Fronteira à agitação da cidade, esta zona mantém-se distanciada da mesma, propiciando um ambiente singular de fruição do espaço.

Procura-se agora entendê-lo no sentido de o revalorizar e aproximar da cidade, indo ao encontro das políticas de dinamização e transformação do *lugar* num polo cultural e de lazer. Esta abordagem centra-se na compreensão do aparecimento do Passeio das Virtudes e das suas alterações, assim como nas transformações da envolvente que alteraram profundamente as dinâmicas do local.

Palavras-chave: *Hospício dos Expostos; Mercado do Peixe; Palácio da Justiça; Passeio das Virtudes.*

Abstract: The Promenade and Garden of Virtudes, as well as the surrounding area that adopts the same place name, located on the hills of the Frio River Valley, are privileged places of contact with nature and landscape values that the geomorphological characteristics of Porto offer: the river, the sea, the cliffs, the intricate mesh of the city, the bridge. Removed from the bustle of the city, this area provides a unique environment to enjoy the space.

We now seek to understand this place, to revalue it and bring it closer to the city, following policies that encourage the promotion and transformation of the place in a cultural and leisure centre. This approach is focused on understanding the emergence of the Promenade of Virtudes and its changes, as well as the transformations of the surroundings, which have profoundly altered the dynamics of the place.

Keywords: *House of the Exposed; Mercado do Peixe; Palácio da Justiça; Promenade of Virtudes.*

*Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, DCTP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O presente artigo reflete os resultados de um processo de investigação acerca da origem do Passeio das Virtudes, bem como das suas alterações e melhoramentos até aos dias de hoje e, também, acerca das motivações que conduziram a estas intervenções. Para tal importa, do mesmo modo, ter em atenção as mudanças que ocorreram na sua envolvente próxima, que afetaram as suas dinâmicas e a relação com a cidade e, claro, as características físicas do lugar. Desta forma, como elemento de grande presença, focamos uma parte da investigação no edifício do Palácio da Justiça, quer pela sua implantação e escala, quer por constituir um edifício público. Este ganha, no entanto, maior relevo tendo em conta os edifícios e respetivas funções que o antecederam e que muito contribuíram para a relevância deste espaço. Falamos do Mercado do Peixe e do Mercado Provisório da Cordoaria que, como edifícios de comércio, constituíram polos de vivência e desenvolvimento do local; bem como de edifícios como a Capela do Senhor Jesus do Calvário Novo e o Hospício dos Expostos, que receberam várias funções públicas ao longo da sua existência. Para o mapeamento diacrónico destes edifícios e compreensão das suas alterações e substituições, tornou-se também necessário que a investigação integrasse as perceções da população e da comunicação social do passado e do presente que muitas vezes esclarecem a necessidade das diferentes intervenções.

Para responder aos objetivos propostos recorreu-se em grande parte à consulta de fontes primárias do Arquivo Histórico Municipal do Porto, nomeadamente aos processos de projeto relativos ao Mercado do Peixe, ao Mercado Provisório da Cordoaria, ao ajardinamento do Passeio das Virtudes, bem como a registos fotográficos do século XIX e do início do século XX. Foi ainda da maior importância a consulta de periódicos como *O Tripeiro* e o *Jornal de Notícias* por permitirem um primeiro quadro de entendimento que despoletou novas direções de investigação. Assim, os resultados aqui apresentados são também fruto de uma análise prévia *in loco* e do conseqüente estudo de várias fontes primárias que até ao momento permaneciam desconhecidas.

Na sequência dos resultados obtidos pela investigação, levantam-se algumas hipóteses de interpretação. O presente artigo divide-se em dois temas estruturantes. O primeiro relativo ao Passeio das Virtudes, aos projetos para a sua construção, ajardinamento e aformoseamento e, também, ao edificado que para ele se volta. O segundo refere-se à rutura provocada pelo Palácio da Justiça, que pretende delinear as principais ocupações deste espaço até à implantação deste edifício público monumental. Assim, damos particular destaque ao Mercado do Peixe e intervenções no mesmo, mas também às já referidas Capela do Senhor Jesus do Calvário Novo e Hospício dos Expostos. Este segundo tema é apresentado numa sequência diacrónica, propiciando uma análise que parte do presente para o passado, no sentido de facilitar a perceção das alterações do espaço.

PASSEIO DAS VIRTUDES

No exterior da cidade medieval, do lado oeste da muralha gótica encontramos o Passeio das Virtudes, no princípio da encosta que mergulha para o Douro.

O seu topónimo tem origem na crença de poderes curativos associados à água da Fonte, onde terá existido uma imagem de Nossa Senhora das Virtudes. Assim, Virtudes passou a designar toda a zona e outros elementos construtivos, como a Quinta e a Porta da Muralha.

No entanto, a disposição da cidade de finais de oitocentos já sem as suas muralhas e

com uma crescente centralidade na atual Praça da Liberdade, continuou a isolar a zona das Virtudes, quase voltando-lhe as costas e mantendo escassos e difíceis os seus acessos. Este facto possivelmente terá contribuído para a decadência do espaço, patente na opinião pública, nomeadamente na imprensa e igualmente registada por Pinho Leal¹, a partir do princípio do século XX, o que provavelmente impulsionou várias medidas com o objetivo de tornar o lugar mais seguro.

Hoje, o Passeio das Virtudes é um lugar de descompressão da malha urbana no centro da cidade do Porto, exposto à luz de sul e poente e onde o olhar disfruta a paisagem com características únicas sobre o rio Douro e a frente ribeirinha de Vila Nova de Gaia.

Frente edificada do Passeio da Virtudes

Fora dos limites da muralha e já separados desta pelas construções que a ela se encostaram na rua do Calvário, atualmente rua Dr. Barbosa de Castro, e por esta mesma rua, situam-se os edifícios que se voltam para o Passeio das Virtudes e que mantêm o lote estreito e comprido característico da cidade do Porto.

Aparentemente distintos entre si, quer pela largura do próprio lote, quer pela diferença de pé direito e da quantidade de pisos, algumas das construções apresentam o mesmo desenho de fachada, apontando para uma vontade de conjunto e de homogeneidade da frente urbana. No entanto, esta característica poderá ter várias origens, como a manutenção de soluções da construção corrente, a existência de um mesmo proprietário ou apenas do mesmo construtor para vários lotes, entre outros possíveis fatores.

O sítio, de características paisagísticas sublimes e de localização fora da concentração interior da muralha, propiciou ainda a fixação de casas nobres, como é o caso do edifício onde está instalada a Escola Artística e Profissional Árvore, que se distingue pela sua linguagem e pelos seus extensos lote e logradouro.

As construções revelam algum grau de erudição, quer pelo desenho quer pelos materiais, nomeadamente a cantaria lavrada ou o azulejo, que graças aos seus variados padrões e cores completam o já singular ambiente lumínico do local, proveniente da sua exposição solar e da quantidade de árvores que filtram a luz e projetam as suas sombras na fachada.

Ajardinamento do Passeio das Virtudes

Para ser o espaço de que hoje podemos usufruir, o Passeio das Virtudes passou por várias transformações e requalificações que refletem o espírito das épocas em que foram realizadas.

A primeira intervenção de relevo deverá ser a da edificação do paredão que sustenta a plataforma do Passeio das Virtudes, nas últimas décadas do século XVIII², a mando de Rodrigo António de Abreu e Lima (que na época ocupava o cargo de juiz da Alfândega) e atribuída a Francisco de Almada e Mendonça (desembargador, corregedor e provedor da Comarca do Porto), que impulsionou várias obras públicas na cidade³.

¹ LEAL, 1873-1890, Vol. V: 300.

² COSTA, 1789: 33.

³ ALVES, 1988: 243.

No século XIX a intenção de melhorar o espaço urbano é materializada no projeto de nivelamento da Calçada das Virtudes, que liga o Passeio das Virtudes e a antiga cidade intramuros à Fonte das Virtudes⁴. Terá sido nesta época que o espaço se terá convertido de alameda em passeio, ou seja, em jardim público vedado, como outros criados no mesmo século para dar resposta às novas necessidades da sociedade portuense.

Em 1911, 1930 e 1935, o Passeio das Virtudes e o largo junto às casas são alvo de vários ajardinamentos e aformoseamentos e realizados não só pela Câmara, mas também pela Direção dos Serviços de Jardins, Arvoredos e Cemitérios⁵.

Atualmente, o Passeio das Virtudes é um pequeno jardim urbano de passagem ou de paragem, até muito recentemente à margem do rebuliço do centro da cidade que se distingue e reconhece como uma varanda voltada para o Douro.

A RUTURA DO PALÁCIO DA JUSTIÇA

O espaço ocupado hoje pelo monumental edifício do Palácio da Justiça denominava-se anteriormente de Sítio do Calvário Novo. A construção deste edifício veio provocar uma profunda alteração no local, quer a nível construtivo quer a nível das vivências da cidade.

Neste local existiu o Mercado do Peixe, cujo início de construção data de 1869, a fim de concentrar a venda de peixe e fressuras num só local⁶. Adjacente a este espaço, encontravam-se instalados importantes edifícios que cumpriram diversas funções públicas, como o Hospício e Roda dos Expostos e a Capela do Senhor Jesus do Calvário Novo. Estes terão sido demolidos a fim de se ampliar o Mercado do Peixe, que recebe a denominação de Mercado Provisório da Cordoaria nos finais da década de 1940.

Entre as várias opções estudadas para a construção do Palácio da Justiça, uma visava a possibilidade de o construir na, ainda por traçar, Praça do Bom Sucesso. No entanto, em sessão da Câmara do Porto, o terreno escolhido para esta edificação é o local do Mercado Provisório da Cordoaria⁷. Este, por sua vez, é demolido em 1952 exigindo a transferência dos seus vendedores para um novo local, o Mercado do Bom Sucesso, na Boavista, construído para o efeito.

A localização dos terrenos escolhidos para a construção do Palácio da Justiça não foi certamente feita ao acaso. Possivelmente, terá sido considerado todo um conjunto de fatores e interesses urbanísticos, como a sua localização mais próxima do centro cívico sendo os mercados transferidos para zonas urbanas mais periféricas.

O Palácio da Justiça nos dias de hoje

O Palácio da Justiça, iniciado em 1958 e inaugurado em 1961, localiza-se no hoje denominado Campo dos Mártires da Pátria na freguesia de Miragaia.

⁴Arquivo Histórico Municipal do Porto, 18??: *Nivelamento da Rua ou Calçada das Virtudes a qual vai para a Esperança*.

⁵Fontes documentais: Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1911: *Projeto de concordância dos pavimentos da Rua e Passeio das Virtudes*; Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1930: *Projecto de Ajardinamento do Passeio das Virtudes*; Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1935: *Projeto de ajardinamento do Passeio das Virtudes*.

Fontes Fotográficas: Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1975: *Passeio das Virtudes*; Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1966: *Jardim das Virtudes*.

⁶LEAL, 1873-1890, Vol. VI: 373.

Implanta-se no mesmo local do demolido Mercado Provisório da Cordoaria, aproveitando desta forma o desnível do terreno. Tanto o projeto arquitetónico como o decorativo são da autoria do arquiteto Raul Rodrigues Lima, salientando-se assim todo um paradigma de imagem solene e grandiosa associada à riqueza histórica e cultural da cidade e à função do edifício.

A imponência do seu aspeto advém-lhe da escala e desenho, bem como da qualidade dos materiais utilizados pelo arquiteto, com destaque para os revestimentos graníticos. O Palácio ocupa uma área de 3.600 metros quadrados, possuindo oito pisos com a entrada principal no quarto nível este, voltado ao atual Jardim da Cordoaria. Esta fachada, a principal, é valorizada por um pórtico de dez pilares, que demarca a entrada principal, e enfatizada por uma estátua da autoria do escultor Leopoldo de Almeida, que representa a alegoria da Justiça. Os temas presentes na decoração reportam-se às alegorias das Quatro Virtudes Cardeais (Prudência, Justiça, Fortaleza, Temperança). A escala e monumentalidade do edifício⁸ impõem-se no tecido urbano, através da sua fachada principal, como que voltando costas às Virtudes. Cria-se aqui uma rutura que acentua o distanciamento da zona alta da cidade para o início da área ribeirinha de Miragaia, cuja pendente é marcada pelo balcão definido pelo Passeio das Virtudes .

Mercado do Peixe

O que hoje conhecemos como um dos espaços notáveis da cidade do Porto, ocupado pelo Palácio da Justiça, foi palco de distintas atividades⁹ em constante mutação, dada a sua propícia condição topográfica: uma zona de expansão da cidade privilegiada, proporcionada por um ponto elevado de onde se vislumbrava o Douro e a sua barra.

Desde o início da segunda metade do século XIX (1850), que o local era ocupado pela denominada *Feira do Peixe*. Dada a sua eventual importância e visando substituir o insuficiente e pouco higiénico Mercado da Ribeira, a vereação do Porto decidiu construir um edifício de raiz, de cariz neoclássico: Voltada para o Jardim da Cordoaria, a fachada principal desenvolvia-se num só nível, com marcada horizontalidade, possuindo um corpo central destacado e coroado por um frontão triangular, que ostentava a pedra de armas da cidade¹⁰. O desenho foi da responsabilidade do Engenheiro Civil Gustavo Adolfo Gonçalves de Sousa, que mais tarde irá igualmente trabalhar nos edifícios do Palácio da Bolsa e da atual Reitoria da Universidade do Porto, também eles de cariz neoclássico. O edifício inseria-se, deste modo, numa local que dava forma, progressivamente, a uma imagem burguesa e comercial da cidade, através do desenho das fachadas, de gosto neoclássico e marcadamente urbanas, de edifícios como a Cadeia da Relação do Porto, o Hospital de Santo António e o edifício da Universidade do Porto, também eles

⁷ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1952: *Locais possíveis para a edificação do Palácio da Justiça*.

⁸ GRAÇA, 2008: 66.

⁹ Os antigos celeiros da cidade, uma criação Portuense, destinada a acolher trigo que se colocava à disposição da população em anos de crise; a Capela do Senhor Jesus do Calvário Novo; a Praça do Peixe; o Mercado do Peixe; o Mercado Provisório da Cordoaria e por fim o Palácio da Justiça do Porto.

¹⁰ Aquando da sua demolição, em 1952, a pedra de armas (Arquivo Histórico Municipal do Porto (s.d.) - *Porto: pedra de armas do Porto: Mercado do Peixe: séc. XIX*) foi devidamente guardado, tendo sido mais tarde transferida para a Torre da antiga Câmara, recriada pelo Arquiteto Fernando Távora (Arquivo Histórico do Porto, 1950-1953: *Mercado da Cordoaria: Plantas Topográficas dos Mercados do Anjo e do Peixe*, 207).

voltados para a Cordoaria, o Palácio das Carrancas. Podemos ainda estabelecer uma relação com o projeto de José Francisco de Paiva realizado para a Casa da Quinta das Virtudes (não concretizado), que desenhava um perfil urbano de gosto neoclássico.

A partir da rua dos Fogueteiros (atual rua Azevedo de Albuquerque, a sul do edifício do antigo Mercado do Peixe), o edifício impunha-se sobre o terreno, em diversos patamares, que albergavam as distintas bancas de flores, hortícolas e fressuras bem como uma fonte¹¹ que hoje se encontra instalada no largo ou rua do Monte dos Judeus (transferida aquando da demolição do mercado).

O Mercado do Peixe foi inaugurado em 1874, ali permanecendo até finais dos anos cinquenta do século XX, sofrendo diversas remodelações e melhoramentos. De mencionar ainda, a demolição da próxima Roda dos Expostos que acolhia crianças abandonadas, de modo a que, a partir de 1946, fosse possível efetuar-se a primeira ampliação do Mercado do Peixe, da qual resultou a sua nova denominação de Mercado Provisório da Cordoaria.

Mercado Provisório da Cordoaria

A transferência do Mercado do Anjo para um local mais conveniente, de modo a responder às preocupações de ordem higienista enquadra-se na política urbana do município que vinha sendo projetada há vários anos, e que consistia em aproveitar aquele terreno para um arranjo urbanístico que se enquadrasse¹² com o atual edifício da Universidade e com a Torre e Igreja dos Clérigos.

Segundo um projeto primitivo¹³, o novo Mercado do Anjo seria construído no terreno onde funcionava até à data (1945-46) o Mercado do Peixe, conforme requisitos modernos de modo a que este rivalizasse com a construção moderna, na qual estava instalado o Mercado do Bolhão. No entanto, todos os projetos encontravam-se estagnados, face à falta de unanimidade relativa à escolha do local mais conveniente para o novo mercado, por parte de todos os intervenientes. A concordância era apenas relativa à necessidade da sua transferência.

Posto isto, aprova-se a construção de um mercado provisório, em torno da Cordoaria, o qual ocuparia o pré-existente Mercado do Peixe, de modo a que as suas obras complementares, de reparação e beneficiação fossem o mais económicas possível, tendo em conta, que a importância não fosse desproporcional à sua função transitória, nem prejudicial à realização da obra definitiva que, no entanto, não se apresentava viável no ano de 1947¹⁴.

Assim, o Mercado Provisório da Cordoaria foi concretizado a partir de duas empreitadas, entre os anos de 1946 e 1947, respondendo às diversas necessidades já outrora exigidas pelo Mercado do Peixe. Dando-se então, em 1948, a definitiva transferência do antigo Mercado do Anjo.

¹¹ Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1952: *Localização para a fonte do antigo Mercado do Peixe*.

¹² Segundo notícia reproduzida pelo *Jornal de Notícias* (S.A., 1946: 1-3); Arquivo Histórico do Porto, 1950-1952: *Mercado da Cordoaria: Plantas Topográficas dos Mercados do Anjo e do Peixe*, 202.

¹³ Segundo notícia reproduzida pelo *Jornal de Notícias*, 1946: 1-3; Arquivo Histórico do Porto, 1950- 1952: *Mercado da Cordoaria: Plantas Topográficas dos Mercados do Anjo e do Peixe*, 202.

¹⁴ Arquivo Histórico do Porto, 1950-1952: *Mercado da Cordoaria: Plantas Topográficas dos Mercados do Anjo e do Peixe*, 203.

Por fim, em 1952, o Mercado Provisório é completamente demolido, para dar lugar à construção do atual Palácio da Justiça. Contudo, sabemos que o local inicialmente pensado para a sua construção seria no que é hoje o Mercado do Bom Sucesso¹⁵. No entanto, após a demolição do Mercado Provisório da Cordoaria¹⁶, os proprietários das bancas terão sido transferidos para o lote da Boavista e não para o da Cordoaria, como seria inicialmente previsto.

Hospício de Santo António da Cordoaria

Os frades antoninos do Vale da Piedade, fundaram um recolhimento, em 1730¹⁸, o Hospício de Santo António da Cordoaria, para instalar religiosos reformados a necessitarem de cuidados. Este lugar foi escolhido para essa construção devido à sua localização, “saudável”. Após a saída dos frades Antoninos o lugar fica devoluto e nele é instalada, em 1802, a Aula de Desenhos e Debuxo¹⁹.

O edifício foi entretanto doado ao Município do Porto, tendo sido aproveitado para arrecadar os livros apreendidos em 1833, por decreto de D. Pedro IV para a fundação da Biblioteca Pública do Porto, num total de 80.000 volumes. Devido à falta de espaço, a biblioteca transita daqui para o Paço Episcopal do Porto.

Ainda antes de alojar a Roda dos Expostos, serve de Tribunal do Comércio de 1ª Instancia e só em 1838 vai receber a Roda dos Expostos, transformando-se em Hospício dos Expostos. Esta terá sido a última ocupação do edifício, antes da sua demolição para dar lugar ao Mercado Provisório da Cordoaria que se queria ampliar.

Hospício e Roda dos Expostos

A Roda dos Expostos foi fundada em 1689²⁰ pela Misericórdia, na rua dos Caldeireiros, contigua ao hospital de D. Lopo. No ano de 1823 passa para a tutela da Câmara Municipal do Porto. Em 1826 foi transferida para a rua dos Fogueteiros, para um edifício, propriedade da Quinta das Virtudes. Por ocasião do Cerco do Porto é mudada para a rua de Cedofeita, voltando em 1834 para a rua dos Fogueteiros.

Em 1838 é novamente deslocada, agora para o edifício dos frades Antoninos do Vale da Piedade, junto ao Campo Mártires da Pátria.

À semelhança do que acontecia com o Mercado do Peixe, era a fachada voltada para a Cordoaria que funcionava como a principal, sendo a mais valorizada plasticamente, em contraste com as restantes. De acordo com as fotografias que conhecemos²¹, a fachada era marcada pela

¹⁵Sabemos que o Mercado do Bom Sucesso terá sido projetado em 1949 e inaugurado em 1952. Atentamos ainda, que o Mercado Provisório da Cordoaria terá sido demolido em 1952 para dar então início à construção do Palácio da Justiça do Porto em 1958. Contudo, segundo o projeto de 29 de Dezembro de 1934 (Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1934: *Terreno destinado ao Tribunal*) apercebemo-nos que a atribuição dos lotes seria inicialmente inversa.

¹⁶Arquivo Histórico Municipal do Porto, 1934: *Terreno destinado ao Tribunal*.

¹⁷Segundo Pinho Leal (LEAL, 1873-1890, Vol. VII: 305-306), Vale da Piedade situava-se «[...] em frente de Mira-gaia, na margem esquerda do Douro[...]».

¹⁸LEAL, 1873-1890, Vol. V: 281-282.

¹⁹MARÇAL, 1953: 245.

²⁰ALVES, 2011: 12.

²¹Arquivo Histórico Municipal do Porto, s.d.: *Casa da Roda e Mercado do Peixe*. Bilhete-postal ilustrado; Arquivo

horizontalidade, sendo delimitada por pilastras. Dominando a composição, o portal ocupava toda a altura do alçado, e apresentava alguma movimentação graças a um ressalto que enfatizava a sua axialidade, bem como ao frontão curvo e interrompido. Além dos referidos elementos, a valorização plástica da fachada limitava-se apenas ao movimentando desenho do remate dos vãos do andar nobre sobrelevado. Pese embora o sabor barroquizante conferido pelo desenho dos elementos e pela valorização do eixo central, a fachada era consideravelmente simples. Os restantes elementos, tais como frestas de iluminação da cave ou as águas furtadas, resultando, possivelmente, de acrescentos, eram de carácter meramente utilitário, sem preocupações de simetria.

Armazéns dos Cereais/Celeiros Municipais

Existiam na zona da Cordoaria estruturas utilizadas para o armazenamento dos cereais que dariam origem ao pão, que alimentaria a população da cidade. Em 1820 é aí instalado o hospital Militar a título provisório. A 19 de fevereiro de 1832, nesses armazéns, estavam a quartelados os soldados da 1º Companhia de Infantaria e do Destacamento de Cavalaria da Guarda Real da Policia do Porto. Nesse mesmo ano houve um incêndio de “proporções descomunais” que provocou mortos e feridos²². É iniciado no local, a 10 de Abril de 1869, a construção do Mercado do Peixe²³ que posteriormente é demolido para dar lugar ao Palácio da Justiça.

Capela do Senhor Jesus do Calvário Novo

No século XVII foi edificada uma pequena Capela, dedicada ao Senhor Jesus do Calvário Novo — no lugar da Cordoaria. Junto a essa Capela, em 1730, fundaram os frades antoninos do Vale da Piedade um hospício – Hospício de Santo António do Vale da Cordoaria, com a intenção de posteriormente ligar o Hospício à Capela.

Em 1786 é transferida para a Ermida do Calvário Novo a Ordem da Santíssima Trindade que entre em quezílias com a ordem dos antoninos. Em 1802 saem do prédio da Cordoaria os antoninos e da capela a Ordem da Santíssima Trindade.

A Capela ficou devoluta e foi transformada em cavaleriça, lá se instalando a Companhia de Transportes Portuense²⁴. Em 1854, foi também ocupada por uma padaria, posteriormente por uma taberna e um bordel.

Nas representações fotográficas que conhecemos²⁵, o edifício aparece já consideravelmente modificado. Com uma composição e proporções marcadamente seiscentistas, dominada por duas robustas pilastras, por um portal ladeado por pilastras e coroado por frontão triangular e pelo jogo de vãos ao nível térreo e ao nível do coro alto, a fachada principal deveria ter sido, originalmente rematada por um frontão triangular. Com as transformações acabaria, em

Histórico Municipal do Porto, s.d.: *Casa da Roda*. Bilhete-postal ilustrado.²² LEAL, 1873-1890, Vol. VII; 280.

²² LEAL, 1873-1890, Vol. VII; 280.

²³ *Ibidem*: 373.

²⁴ LEAL, 1873-1890, Vol. V; 282.

²⁵ Arquivo Histórico Municipal do Porto, s.d.: *Porto antigo: a roda*. Bilhete-postal ilustrado.

data que não podemos precisar, por perder o remate, reduzido agora a uma empena e um a friso que parece cortar um nicho, localizando na prumada do portal, e entretanto entaipado. Ladeando o edifício, um conjunto de construções anexas, em materiais precários, contrastam com os vestígios do desenho cuidado da fachada. Numa fase posterior à construção do mercado do peixe, o edifício é ainda mais descaracterizado com a abertura de quatro vãos de entrada ao nível térreo, ladeando o portal.

Utilizando as palavras de Vidal de la Blanche, «a natureza prepara o local e o homem organiza-o de maneira a satisfazer as suas necessidades e desejos»²⁶, seguindo esta premissa e aplicando-a ao local sobre o qual incidiu o estudo supra apresentado, podemos concluir que a zona da cidade hoje conhecida como Virtudes é um exemplo conciso do aproveitamento das condições naturais do território, aqui acentuada pelo declive do vale, a presença do rio Douro e os socacos ajardinados.

O declive do terreno que marca a paisagem, e lhe confere características que a tornam única no contexto da cidade de hoje, e de épocas passadas, foi aproveitado pelo homem para a construção de edifícios públicos e privados.

Não esquecendo a sua inserção na malha urbana da cidade e a sua proximidade ao centro nevrálgico da mesma, o recorte geográfico estudado consegue escapar como um refúgio ali mesmo ao lado. Ainda hoje, e analisando os registos que chegaram até nós, esta zona representa uma aprazível mancha verde no contexto da urbanização atual, não tendo sido completa nem profundamente alterada com o passar do tempo. No entanto, não podemos dizer que foi incólume a alterações urbanísticas.

No que respeita à construção, a sua maior e mais marcante alteração relaciona-se com o quarteirão no qual hoje se implanta o Palácio da Justiça. Sendo que neste mesmo local, pelo que nos indicam os dados acima expostos, foram várias as construções existentes desde o século XVII: capelas, armazéns de cereais, hospitais militares, hospícios, mercados, até ao edifício do Tribunal que se destaca na paisagem pela sua monumental arquitetura. As cidades não são estáticas, embora os edifícios possam prevalecer durante décadas ou até mesmo séculos, várias podem ser as suas transformações ao longo dos tempos. No espaço urbano e na cronologia estudados podemos comprovar esta mesma teoria. A cidade é um organismo vivo e em constantes mutações mediante as necessidades do homem. Terminamos com uma afirmação de Walt Whitman «Cidade, a mais compreensível das obras do homem, engloba tudo, e nada do que se refere ao homem lhe é estranho»²⁷.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1935) – *Projecto de ajardinamento do Passeio das Virtudes*. [A.H.M.P. - D-CDT/A4-61].
- ALVÃO (1984) – *A Cidade do Porto na Obra do Fotografo Alvão 1872:1946*. Porto: Azevedo e Fernandes, Edição da fotografia Alvão.

²⁶GOITIA, 1992: 9.

²⁷*Ibidem*.

- ALVES, Joaquim Jaime Ferreira (1988) – *O Porto na época dos Almadas: Arquitectura. Obras públicas*. Dissertação de Doutoramento em História da Arte. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, vol. I.
- ALVES, Patrícia (2011) – *A construção e reconstrução da Memória da Casa da Roda do Porto*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Relatório de estágio. Dissertação de Mestrado.
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1930) – *Projecto de Ajardinamento do Passeio das Virtudes*. [A.H.M.P. - D-CMP/3 (343)]. Disponível em linha <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/23932/?q=Projecto+de+Ajardinamento+do+Passeio+das+Virtudes>>.
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1934, 29 de dezembro) – *Terreno destinado ao Tribunal*. [A.H.M.P. - D-CMP/21 (64)]
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1935) – *Projeto de ajardinamento do Passeio das Virtudes*. [A.H.M.P. - D-CDT/A4-61]. Disponível em linha <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/608718/?q=Projecto+de+Ajardinamento+do+Passeio+das+Virtudes>>.
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1950-1952) – *Mercado da Cordoaria: Plantas Topográficas dos Mercados do Anjo e do Peixe*. Dossiê 207. [A.H.M.P. - D-CMP/25 (207)].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1950-1952) – *Mercado da Cordoaria: Plantas Topográficas dos Mercados do Anjo e do Peixe*. Dossiê nº 202. [A.H.M.P. - D-CMP/25 (202)].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1950-1952) – *Mercado da Cordoaria: Plantas Topográficas dos Mercados do Anjo e do Peixe*. Dossiê nº 203. [A.H.M.P. - D-CMP/25 (203)].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1952) – *Localização para a fonte do antigo Mercado do Peixe*. [A.H.M.P. - D-CMP/4 (143)].
- COSTA, Agostinho Rebelo da (1789) – *Descrição topográfica e histórica da Cidade do Porto*. Porto: Oficina de António Alvarez Ribeiro.
- GOITIA, Fernando Chueca (1992) – *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 3ª ed.
- GRAÇA, José Pereira da (2008) – *Palácio da Justiça do Porto*. Porto: Edição Tribunal da Relação do Porto.
- LEAL, Pinho (1873-1890) – *Portugal antigo e moderno: Dicionário geográfico, estatístico, chorographico, heráldico, archeologico, histórico, biográfico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e de grande numero de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora Tavares Cardoso e Irmão, vol. V, VI e VII.
- S.A. (1946, março) – Um Mercado Provisório à volta da Cordoaria para substituir a Praça do Anjo – seria a solução menos indicada. *Jornal de Notícias*.
- S.A. (1948) – Correspondência de Leitores. *O Tripeiro*. Série V, Ano IV, Nº2.

Referências em linha

- Arquivo Histórico Municipal do Porto (18??) – *Nivelamento da Rua ou Calçada das Virtudes a qual vai para a Esperança*. [A.H.M.P. - D-CDT/A3-127]. GISA. *Nivelamento da Rua ou Calçada das Virtudes a qual vai para a Esperança*. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/331933/?q=Nivelamento+da+Rua+ou+Cal%3%A7ada+das+Virtudes+a+qual+vai+para+a+Esperan%3%A7a>> [Consulta realizada a 25/10/2016].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1911) – *Projecto de concordância dos pavimentos da Rua e Passeio das Virtudes*. [A.H.M.P. - D-CMP/3(333)]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/23912/?q=Projeto+de+concord%3%A2ncia+dos+pavimentos+da+Rua+e+Passeio+das+Virtudes>> [Consulta realizada a 25/10/2016].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (1952) – Locais possíveis para a edificação do Palácio da Justiça.

- [A.H.M.P. - D-CMP/4 (82)], disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/180/?q=Pal%C3%A1cio%20da%20Justi%C3%A7a>>. [Consulta realizada a 25/10/2016].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (s.d.) – *Casa da Roda e Mercado do Peixe*. Bilhete-postal ilustrado. [Porto]: Le temps perdu. [A.H.M.P. - D-PST/1622]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/49652/?q=Casa%09+++da%09+++Roda%09+++e%09+++Mercado%09+++do%09++++Peixe>>. [Consulta realizada a 25/10/2016].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (s.d.) – *Casa da Roda*. Bilhete-postal ilustrado. [Porto]: Le temps perdu. [A.H.M.P. - D-PST/1607]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/49622/?q=Casa+da+Roda>>. [Consulta realizada a 25/11/2016].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (s.d.) – *Porto antigo: a roda*. Bilhete-postal ilustrado. Porto: Biblioteca Pública Municipal do Porto. [A.H.M.P. - D-PST/3048(19)]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/51398/?q=Porto+antigo%3A+a+roda>>. [Consulta realizada a 25/11/2016].
- Arquivo Histórico Municipal do Porto (s.d.) – *Porto: pedra de armas do Porto: Mercado do Peixe: séc. XIX*. Registo fotográfico. [A.H.M.P. - F-NP/2-GBB/1/6(12)]. Disponível em <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/258486/?q=mercado+peixe>>. [Consulta realizada a 25/11/2016].

QUARESMA, Cláudia, MOURA, Juliana, MOURA, Maria, CARVALHO, Mariana & MAGALHÃES, Rodrigo (2017) – O Passeio das Virtudes e a rutura do Palácio da Justiça. *Jardim e Passeio das Virtudes: Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto, pp. 44-54.

O HORTO DAS VIRTUDES

CAROLINA FURTADO*

FRANCISCA PIRES DE ALMEIDA*

VERA GONÇALVES*

Resumo: O presente artigo pretende debruçar-se sobre o Horto das Virtudes, espaço que surgiu com essa função em meados do século XIX e que grande impacto teve na cidade do Porto naquilo que concerne aos jardins públicos e privados da cidade. Por iniciativa de José Marques Loureiro (1830-1898) formava-se aquele que seria um dos estabelecimentos hortícolas de maior destaque no país e internacionalmente, a *Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense*, com implantação nos terrenos da Quinta das Virtudes.

Este estudo baseia-se assim numa revisão bibliográfica e no trabalho *in loco*, que se fizeram acompanhar por investigação documental, análise cartográfica e pesquisa no *Jornal de Horticultura Pratica* e nos catálogos da *Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense*. Apresentam-se como objetivos: conhecer o que foi o Horto das Virtudes, desde o seu aparecimento até à sua venda à Câmara Municipal do Porto, já no século XX, bem como divulgar e salvaguardar os seus vestígios remanescentes.

Palavras-Chave: Horto das Virtudes; Porto; José Marques Loureiro; Horticultura

Abstract: The present paper focuses on the Nursery Garden of Virtudes, a space that emerged with that role in mid-19th century and with great impact in the city of Porto, where public and private gardens were concerned. By initiative of José Marques Loureiro (1830-1898) what would become one of the greatest national and international horticultural houses in the country was born, the *Royal Horticultural-Agricultural Company of Porto*, located in the lands of the Virtudes Estate.

This study is based on literature review and *in loco* investigation, including the analysis of documents, maps, the *Jornal de Horticultura Pratica* and the *Royal Horticultural-Agricultural Company of Porto* catalogues. Our goal was to understand what the Nursery Garden of Virtudes represented, from its opening to its sale to the City Council of Porto, already in the 20th century, and to disseminate and protect the surviving traces.

Keywords: Nursery Garden of Virtudes; Porto; José Marques Loureiro; Horticulture

*Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, DCTP, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O HORTO DAS VIRTUDES: PARA UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

De finais do século XIX e princípios do século XX, o Horto das Virtudes, implantado em parte do terreno da Quinta das Virtudes, foi, para a sua época, uma novidade, tendo ganho renome internacional. Com efeito, foi da sua atividade que nasceu o *Jornal de Horticultura Prática*, que se disseminaram flores e plantas que ajardinaram o país e que se acolheram outras tantas espécies vindas do exterior. Embora extinto, o facto é que ainda é hoje alvo de investigação, sobretudo no âmbito da arquitetura-paisagista e da botânica, não obstante ainda existir muito por explorar naquilo que concerne à sua valorização patrimonial.

A geomorfologia dos espaços, nas mais diversas latitudes, sempre condicionou a ocupação e utilização dos espaços, conduzindo à sua transformação¹. As plantações vitícolas nas escarpas do Alto Douro Vinhateiro, agrícolas no Entre-Douro-e-Minho e no Perú ou Vietname, tal como a utilização das encostas para a construção de habitação, como no caso de Cinque Terre (Itália), são exemplos do sucesso do Homem num ambiente muito adverso. Também no Porto, nas Virtudes, aproveitando as encostas encaixadas do vale do rio Frio, soalheiras e férteis, foram surgindo socalcos cultivados: campos, pequenas hortas e quintas. Entre estas destacou-se, no século XVIII, a Quinta das Virtudes, nosso objeto de estudo.

As singulares características deste terreno são já descritas em finais do século XVIII pelo Padre Agostinho Rebelo da Costa, afirmando este: «Em toda a Cidade, não há sitio nem mais ameno, nem mais agradável: porque além da sua bella posição adornada de regulares Edifícios, gozaõ os olhos de hum só golpe, vista de Cidade, de Mar, Rio, Navios, Montes, Campinas, Quintas e Palacios»².

Sabe-se que, cerca de 1840, funcionava já neste local um estabelecimento hortícola dirigido por Pedro Marques Rodrigues³. Poucos anos mais tarde, em data ainda não esclarecida, José Marques Loureiro (1830-1898) surge a trabalhar em colaboração com este último nas Virtudes, não tendo sido possível, até à data, apurar os moldes da mesma.

De acordo com uma inscrição pintada no teto da antiga cavaleriça da Quinta, atual oficina de cerâmica da *Árvore — Cooperativa das Actividades Artísticas, CRL*⁴ foi fundado em 1848, por José Marques Loureiro⁵.

Na cartografia salienta-se o recorte vegetal desta área em forma triangular bem próximo do rio Douro. A mancha do horto, embora pouco perceptível, é já captada na planta de George Balck (1813) correspondendo nessa época à Quinta das Virtudes. Contudo, é a *Carta Topographica da Cidade do Porto*, levantada por Telles Ferreira que põe em evidência o horto com o plano dos jardins e dos seus socalcos, e o agrupamento factício das plantas e reservatórios de água.

Em 1865, o Horto das Virtudes esteve presente na Exposição Internacional Portuguesa, no Palácio de Cristal (Porto), destacando-se, a partir de então, em inúmeras exposições hortícolas, em Portugal e no estrangeiro, nas quais arrecadou variados prémios, como comprovam as folhas de rosto dos vários números do catálogo deste estabelecimento.

¹ ARAÚJO, 1972: 378.

² COSTA, 1789: 85.

³ CARNEIRO, 1909: 35-36.

⁴ Adiante nomeada pela forma simplificada “Cooperativa Árvore”.

⁵ SERENO *et al.*, 2002.

Com efeito, o Palácio de Cristal, inaugurado em 1865 com a primeira Exposição Internacional na Península Ibérica, traria para Portugal Emílio David (1839-1873), um jardineiro-paisagista alemão convidado para desenhar os jardins que enquadrariam o edifício. É neste contexto que, depois de ocupar a direção deste espaço verde, passa, a partir de 1869, a colaborar com José Marques Loureiro no seu horto, «facto que terá criado expectativas de significativo desenvolvimento, nomeadamente através do fornecimento de serviços na área do projeto de parques e jardins»⁶. Contudo, esta parceria manter-se-ia por um curto período de tempo, passando Emílio David a administrar o seu próprio estabelecimento a partir de 1871.

José Marques Loureiro introduziu em Portugal um grande número de espécies, algumas oriundas dos melhores estabelecimentos europeus de França, Bélgica ou Inglaterra⁷, transformando-se o Horto das Virtudes num verdadeiro campo experimental de aclimação de plantas. Muitas delas eram alvo de experiências de mudança de um ambiente de estufa para o exterior ou de cruzamento, dando origem a novas espécies. É de destacar o caso das camélias, de que o Horto das Virtudes possuía mais de 650 variedades⁸. Por outro lado, José Marques Loureiro foi simultaneamente o primeiro horticultor em Portugal a publicar um catálogo com os produtos à venda no seu estabelecimento, para além do já referido *Jornal de Horticultura Pratica*, dado ao prelo entre 1870 e 1892.

Não obstante a Quinta das Virtudes apresentar características naturais que favoreciam a implantação do horto de José Marques Loureiro nos seus terrenos⁹, tinha também constrangimentos que, a par do crescente sucesso do negócio, levaram ao investimento em novos viveiros na Quinta da Pena, em Vilar, na Quinta das Águas Férreas e, mais tarde, em Águas Santas¹⁰.

Entre os inúmeros visitantes e clientes do horto contava-se a família real portuguesa, que, nas suas idas à cidade do Porto, fazia sempre paragem no estabelecimento. Tal estima conduziu a que, em 1865, D. Maria Pia (1847-1911) o distinguisse com o título de Fornecedor da Casa de Sua Majestade. Entre as inúmeras variedades de camélias que criou muitas receberam os nomes de membros de diferentes gerações da família real.

Em 1890, passaria a designar-se *Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense*, sendo então seu diretor Jerónimo Monteiro da Costa (fl. 1885-1906), após um período de agravamento do estado de saúde de José Marques Loureiro. As informações relativas à vida deste horto após a morte de José Marques Loureiro e, sobretudo, naquilo que respeita ao século XX avançado, são escassas. O catálogo da *Companhia Hortícola-Agrícola Portuense* dá-nos notícia que em 1948 existia ainda este estabelecimento. No entanto, já em 1965, o horto foi adquirido pela Câmara Municipal do Porto, recebendo intervenções de requalificação em 1998¹¹.

⁶ MARQUES, 2009: 56.

⁷ LOUREIRO *et. al.*, 1892-1897: 80.

⁸ ARAÚJO, 2006: 136.

⁹ «A quinta das Virtudes marcada pelo escavado talvegue do rio Frio, teria, naturalmente, disponibilidade de água, uma diversidade desejável de exposições solares, com extensas áreas a sul e poente (onde se localizava um número significativo de estufas) e estaria abrigada dos ventos frios do norte» (MARQUES, 2009: 57).

¹⁰ MARQUES, 2009: 57.

¹¹ Câmara Municipal do Porto, 2014.

OS JARDINEIROS DAS VIRTUDES

Com um grande interesse e curiosidade pelas questões ligadas à flora, José Marques Loureiro tornou-se a personagem fundamental para a história do Horto das Virtudes. Proveniente de Viseu, foi acolhido com catorze anos de idade pelo floricultor Pedro Marques Rodrigues que se dedicava, no estabelecimento das Virtudes, ao cultivo de camélias, cravos e alecrins do norte¹². Sobre esta figura pouco sabemos, sendo as parcas referências que existem repetidas de autor para autor, sem nunca se saber qual a sua fonte primeira.

Será, pois, aqui que José Marques Loureiro inicia a sua aprendizagem em torno do mundo da jardinagem e, aí, surgiria o seu primeiro negócio. Substituindo o seu mestre em 1863, assim aparece o horto, que rapidamente adquire grande reconhecimento. Marca presença nas variadas exposições de flores, onde ganha um número considerável de medalhas e percorre os afamados hortos internacionais com o fim de adquirir conhecimento e divulgá-lo aos demais. Por outro lado, traz consigo novas espécies como palmeiras, eucaliptos, pereiras ou morangueiros — que vingam em Portugal, facto que o levou a alargar os seus terrenos de cultivo, investindo em novos viveiros na cidade do Porto como, por exemplo, na Quinta da Pena, dedicada ao cultivo de árvores frutícolas, ou na rua Formosa para implementação de uma estufa. Empreendedor, estendeu a sua exploração para além do Porto, optando pela Maia, nas Quintas da Picua e da andara, e em Lisboa, na rua do Salitre, para abrir uma sucursal¹³.

Neste contexto, o desígnio do horticultor foi mais além do mero propósito comercial. Nas várias tiragens do *Jornal de Horticultura Pratica* — mais tarde designado como *Jornal Hortícola-Agrícola* —, debata diversos assuntos, nunca esquecendo de salientar, por exemplo, a importância dos jardins públicos ou a proteção do arvoredo em geral. Com vinte e três anos de publicação, fez deste jornal o primeiro e mais completo repositório especialista em assuntos de cultivo e plantação¹⁴. As suas gravuras, muitas das quais importadas, permitiram a divulgação de formas e práticas, impulsionando a atividade hortícola em Portugal. De forma a dar a conhecer aquilo que de mais inovador se vinha fazendo internacionalmente no campo da horticultura, contou com a colaboração de inúmeros correspondentes, podendo citar-se, a título de exemplo, Edmond Goeze (1838-1929), um alemão que trabalhou no Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e no Jardim Botânico da Escola Politécnica de Lisboa, com assídua colaboração neste periódico entre 1870 e 1876.

Todo o trabalho de José Marques Loureiro, pioneiro em Portugal e impulsionador das práticas hortícola-agrícolas, valeu-lhe uma efígie numa estátua de António Teixeira Lopes (1866-1942), denominada *Flora*, que ainda subsiste no Jardim de João Chagas/Cordoaria, mantendo viva a memória desta personagem.

No entanto, não podemos deixar de fazer também alusão a Jerónimo Monteiro da Costa. Natural do concelho de Marco de Canaveses, tornou-se sócio de José Marques Loureiro em 1890, ao associar o seu negócio hortícola Costa & Costa ao Horto¹⁵. É a partir desta fusão que nasce a *Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense*, denominação que se manterá até à queda da Monarquia, tendo Jerónimo Monteiro como diretor. A sua designação altera-se, assim, para

¹² LEAL, 1875: 262.

¹³ MARQUES, 2009: 56.

¹⁴ CORREIA, 1981: 410.

¹⁵ MARQUES, 2009: 60-61.

Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, a qual estabelece nos seus estatutos os objetivos a que se propunha:

(...) art. 2º - Esta sociedade tem por fim (1º) Adquirir o estabelecimento hortícola denominado Horto Loureiro com todos os seus pertences, compreendendo a sucursal que tem em Lisboa e adquirir o estabelecimento hortícola de Costa & Costa, (2º) A cultura e venda de plantas, (3º) Effectuar todas as operações que digam respeito à horticultura, agricultura e jardinagem. (...) A associação com o horticultor e jardineiro paisagista Jeronymo Monteiro da Costa, antigo funcionário do estabelecimento de Marques Loureiro, significaria uma garantia da continuidade do seu esforço empreendedor no mundo da horticultura (...) ¹⁶.

Entusiasta da horticultura, Jerónimo Monteiro da Costa é nomeado chefe dos jardins e arvoredos da Câmara Municipal do Porto em 1893 e, com esse cargo, assume o ajardinamento de várias zonas desta cidade¹⁷. Os jardins de João Chagas (Cordoaria), do Passeio Alegre e o de Marques de Oliveira (São Lázaro) serão, assim, exemplos emblemáticos da intervenção deste horticultor na paisagem portuense¹⁸.

PERSISTÊNCIAS MATERIAIS E VEGETAIS

São poucos os elementos do antigo Horto das Virtudes que se podem encontrar no atual Jardim. Com efeito, estes podem, num primeiro olhar desinformado, passar despercebidos aos visitantes. Contudo, entre as peças agora descontextualizadas como estatuária e outros elementos que ornamentavam os muros do horto, pode ainda distinguir-se um ou outro elemento identificável através do confronto com registos fotográficos da época.

A partir da observação no local e do confronto com a documentação, nomeadamente a cartográfica, foi possível perceber que ainda subsiste parte do portão da entrada do horto, de acesso pela rua dos Fogueteiros, atual rua Azevedo de Albuquerque, embora alterado. Relativamente a um segundo portão, com entrada pela mesma rua, pensamos ter identificado o local onde este se encontrava e alguns fragmentos da cantaria original. Outros vestígios estarão dispersos no espaço do atual jardim público. Contudo, foram manipulados e reutilizados em muros.

A flora que outrora compunha o Horto das Virtudes está, hoje, muito reduzida. A Câmara Municipal do Porto adquiriu o Horto das Virtudes em 1965 e, após um período de abandono, transformou-o num Jardim Municipal, aberto ao público em 1999. Os antigos socalcos foram cobertos de relva, tendo sido introduzidas novas plantas.

Das espécies que subsistem do antigo Horto das Virtudes estão identificadas uma *Phoenix Canariensis*, uma *Pistacia Atlântica*, uma *Ginkgo Biloba* e uma *Chorisia Speciosa*, árvores com reconhecido valor paisagístico. Servindo como forma de salvaguarda e valorização do Património Natural, considera-se, assim, que «o Arvedo de Interesse Público compreende exemplares isolados ou conjuntos arbóreos que, pela sua representatividade, raridade, porte, idade, historial, significado cultural ou enquadramento paisagístico, possam ser considerados de relevante interesse público e se recomenda a sua cuidadosa conservação»¹⁹.

¹⁶ MARQUES, 2009: 62.

¹⁷ SOARES, 2006: 11.

¹⁸ Universidade do Porto, 2012.

¹⁹ Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (I.C.N.F.).

Neste contexto, a *Phoenix Canariensis* é uma das poucas palmeiras sobreviventes do Horto das Virtudes. O *Jornal de Horticultura Pratica* refere a respeito desta árvore:

*Entrando pela porta ao fundo do largo do Viriato, depara-se-nos logo o primeiro socalco, onde se encontram soberbas plantas tropicaes. Entre muitos exemplares de pequeno e mediano porte, sobresaem: uma Phoenix canariensis, soberba em pujança e de estipe [caule das palmeiras] incipiente, mas enormemente grosso*²⁰.

No Porto, existem sessenta e três árvores desta espécie classificadas pelo Instituto de Conservação da Natureza e das Florestas²¹ como Árvores de Interesse Público, sendo as mais antigas as do Jardim do Passeio Alegre, com cento e vinte e cinco anos²², também provenientes do Horto das Virtudes²³.

Por outro lado, a *Pistacia Atlântica* terá sido plantada pelo próprio José Marques Loureiro, em 1877, conforme referido num dos números do *Jornal de Horticultura Pratica*²⁴. As sementes desta árvore foram-lhe enviadas com identificação errada e, só quando esta cresceu, foi possível identificá-la corretamente. Marques Loureiro refere:

*Não a possuíamos ainda, e, por isso, tivemos muito prazer em poder enriquecer com ella a nossa collecção de arvores de folhas persistentes. A Pistacea é uma arvore linda, tendendo a tomar uma forma arredondada. Os fructos, de novembro a março são d'um escarlata vivo e do tamanho de cerejas. Dispostos em cachos, são d'um efeito encantador. Terminamos por afiançar que a Pistacea atlântica deve dar-se em quasi todo o nosso paiz*²⁵.

No entanto, parece que tal não se verificou, já que é uma árvore rara nos nossos jardins.

A *Ginkgo Biloba* é considerada a espécie vegetal mais antiga do planeta. O exemplar existente no Jardim das Virtudes é o maior desta espécie que se conhece em Portugal, com 35,5 metros de altura e, provavelmente, a mais antiga. Estima-se que tenha cerca de 200 anos, sendo, portanto, anterior ao próprio Horto. Este ícone do Jardim das Virtudes é a única árvore aqui classificada como de Interesse Público. A *Chorisia Speciosa* quase passa despercebida, no limite sudoeste do Jardim das Virtudes, num socalco paralelo ao rio Douro. Foi prejudicada pela plantação de duas árvores muito próximas, que a ocultam parcialmente. O facto de crescer encostada a um muro terá condicionado o seu desenvolvimento²⁶. Esta árvore, muito rara em Portugal, encontra-se em vias de classificação.

Em suma, pode assim compreender-se o tema do Horto das Virtudes como passível de ser visto e trabalhado segundo múltiplos pontos de vista, o que convoca uma investigação multidisciplinar que integre áreas como a História, História da Arte, Arquitetura Paisagista ou Botânica. Com efeito, considera-se que apenas assim se poderá compreender de forma mais completa o lugar e as suas diferentes transformações ao longo do tempo, havendo ainda muito

²⁰ LOUREIRO, 1887: 270.

²¹ Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (I.C.N.F.).

²² LOURENÇO, 2015: 18.

²³ ARAÚJO, 2006: 75.

²⁴ LOUREIRO, 1881: 213-214.

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ ARAÚJO, 2006: 26.

por abordar naquilo que concerne ao tema. Algumas questões ficam, porém, por responder. Não foi possível, até ao momento, precisar a data e as circunstâncias que levaram ao encerramento do Horto das Virtudes.

Os vestígios do Horto das Virtudes são, hoje, muito escassos e desconhecidos do público. É premente a elaboração de conteúdos de qualidade que divulguem as Virtudes junto de diferentes públicos, contribuindo para o seu melhor conhecimento, valorização e salvaguarda, para que as gerações futuras possam usufruir também deste espaço.

Os espaços verdes têm vindo a merecer destaque na doutrina internacional, sendo já mencionados em 1972 pela UNESCO na *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*, como deixa antever o seu título. Contudo, será a *Carta de Florença sobre a Salvaguarda de Jardins Históricos* (1981) que vai refletir mais diretamente sobre estas questões, definindo os jardins como um «monumento vivo»²⁷ sujeitos a princípios de salvaguarda próprios pelo seu caráter precíval. Neste sentido, afirma este documento que «o interesse pelos jardins históricos deve ser estimulado por todo o tipo de atuações capazes de valorizá-lo enquanto património e de torná-lo mais conhecido e apreciado»²⁸.

Estes aspetos têm também vindo a integrar progressivamente a própria legislação nacional, verificando-se que a Lei Base 107/2001, de 8 de outubro, prevê, no seu artigo 44º, a defesa da qualidade ambiental e paisagística.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ARAÚJO, Ilídio (1972) – Jardins, Parques e Quintas de Recreio no Aro do Porto, *Revista de História: Actas do Colóquio O Porto na Época Moderna*. Porto, Centro de História da Universidade do Porto, Instituto de Investigação Científica, vol. 2, pp. 375-387.
- ARAÚJO, Paulo Ventura (2006) – *À Sombra de Árvores com História*. Lisboa: Gradiva. ISBN 978-972-616-152-1
- CORREIA, António Mendes (dir.) (1981) – *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. 16. Lisboa: Editorial Enciclopédia.
- LEAL, Augusto S. B. Pinho (1875) – *Portugal Antigo e Moderno: Dicionário Geográfico, Estatístico, Chorographico, Heráldico, Archeologico, Historicos, Biográfico e Etymologico de Todas as Cidades, Villas e Freguezias de Portugal e de Grande Numero de Aldeias (...)*. Vol. 5. Lisboa: Livraria Editora de Mattos & Companhia.
- LOUREIRO, José Marques & COSTA, Jeronymo Monteiro da (1892-1897) – *Catálogo Geral e Descritivo das Plantas Cultivada no Estabelecimento e Viveiros da Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense*. N.º 27. Porto: Typographia de António José da Silva Teixeira.
- MARQUES, Teresa Portela (2009) – *Dos Jardineiros Paisagistas e Horticultores do Porto de Oitocentos ao Modernismo na Arquitetura Paisagista em Portugal*. Tese de Doutoramento. Lisboa, Instituto Superior de Agronomia.

²⁷ ICOMOS, 1981: art. 3º.

Referências em linha

- Câmara Municipal do Porto (2014) – *Parque das Virtudes*. «Porto.». Disponível em <<http://bit.ly/2p9AoSQ>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- COSTA, Agostinho Rebelo da (1789) – *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto: Que Contém a sua Origem (...)*. Porto: Oficina de António Alvarez Ribeiro, 1789. Disponível em <<http://bit.ly/2pq2agz>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- ICOMOS (1981, 21 de maio) – *Carta de Florença sobre a Salvaguarda de Jardins Históricos*. Florença. Disponível em <<http://bit.ly/2q1DnRl>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (I.C.N.F.) – *Arvoredo de Interesse Público: Monumentos Vivos*. Disponível em <<http://bit.ly/2pDuDR0>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- Lei nº 107/2001, de 8 de setembro: Lei de bases da política e do regime de protecção e valorização do Património Cultural*. «Diário da República», I Série-A. Disponível em <<http://bit.ly/2qC1q6e>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- LOURENÇO, Diogo Filipe Pascoal (2015) – *Árvores de Interesse Público da Cidade do Porto: Do Inventário ao Itinerário*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagista orientada pela Professora Cláudia Fernandes e apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade do Porto em 2015. Disponível em <<http://bit.ly/2qjgWDo>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- LOUREIRO, José Marques (1870-1892) – *Jornal de Horticultura Prática*. Porto: Typographia Lusitana. Disponível em <<http://bit.ly/2pm6KdO>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- SERENO, Isabel; GUIMARÃES, Maria (2002) – «Casa das Virtudes/ Casa dos Pintos de Meireles/Casa dos Albuquerque/ Edifício da Cooperativa Árvore». *SIPA: Sistema de Informação para o Património Arquitetónico*. Disponível em <<http://bit.ly/2pDv9yq>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- SOARES, Manuela (2006, junho) – «Apontamentos para o estudo do verde lúdico no Porto». *Boletim APHA: Associação Portuguesa de Historiadores de Arte*, vol. 3. Disponível em <<http://bit.ly/2oPWREj>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].
- Universidade do Porto (2012) – *Edifício da Reitoria da U.Porto – Enquadramento: Lado Sul*. Disponível em <<http://bit.ly/2pJqxUD>>. [Consulta realizada a 04/05/2017].

FURTADO, Carolina, ALMEIDA, Francisca Pires de & GONÇALVES, Vera (2017) – O Horto das Virtudes. *Jardim e Passeio das Virtudes: Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto, pp. 55-62.

CRONOLOGIA & LEVANTAMENTO DOS PRINCIPAIS PROPRIETÁRIOS E INTERVENIENTES NA ZONA DAS VIRTUDES

HUGO BARREIRA (COORD.),
ANA PATRÍCIA GONÇALVES
JOANA ISABEL DUARTE

CRONOLOGIA

DATA	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA ESPACIAL ATUAL
Século XIV	Muralha gótica presença da judiaria que vai condicionar o traçado da atual Rua das Taipas; a escolha deste sítio para implantação da judiaria foi ordenada por D. João I em 1386 [zona escolhida era a então pouco povoada zona do Olival].	Rua das Taipas
1582	Edificação do primeiro Tribunal da Relação no Campo do Olival [edifício profundamente danificado com o Terramoto de 1755].	Cadeia e Tribunal da Relação
Século XVII	Edificação de uma capela dedicada ao Senhor Jesus do Calvário Novo.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
1611	Criação de uma vasta alameda, no local designado Cordoaria por iniciativa de Filipe II, pela falta de zonas verdes na cidade amuralhada, após a abertura da Rua das Flores (1521-1525) e da destruição da vasta zona de hortas que ocupava o vale do rio de Vila.	Cordoaria

DATA	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA ESPACIAL ATUAL
1619	O Manancial das Virtudes começa a ser explorado com a construção da Fonte do Rio Frio (mais tarde denominada «das Virtudes»).	Zona das Virtudes
1617-1619	Construção da Fonte do Rio Frio atualmente denominada Fonte das Virtudes construção da alameda que lhe dá acesso.	Zona das Virtudes
1666	Edificação da Capela das Almas de S. José das Taipas.	Rua Dr. Barbosa de Castro
1686	Fundação da Roda dos Expostos.	Rua dos Caldeireiros, contígua ao hospital de D. Lopo
1730	Hospício de Santo António da Cordoaria é fundado pelos Frades Antoninos do Vale da Piedade, para instalar religiosos reformados a necessitarem de cuidados.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
[1744-1824]	Alçado de José Francisco de Paiva para a Casa da Quinta das Virtudes (não concretizado).	Casa da Quinta das Virtudes
1767	Requerimento de construção de uma capela, adossada à Casa da Quinta das Virtudes, por José Pinto Meirelles e Francisca Clara de Azevedo Aranha e Fonseca Possível edificação da Casa da Quinta das Virtudes.	Quinta das Virtudes Rua Azevedo de Albuquerque
1772	Construção da Fonte das Taipas encomendada à Câmara pelos moradores do Largo do Postigo das Virtudes com intenção de substituir um chafariz existente.	Rua das Taipas [?]
1786	Ordem da Santíssima Trindade é transferida para a Capela do Calvário Novo.	Cordoaria

DATA	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA ESPACIAL ATUAL
1786 e 1787	Construção do paredão das Virtudes.	Zona das Virtudes
1787 e 1804	A Junta das Obras Públicas inicia a demolição da muralha gótica, sendo uma das suas principais intervenções, para melhor expansão da cidade.	Porto
Final do século XVIII	Edificação do paredão que sustenta a plataforma do Passeio.	Passeio das Virtudes
1800	Previsto um alinhamento para Rua do Calvário (atual rua Dr. Barbosa de Castro), que se concretizou apenas parcialmente.	Rua Dr. Barbosa de Castro
1802	A Ordem da Santíssima Trindade abandona a Capela do Calvário Novo Os Antoninos abandonam o Hospício de Santo António da Cordoaria É instalada a aula de Desenhos e Debuxo no Hospício de Santo António da Cordoaria.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
1820	O hospital militar é instalado na Cordoaria, a título provisório Água que abastecia a fonte dos Fogueteiros terá sido encanada após a construção do paredão e dos seus três arcos, seguindo as suas vertentes para a Quinta das Virtudes.	Cordoaria Rua Azevedo de Albuquerque
1825	Registo da transferência provisória da Roda dos Expostos para o prédio número 4 da Rua dos Fogueteiros Nova sugestão de alinhamento, que dá origem à configuração atual da travessa de S. Bento e a rua das Taipas que desembocam no Jardim da Cordoaria.	Rua Azevedo de Albuquerque Travessa de S. Bento; Rua das Taipas Jardim da Cordoaria

DATA	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA ESPACIAL ATUAL
1832	Cerco do Porto Nos armazéns de cereais da Cordoaria estavam aquartelados os soldados da 1ª Companhia de Infantaria e do Destacamento de Cavalaria da Guarda Real da Polícia do Porto. Incêndio nos armazéns de cereais da Cordoaria A Roda dos Expostos é transferida para a Rua da Cedofeita.	Porto Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria Rua de Cedofeita
1833	Hospício de Santo António da Cordoaria é aproveitado para arrecadar livros para a fundação da Biblioteca Pública do Porto; Fundação da Biblioteca Pública do Porto, por decreto de D. Pedro IV.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
1834	Roda dos Expostos instala-se, novamente, na Rua dos Fogueteiros.	Rua Azevedo de Albuquerque
1838	A Roda dos Expostos é alojada no Hospício de Santo António da Cordoaria (Hospício dos Expostos) Última ocupação do edifício antes da sua demolição, para dar lugar ao Mercado Provisório da Cordoaria que se queria ampliar.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
[c. 1840]	Funcionamento de um estabelecimento hortícola dirigido por Pedro Marques Rodrigues.	Jardim das Virtudes Quinta das Virtudes
1840	José de Azevedo Souza Vieira da Silva, requer a exploração de água para a Quinta.	Quinta das Virtudes
1842	José Joaquim Pereira Jordão manda ampliar um terreno que conflui para a Rua do Dr. Barbosa de Castro, onde se viria a erguer a casa nobre da família.	Rua Dr. Barbosa de Castro

DATA	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA ESPACIAL ATUAL
1843	Construção de um tanque para onde caía a água de uma fonte dita «dos Fogueteiros», no arco central do Paredão dos Fogueteiros.	Rua Azevedo de Albuquerque
1844	A propriedade da Quinta das Virtudes aparece associada a José Marques Loureiro.	Jardim das Virtudes Quinta das Virtudes
1848	Fundação do Horto das Virtudes por José Marques Loureiro (informação a partir de uma inscrição nas antigas cavaliças da Casa).	Jardim das Virtudes Quinta das Virtudes
1850	Colégio da Madame Podestá no número 44 da rua dos Fogueteiros.	Rua Azevedo de Albuquerque
1854	Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva aumento o edifício da casa nobre da família Jordão A Capela do Calvário Novo foi ocupada por uma padaria e posteriormente por uma taberna e um bordel. O colégio da Madame Podestá muda de instalações para a Rua de São Bento da Vitória.	Rua Dr. Barbosa de Castro Cordoaria Rua de São Bento da Vitória
1864	Publicação do primeiro catálogo de especialidade botânica em Portugal.	—
1865	Presença do Horto das Virtudes na Exposição Internacional Portuguesa, no Palácio de Cristal (Porto).	Palácio de Cristal do Porto
1869	Início da construção do Mercado do Peixe no Sítio do Calvário Novo.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
1874	Inauguração do Mercado do Peixe.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria

DATA	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA ESPACIAL ATUAL
1884	Nascente que abastece a fonte das Virtudes é considerada imprópria para consumo por Tito de Bourbon e Noronha.	Fonte das Virtudes Zona das Virtudes
1890	Horto passa a designar-se Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, sendo diretor Jerónimo Monteiro da Costa (fl. 1885-1906), após um período de agravamento do estado de saúde de José Marques Loureiro.	Jardim das Virtudes Quinta das Virtudes
1872	Demolição da capela Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José.	Quinta das Virtudes
Finais século XIX	Implantação do Horto das Virtudes em parte do terreno da Quinta das Virtudes.	Quinta das Virtudes
1907	A casa nobre da família Jordão é ocupada pela Fábrica Portuense de Guarda-Sóis, Lda.	Número 14 do Passeio das Virtudes e Número 51 da Rua Dr. Barbosa de Castro
1916	Joaquim e Alfredo Ferreira da Silva Jordão (descendentes de Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva) vendem a casa a um industrial que montou a Fábrica Portuense de Guarda-Sóis, Lda.	Número 14 do Passeio das Virtudes e Número 51 da Rua Dr. Barbosa de Castro
1901	Fundação da Fábrica Electra no número 21 da Rua dos Fogueteiros.	Rua Azevedo de Albuquerque
1910	Luís Couto dos Santos requer a construção de uma garagem para o Dr. Carlos de Azevedo Albuquerque num terreno pertencente à Quinta das Virtudes;	Rua Azevedo de Albuquerque
	Fonte das Virtudes é reconhecida e classificada como Monumento Nacional, pelo Decreto-Lei nº 136, 23 de junho de 1910: 2166.	Zona das Virtudes

DATA	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA ESPACIAL ATUAL
1911	Passeio das Virtudes e respetivo largo são alvo de ajardinamento e aformoseamento.	Passeio das Virtudes
1930	Passeio das Virtudes e respetivo largo são alvo de ajardinamento e aformoseamento.	Passeio das Virtudes
1935	Passeio das Virtudes e respetivo largo são alvo de ajardinamento e aformoseamento.	Passeio das Virtudes
1946	Ampliação do Mercado do Peixe O Mercado do Peixe passa a ser designado por Mercado Provisório da Cordoaria.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
1948	Referência à Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense Transferência do antigo Mercado do Anjo para a Cordoaria.	Quinta das Virtudes Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
1952	Demolição do Mercado Provisório da Cordoaria (antigo Mercado do Peixe) Os vendedores são deslocados para um novo local, o mercado do Bom Sucesso, na Boavista, construído para o efeito.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
1958	Início da construção do Palácio da Justiça.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
Década de 60	A Casa da Quinta das Virtudes encontrava-se ao abandono, de «portas abertas, onde se entrava à vontade».	Casa da Quinta das Virtudes
1961	Inauguração do Palácio da Justiça.	Rua Campo dos Mártires da Pátria Cordoaria
1963	É fundada a Árvore – Cooperativa de Actividades Artísticas.	—
1965	O horto é adquirido pela Câmara Municipal do Porto;	Jardim das Virtudes Quinta das Virtudes

DATA	ACONTECIMENTO	REFERÊNCIA ESPACIAL ATUAL
1965 (continuação)	A Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas instala-se na Casa da Quinta das Virtudes.	Casa da Quinta das Virtudes
Década de 1970	A Casa da Quinta das Virtudes é sujeita a obras no interior.	Casa da Quinta das Virtudes
1971	A Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas inaugura uma galeria, auditório e oficinas nos campos da serigrafia, litografia, gravura e cerâmica.	Casa da Quinta das Virtudes
1976	A Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas foi alvo de um atentado de bomba na madrugada de 7 de janeiro.	Casa da Quinta das Virtudes
Década de 1980	Remodelação do espaço da Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas.	Casa da Quinta das Virtudes
1984	Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas é uma cooperativa cultural reconhecida como organismo privado de utilidade pública.	Casa da Quinta das Virtudes
1989	A Árvore — Cooperativa de Actividades Artísticas adquire o edifício da Quinta das Virtudes diretamente aos proprietários, Dr. Henrique da Costa Alemão Teixeira e sua mulher Margarida Helena Relvas Navarro de Azevedo de Albuquerque da Costa Alemão Teixeira.	Casa da Quinta das Virtudes
1998	O horto recebe intervenções de requalificação.	Jardim das Virtudes Quinta das Virtudes
1999	O horto é aberto ao público, transformado em Jardim Municipal pela Câmara Municipal do Porto.	Jardim das Virtudes Quinta das Virtudes

LEVANTAMENTO DOS PRINCIPAIS PROPRIETÁRIOS E INTERVENIENTES NA ZONA DAS VIRTUDES

NOME	DATA	ATIVIDADE
Alcino Soutinho	Década de 1980	Arquiteto que participa na remodelação da Casa da Quinta das Virtudes.
Alfredo Ferreira da Silva Jordão	1916	Descendente de Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva. Vende a Casa da família Jordão a um industrial que montou a Fábrica Portuense de Guarda-Sóis, Lda. [número 14 do passeio das Virtudes e número 51 da rua Dr. Barbosa de Castro].
Emílio David	1869-1871	Colabora com o José Marques Loureiro no Horto das Virtudes Depois de 1871 Emílio David passa a administrar o seu próprio estabelecimento.
Francisca Clara de Azevedo Aranha e Fonseca	1767	Proprietária da Quinta das Virtudes.
Gustavo Adolfo Gonçalves de Sousa	Segunda metade do século XIX	Engenheiro Civil e Professor da Academia Politécnica autor do projeto do Mercado do Peixe direção das obras do Palácio da Bolsa e do Paço dos Estudos do Porto [atual Reitoria da Universidade do Porto].
Henrique da Costa Alemão Teixeira	Antes de 1989	Proprietários da Casa da Quinta das Virtudes.
Jerónimo Monteiro da Costa	1890 - 1910	Sócio de José Marques Loureiro neste ano, ao associar o seu negócio hortícola Costa & Costa ao Horto É a partir desta fusão que nasce a Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense, denominação que se manterá até à queda da Monarquia, tendo Jerónimo Monteiro como diretor [...]

NOME	DATA	ATIVIDADE
Jerónimo Monteiro da Costa (continuação)	1890 - 1910	Nomeado chefe dos jardins e arvoredos da Câmara Municipal do Porto, assumindo o ajardinamento de várias zonas desta cidade.
João de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque	1834	Proprietário de uma casa da Quinta das Virtudes.
Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque	Século XI	Bisneto paterno de José Pinto de Meireles e de Francisca Clara Professor na Academia Politécnica do Porto Proprietário da Casa da Quinta das Virtudes.
Joaquim Ferreira da Silva Jordão	1916	Descendente de Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva Vende a Casa da família Jordão a um industrial que montou a Fábrica Portuense de Guarda-Sóis, Lda. [número 14 do passeio das Virtudes e número 51 da rua Dr. Barbosa de Castro].
José de Azevedo Souza Vieira da Silva	1840	Proprietário da Quinta das Virtudes.
José Francisco de Paiva	1744 - 1824	Arquiteto portuense.
José Joaquim Pereira Jordão	1842	Manda ampliar um terreno que conflui para a rua do Dr. Barbosa de Castro, onde se viria a erguer a casa nobre da família [Casa da família Jordão].
José Marques Loureiro	Depois de 1840 - 1892	Ligação à propriedade das Virtudes Fundador do Horto das Virtudes Trabalho em colaboração com Pedro Marques Rodrigues nas Virtudes [?] Substitui o seu mestre, Pedro Marques Rodrigues, enquanto floricultor no estabelecimento das Virtudes Distinguido com o título Fornecedor da Casa de Sua Majestade, dado pela rainha D. Maria Pia [...]

NOME	DATA	ATIVIDADE
José Marques Loureiro (continuação)	Depois de 1840 - 1892	Primeiro horticultor em Portugal a publicar um catálogo com os produtos à venda no seu estabelecimento Publicação do Jornal de Horticultura Prática.
José Pinto Meirelles	1767	Proprietário da Quinta das Virtudes.
Luís Couto dos Santos.	1901	Engenheiro civil Residia na Rua da Liberdade e alugava o número 21 da Rua dos Fogueteiros para a instalação das suas oficinas de latoaria Possuía as casas situadas entre os números 9 e 13 da rua dos Fogueteiros (atual rua Azevedo de Albuquerque).
Madame Podestá	1850	Proprietária de Colégio Francês da Madame Podestá na rua dos Fogueteiros), número 44 (atual rua Azevedo de Albuquerque).
Margarida Helena Relvas Navarro de Azevedo de Albuquerque da Costa Alemão Teixeira	Antes de 1989	Proprietários da Casa da Quinta das Virtudes.
Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva	[1854]	Ampliação do edifício da Casa da família Jordão e acrescento de portão.
Pantaleão de Seabra e Sousa	1617-1619	Vereador da Câmara (em 1604, 1608, 1617 e 1621) É-lhe atribuído o risco da fonte das Virtudes.
Pedro Marques Rodrigues	c. 1840	Direção do estabelecimento hortícola [Horto das Virtudes].
Rodrigo António de Abreu e Lima	Final do século XVIII	Juiz da Alfândega Mandou construir o Paredão das Virtudes.

BARREIRA, Hugo, GONÇALVES, Ana Patrícia & DUARTE, Joana Isabel (2017) — Cronologia e Levantamento dos principais proprietários e intervenientes na zona das Virtudes. *Jardim e Passeio das Virtudes: Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto, pp. 63-73.



CATÁLOGO
DE EXPOSIÇÃO
«PORTO DE VIRTUDES»

«Em toda a Cidade, não há sitio nem mais ameno, nem mais agradável; porque além da sua bella posição adornada de regulares Edificios, gozão os olhos de hum só golpe, vista de Cidade, de Mar, Rio, Navios, Montes, Campinas, Quintas, e Palacios».

«There is neither a place more amiable, nor pleasing, in the entire City; for aside from its beautiful site adorned with regular Buildings, the eyes do enjoy, in a single glance, a view of City, Sea, River, Ships, Mountains, Meadows, Farms and Palaces» (COSTA 1789: 33).

CARTA TOPOGRAPHICA DA CIDADE DO PORTO, MANDADA LEVANTAR NA ESCALA DE 1:500 POR ORDEM DA CÂMARA MUNICIPAL DA MESMA CIDADE REFERIDA AO ANNO DE 1892, DIRIGIDA E LEVANTADA POR AUGUSTO GERARDO TELLES FERREIRA, (...). QUADRÍCULA Nº237.

PORTO DE VIRTUDES

Na cidade do Porto, a área inscrita na Lista de Património Mundial da UNESCO (1996) tem cerca de 90 hectares, correspondendo, aproximadamente, ao espaço delimitado pela muralha medieval do século XIV, incluindo ainda a Ponte D. Luís I e o Mosteiro da Serra do Pilar, no concelho de Vila Nova de Gaia.

Ao valor multissecular do tecido urbano (fruto de uma complexidade topográfica onde se articulam ruas, travessas, becos, vielas, escadas, praças e largos) e arquitetónico (seja ele de natureza habitacional ou monumental), acrescentam-se valores culturais acumulados ao longo de sucessivas épocas, reflexo de uma articulação entre a organização social, a economia e a geografia da cidade, mantendo uma estável e coerente relação com o ambiente urbano e o ambiente natural.

Neste contexto, o lugar urbano das Virtudes destaca-se pela permanência de um perfil muito antigo. O lugar apresenta-se como um luminar exemplo do fenómeno do desenvolvimento urbano. A construção de uma frente urbana encostada ao exterior da muralha é um fenómeno frequente nas cidades europeias de configuração medieval, cuja capacidade de albergar mais moradores e novos equipamentos no perímetro amuralhado chega a um limite, obrigando a novas soluções de expansão. Por outro lado, esta expansão desenvolve-se, frequentemente, em terrenos ocupados anteriormente por quintas periurbanas destinadas à produção e/ou de recreio como este caso exemplifica. Mas a excecionalidade do caso das Virtudes reside na sobrevivência da configuração prístina das suas características geomorfológicas.

Mantém-se hoje uma mancha de ocupação humana que ao longo dos séculos não sofreu mutações que alterassem significativamente as encostas e o vale por onde corria o Rio Frio, afluente da bacia hidrográfica do Douro.

PORTO DE VIRTUDES

In the city of Porto, the area inscribed on the UNESCO World Heritage List (1996) covers approximately 90ha, which roughly correspond to the area delimited by the 14th century medieval wall, the *Dom Luís I* Bridge and the *Serra do Pilar* Monastery in the municipality of Vila Nova de Gaia.

Here, the multiseular value of urban (product of a topographic complexity of streets, alleys, alleyways, alleys, stairways, squares and yards) and architectural (residential or monumental) fabrics join the cultural values accumulated throughout eras. This reflects the connection between the social organization, the economy and the geography of the city, which maintained a stable and coherent relationship with the urban and the natural environment.

Accordingly, the urban site of *Virtudes* stands out for the permanence of a longstanding outline. The place presents itself as a luminary example of the phenomenon of urban development. The construction of an urban front leaning against the exterior of the wall was a frequent phenomenon in European cities of medieval configuration, whose capacity to accommodate more residents and new equipment in the walled perimeter reached a limit, forcing new sprawl solutions. On the other hand, this urban sprawl usually took place in lands that were previously occupied by periurban farms intended for production and/or recreation, as in this case. But the exceptional character of the *Virtudes* case lies in the survival of the pristine configuration of its geomorphological characteristics. To our days, it remains an imprint of human occupation that, throughout the centuries, did not experience any significant change in the slopes and valley where once flowed the *Frio* river, a tributary of the *Douro* river basin.



A zona que hoje se designa por *Virtudes* refere-se ao espaço urbano localizado na freguesia de Miragaia onde se encontram o Parque Municipal das *Virtudes* (antigo Horto com o mesmo nome), o Passeio das *Virtudes*, a Quinta das *Virtudes* (que atualmente acolhe a *Árvore* – Cooperativa de Atividades Artísticas), e a Fonte das *Virtudes*.

The area that is nowadays known as *Virtudes* encompasses an urban space in the parish of Miragaia, where the Municipal Park of *Virtudes* (the old Garden with the same name), the *Virtudes* Promenade, the *Virtudes* manor-house (which currently harbours the artistic cooperative *Árvore*) and the *Virtudes* fountain are located.



A zona urbana das Virtudes é um exemplo conciso do aproveitamento das condições naturais do território, aqui acentuada pelo declive do vale, a presença do rio Douro e os socalcos ajardinados do jardim das Virtudes. Esta zona representa uma aprazível mancha verde no contexto da urbanização atual, não tendo sido completa nem profundamente alterada com o passar do tempo. Persiste ainda o terraceamento das encostas que permitiu a produção agrícola em terrenos de elevado pendor, potenciando as excecionais condições climáticas do lugar.

The urban area of *Virtudes* concisely illustrates the exploitation of the territory's natural features, highlighting the valley slope, the presence of the Douro river and the landscaped terraces of the *Virtudes* garden. This area, within its current urban setting, represents a pleasant green spot with little change throughout time. Still persisting are the terraced slopes, that once allowed agricultural production in steep declivity, taking advantage of its exceptional climate conditions.



O valor patrimonial intrínseco das Virtudes favoreceu, sem dúvida, o seu atual uso: à frente urbana que se moderniza com novos usos e equipamentos, mas que mantém os anteriores, afastando-se do excessivo arranjo da “city beautiful”, associa-se um jardim público com uma original programação cultural, principalmente no domínio da música. A Recomendação da UNESCO para as Paisagens Históricas Urbanas (2011) reconhece e promove o carácter dinâmico das cidades vivas.

The *Virtudes*' inherent patrimonial value has unquestionably favoured its current use: the modernized urban front – that mingles the new uses and equipment, with the old ones, above the excessive “city beautiful” movement, – is associated to a public garden that offers an unconventional cultural program, especially in the music sphere. The UNESCO Recommendation on the Historic Urban Landscape (2011) recognizes and promotes the dynamic character of living cities.



Atualmente, o Passeio das Virtudes constitui um pequeno jardim urbano de passagem ou de paragem, até muito recentemente, à margem do rebuliço do centro da cidade que se distingue e reconhece como uma varanda voltada para o Douro. O Passeio das Virtudes é um lugar de descompressão da malha urbana no centro da cidade do Porto, exposto à luz de sul e poente e onde o olhar disfruta a paisagem com características únicas sobre o Rio Douro e a frente ribeirinha de Vila Nova de Gaia.

The *Virtudes* Promenade currently encompasses a small urban garden that serves as a passage or resting place. Formerly on the side-lines of the uproar of the city centre, now it stands out and is easily recognizable as a balcony facing the Douro river. The *Virtudes* Promenade is a relaxing place located in the heart of the city of Porto, bathed by the South and West sunlight exposure and where the eyes rest upon the unique landscape offered by the Douro river and Vila Nova de Gaia's waterfront.



Segundo a Recomendação para as Paisagens Históricas Urbanas da UNESCO (2011), a paisagem histórica urbana tem de ser entendida como resultante da estratificação histórica de valores culturais e naturais, com os respetivos atributos. Esta noção vai além da noção de “centro histórico” ou de “conjunto”, para passar a incluir um contexto urbano mais amplo e respetiva implantação geográfica (Art. 8º). Ou seja, inclui a topografia, a geomorfologia, a hidrologia e outras características naturais, ao mesmo tempo que a massa edificada (seja histórica ou contemporânea), as suas infraestruturas (subterrâneas ou à superfície), mas também os seus espaços abertos e ajardinados, os padrões de uso do solo e sua organização espacial, as perceções e as relações visuais, bem como outros elementos da estrutura urbana (Art. 9º).

According to the Recommendation on the Historic Urban Landscape (2011), a historic urban landscape has to be understood as a product of the historical stratification of both cultural and natural values, with the respective attributes. This notion goes beyond the definition of “Historic Centre” or “ensemble”, to include a broader urban context as well as its geographical setting (Art. 8). That is, it includes the site’s topography, geomorphology, hydrology and other natural features, its built mass (historic and contemporary), its infrastructures (above and below ground), its open spaces and gardens, its land use patterns and spatial organization, perceptions and visual relationships, as well as all other elements of the urban structure (Art. 9).

A QUINTA DAS VIRTUDES

A Quinta das Virtudes, localizada na freguesia de Miragaia, remonta ao século XVII e é hoje sede da Árvore — Cooperativa de Atividades Artísticas. Originalmente quinta de recreio e de exploração agrícola, é de realçar o elevado valor paisagístico que a sua implantação sobranceira ao rio Douro propicia.

Os espaços da quinta albergaram diversos usos ao longo dos séculos, consolidando assim um testemunho de transformações e permanências. A Quinta das Virtudes deve ser entendida como um conjunto constituído por vários elementos, como a Casa das Virtudes (zona de habitação principal), os anexos (construídos contíguos à casa) e o jardim desenvolvido em socalcos, outrora destinados, na sua maior parte, à produção agrícola. Com estas construções devem ser relacionados outros equipamentos urbanos, como a *Rua* e o *Paredão dos Fogueteiros* e a *Fonte das Virtudes*, que dão testemunho dos demais usos.

THE VIRTUDES ESTATE

The *Virtudes* Estate, located in the parish of Miragaia, dates back to the 17th century and is nowadays the headquarters of the artistic cooperative *Árvore*. Once dedicated to leisure and agricultural exploitation, it is renowned for the great landscape value imposed by its setting overlooking the Douro river.

The many areas of the estate accommodated different uses throughout the centuries, thus building evidence to its transformations and continuities. The *Virtudes* Estate must be understood as an ensemble of elements, such as the *Virtudes* manor (the main residence), the annexes (contiguous to the house) and the garden, developed in terraces that were formerly and mostly used for agricultural production. These elements must also be understood in connection with other urban equipment, such as the *Fogueteiros Street and Wall* as well as the *Virtudes fountain*, which attest to further uses.



A Quinta das Virtudes integra-se numa paisagem de socalcos, próxima do Centro Histórico da cidade do Porto, onde coexiste com edifícios de várias épocas, desde arquitetura religiosa do século XVIII (Igreja de São João das Taipas) à arquitetura habitacional da época contemporânea, marcando uma paisagem urbana que, mostra bem a sua estratigrafia histórica.

The *Virtudes* Estate emerges in a terraced landscape, close to the Historic Centre of Porto, and coexists with buildings from different eras, from 18th century religious architecture (*Church of São João das Taipas*) to contemporary residential architecture, defining an urban landscape that testifies its historical stratigraphy.



A casa da Quinta das Virtudes, que hoje é sede da *Árvore* — Cooperativa de Atividades Artísticas, foi edificada em 1767 por encomenda de José Pinto de Meireles, e da sua mulher D. Francisca Clara de Azevedo Aranha e Fonseca. A *Árvore* — Cooperativa de Atividades Artísticas foi fundada em 1963 e instala-se dois anos mais tarde na Quinta das Virtudes.

The *Virtudes* manor-house, nowadays headquarters of the artistic cooperative *Árvore*, was built in 1767 by order of José Pinto de Meireles and his wife D. Francisca Clara de Azevedo Aranha e Fonseca. *Árvore* was founded in 1963 and established in the *Virtudes* estate, two years later.



A *Árvore*— Cooperativa de Atividades Artísticas foi alvo de um atentado à bomba «de grande potência» na madrugada de 7 de janeiro de 1976. A explosão terá causado danos nos vários pisos, sobretudo no telhado. A pedra de armas da Casa foi retirada com um guindaste para evitar que ruísse. O Palácio da Justiça, fronteiro à Casa da Quinta, não ficou imune à detonação, sendo destruídos os vitrais decorados. O «Primeiro de Janeiro» noticia ainda que a causa do atentado poderá estar relacionada com as reuniões que a *Árvore* terá recebido, nos dias anteriores, da Comissão Antifascista de Apoio aos Revolucionários Presos (CAARP), mas os mandantes ficaram por apurar.

Árvore was the target of a «high power» bomb attack in the early hours of January 7th, 1976. The explosion damaged multiple floors, especially the roof. The Coat of Arms of the House had to be removed with a crane, to prevent it from collapsing. The *Palácio da Justiça* (Court House), opposite to the manor-house, was not immune to the detonation and its stained-glass windows were destroyed. As reported by the *Primeiro de Janeiro* newspaper, the reason behind the attack could be related to the meetings of the Anti-Fascist Committee of Support to Revolutionary Prisoners (CAARP) held at *Árvore* on the days preceding the attack. The responsible agents are yet to be identified.



A *Árvore*— Cooperativa de Atividades Artísticas surge com o intuito de criar novas condições para a produção e difusão cultural. Esta instituição propugna pela produção, divulgação e comercialização das obras de arte, assim como pela formação e intercâmbio cultural e artístico. As suas oficinas de cerâmica e de litografia mantêm ativa uma produção artística contemporânea singular que a diferencia pela qualidade dos materiais produzidos.

Árvore emerged with the purpose of creating new conditions for cultural production and diffusion. This institution promotes the creation, dissemination and commercialization of works of art, as well as cultural and artistic training and exchange. Its ceramics and lithography workshops keep a contemporary and unique artistic production alive, which stand out for its quality.



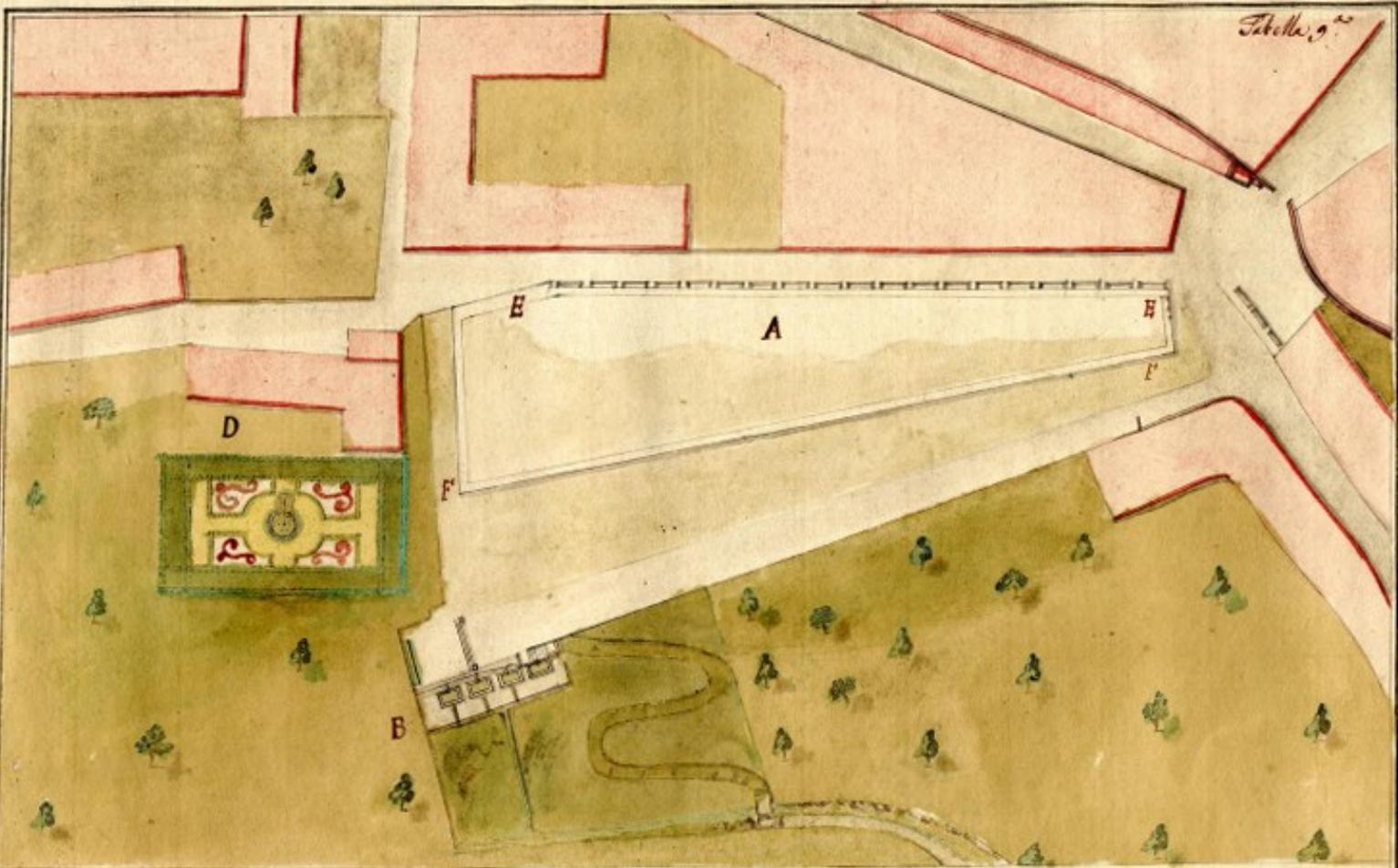
A remodelação do espaço interior da Casa que acolhe a *Árvore*— Cooperativa de Atividades Artísticas dá-se nos anos de 1980, com projeto do arquiteto Alcino Soutinho que reserva o piso ao nível da rua para a receção, salas de exposições temporárias, loja e serviços administrativos. No piso superior encontram-se os espaços da Direção e uma sala de convívio. Nos pisos inferiores, na zona das traseiras, situa-se um pequeno auditório e distribuem-se os espaços das oficinas, laboratórios e arrumos. Será somente em 1989 que a Cooperativa adquire o edifício diretamente aos proprietários, Henrique da Costa Alemão Teixeira e Margarida Helena Relvas Navarro de Azevedo de Albuquerque da Costa Alemão Teixeira.

The remodelling of the house's interior area that harbours *Árvore* was carried out in the 1980s by the architect Alcino Soutinho. The *ground* floor, at the main front of the building, is reserved for the reception, the temporary exhibition halls, the shop and the administrative services, while the upper floor lodges the management and a living room. The lower floors, at the back, house a small auditorium, the workshops, laboratories and storerooms. Only in 1989 did *Árvore* finally acquire the building directly from its owners, Henrique da Costa Alemão Teixeira and Margarida Helena Relvas Navarro de Azevedo de Albuquerque da Costa Alemão Teixeira.

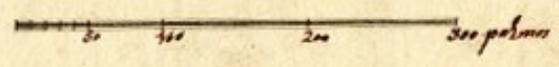


Em 1767, a propriedade pertencia a José Pinto de Meirelles, Cavaleiro da Ordem de Cristo, e à sua esposa Francisca Clara. No século XIX, o proprietário do imóvel era Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque, professor na Academia Politécnica do Porto, e bisneto paterno do Capitão José Pinto de Meireles e de Francisca Clara. A Casa foi ocupada por esta família por várias gerações.

In 1767, the property belonged to José Pinto de Meirelles, Knight of the Order of Christ, and his wife, Francisca Clara. In the 19th century, the owner was Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva e Albuquerque, Professor at the Polytechnic Academy of Porto, and paternal great-grandson of Captain José Pinto de Meireles and Francisca Clara. The manor-house was inhabited by this family for several generations.



A praça das vistas já aproveitada de todos os lados até a linha de pontos
B longas, para fora emia fado
D casas e quintas das vistas e
E asseios, já feitos e outros
F parede já sustentada e outros equal, sendo feito de modo a mesma na Tabella 11^{ta}



No ano da edificação da Casa das Virtudes (1767) é requerida a construção de uma capela pelos proprietários da casa. Esta foi erigida com invocação a Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria e José, chegando a ser de culto público.

When the *Virtudes* manor-house was built (1767) the owners of the house requested the construction of a chapel. The chapel was dedicated to Our Lady of Conception and Jesus, Mary and Joseph, and served as a public temple for some time.

A capela da Casa da Quinta das Virtudes foi demolida em 1872 para alargamento da Rua dos Fogueteiros e edificação do novo Mercado do Peixe. A «Planta dos terrenos necessários (...) para alargamento da Rua dos Fogueteiros» (1869) mostra um edifício religioso adossado à Casa, no alinhamento da via pública, em terreno que virá a ser expropriado para cumprir o objetivo de alargar esta artéria urbana.

The chapel of the *Virtudes* manor-house was demolished in 1872 to expand the Fogueteiros Street and build the new Fish Market. The «Floor plan of the necessary lands (...) for the expansion of the Fogueteiros street» (1869) shows a religious building attached to the house, aligned with the public road, on the lands that were to be expropriated to serve the purpose of this arterial road's extension.



A propriedade das Virtudes foi uma quinta de produção e recreio, dualidade frequente nestas estruturas do espaço periurbano das cidades e das quintas e solares do mundo rural. O seu inegável valor paisagístico reside no terraceamento das margens do Rio Frio.

The *Virtudes* property was both a leisure and a farming estate, a duality that was common in these periurban city spaces as well as in rural farms and manors. Its undeniable landscape value lies in the terracing of the *Frio* river banks.



Em terrenos de elevado pendior, é a construção de socalcos que permite a transformação de uma difícil orografia para a realização da atividade agrícola. Em 1844, a propriedade aparece associada a José Marques Loureiro, que dá início à produção em grande escala de flores e outras plantas decorativas nos terrenos da quinta, algumas delas ainda hoje identificáveis.

On highly steep lands, the construction of terraces allows the transformation of a difficult orography for agricultural purposes. In 1844, the property is associated to José Marques Loureiro, who began a large-scale production of flowers and other decorative plants on these farm lands, some of which can still be seen today.



Em meados do século XIX, um anúncio promocional do Colégio Francês da Madame Podestá, que existiu nesta zona, valoriza o lugar desta Quinta como um dos mais «belos e saudáveis», onde as educandas teriam a liberdade de passear nas horas vagas, demonstrando assim o carácter de recreio atribuído à propriedade.

In the mid-19th century, a promotional advertisement by *Madame Podestá's* French School, which existed in this area, highlighted this estate as one of the most «beautiful and healthy», where students were free to stroll in their spare time. This attests to the recreational character assigned to the property.



A Casa da Quinta das Virtudes, enquadrada na paisagem e na orografia do território onde se instala, mas potenciando essas mesmas características, possuía maior impacto quando observada a partir do rio Douro, a principal entrada da cidade ao tempo da sua construção. Assim se justifica a dimensão de aparato da fachada virada a sul, em detrimento da fachada orientada para a via pública, dando a impressão de ser formada por apenas um piso.

The *Virtudes* manor-house is framed by the landscape and the orography of the territory where it is implanted. While enhancing these very characteristics, it holds greater impact when observed from the Douro river, the main entrance to the city at the time. This explains the apparatus of the façade facing South, to the detriment of the other facing the public road, which alludes to a single storey house.



É na fachada voltada para o rio Douro, organizada em quatro pisos que tiram partido dos socalcos do terreno, onde encontramos semelhanças com a arquitetura de aparato. A Casa, à maneira das quintas do Douro, ocupa o local mais elevado e de maior destaque da propriedade demarcando-se na paisagem. Dois lances de escada enfatizam a escala e o aparato desta fachada, acentuando o domínio sobre a unidade de exploração.

On the façade facing the Douro river – organized in four floors that take advantage of the terraced lands – similarities with architecture of apparatus can be found. The manor-house, in the manner of the Douro estates, occupies the highest and most prominent location of the property, standing out in the landscape. Two flights of stairs emphasize the scale and the apparatus of the façade, highlighting its dominance over the exploitation lands.



A erudição da arquitetura é perceptível na escala e na perfeita adequação ao local de implantação, mas também é visível no trabalho de cantaria, no alpendre e na escadaria. A ligação ao exterior, especialmente com o jardim, traduz a dimensão de recreio associada à quinta.

The erudite character of the architecture is perceptible in the scale and its perfect accommodation to the site, as well as in the stonework, the porch and the staircase. The connection established with the outside, especially with the garden, reflects the recreational nature of the estate.

Conhece-se uma proposta não concretizada que apresenta um desenho pensado para uma fachada da Casa da Quinta das Virtudes. É datável da segunda metade do século XVIII e foi riscado pelo arquiteto portuense José Francisco de Paiva (1744-1824). Neste projeto destaca-se a linguagem neoclássica que se identifica no aparelho rusticado em edifícios próximos como o Hospital de Santo António, o Palácio dos Carrancas, a Cadeia da Relação e a Academia Politécnica (atual Reitoria da Universidade do Porto).

There is a plan of an unrealized proposal that features a façade for the *Virtudes* manor-house. The document dates from the second half of the 18th century and was designed by the architect José Francisco de Paiva (1744-1824). This project favoured a neoclassical language that can be identified in the rusticated apparatus of nearby buildings, such as the Santo António Hospital, the Carrancas Palace, the Relação Prison and the Polytechnic Academy (currently the Rectory of the University of Porto).



Concebida no âmbito do Simpósio de Escultura em Granito: «O Porto e as Virtudes», no contexto da comemoração dos cinquenta anos da Cooperativa *Árvore*, a obra *A meio entre isto e aquilo* foi inserida no espaço do Jardim das Virtudes, em 2013, juntamente com *Árvore das Virtudes*, de Vitor Ribeiro, e *Roda*, de Paulo Neves. Da autoria de Isaque Pinheiro, a peça é composta pela representação de duas asas, nas quais está inserido um apoio metálico, que permite ao observador interagir com a obra, vestindo-a. Nas palavras do artista trata-se de uma «escultura para usar». As asas permitem que se vivencie a paisagem como que num ‘voo de reconhecimento’ pelo rio Douro, pelo núcleo urbano da parte baixa e pela margem de Vila Nova de Gaia.

Conceived for the Symposium of Granite Sculpture: «Porto and the Virtudes», while commemorating the 50th anniversary of the artistic cooperative *Árvore*, the work *In the middle, between this and that* was placed in the Virtudes garden in 2013, together with *Tree of Virtues*, by Vitor Ribeiro, and *Wheel*, by Paulo Neves. Sculpted by Isaque Pinheiro, the piece is composed by two wings bearing a metallic support, which allows the observer to interact with the work, by wearing it. In the words of the artist, this is a «wearable sculpture». The wings let the user experience the landscape as if in a ‘recognition flight’ over the Douro river, the urban core of the lower city and the bank of Vila Nova de Gaia.



A obra *Roda*, da autoria de Paulo Neves, apresenta-se como uma forma contorcida, definida consoante o ponto de vista no qual o observador se coloca.

A peça metamorfoseia-se na representação da textura de um tronco de árvore, através da incisão de um padrão linear no granito, perpetuando as formas naturais presentes no local, o Jardim das Virtudes. O autor contribui para a criação de uma nova camada da história deste espaço, que marca o momento contemporâneo em que vivemos.

The work *Wheel*, by Paulo Neves, presents itself as a contorted form, which changes according to the perspective of the viewer.

The piece is in a state of metamorphosis, representing the texture of a tree trunk through the incision of a linear pattern in the granite, which perpetuates the natural forms of the place, the *Virtudes* garden. The author creates a new historic layer in this space, which marks our own contemporaneity.

O HORTO DAS VIRTUDES

A geomorfologia dos espaços sempre condicionou a sua ocupação e utilização pelo Homem. Nas Virtudes, aproveitando as encostas encaixadas do vale do rio Frio, soalheiras e férteis, foram surgindo socalcos cultivados: campos, pequenas hortas, e quintas. Entre estas destacou-se, no século XVIII, a Quinta das Virtudes. Foi neste espaço que, no século seguinte, prosperou o Horto, propriedade de José Marques Loureiro (1830 -1898). Sob o seu impulso, tornou-se um dos estabelecimentos hortícolas de maior destaque no país, chegando a atingir projeção internacional e tendo arrecadado inúmeros prémios em exposições de plantas.

O crescente sucesso do negócio levou ao investimento em novos viveiros, na cidade do Porto e na Maia, bem como à abertura de uma sucursal em Lisboa. Entre os seus inúmeros visitantes e clientes contava-se a família real portuguesa. A partir de 1890, o Horto das Virtudes passaria a chamar-se «Real Companhia Hortícola-Agrícola Portuense», sendo, então, seu diretor Jerónimo Monteiro da Costa. Por essa altura dera-se um grande impulso nos jardins do Porto. Muitos deles terão recebido o contributo de plantas deste Horto, ainda que seja difícil identificá-las. Não foi possível, até ao momento, precisar a data e as circunstâncias que levaram ao encerramento do Horto das Virtudes.

NURSERY GARDEN OF VIRTUDES

The geomorphology of spaces has always conditioned their occupation and use by Man. Taking advantage of the sunny and fertile slopes of the *Frio* river valley, cultivated terraces emerged in *Virtudes*: fields, small gardens, and farms. Amongst these, the *Virtudes* estate stood out, in the 18th century. This was the space where, in the following century, the nursery garden, owned by José Marques Loureiro (1830-1898), prospered. Under his care, it became one of the most important horticultural establishments in the country, granted with international projection and several awards in plant exhibitions.

The growing success of the business led to investments in new nurseries, located in the city of Porto and in Maia, as well as the opening of a branch in Lisbon. Among its many visitors and clients were the Portuguese royal family. From 1890, the Nursery Garden of *Virtudes* was called the «Royal Horticultural-Agricultural Company of Porto», and Jerónimo Monteiro da Costa was then its manager. At the time, the Gardens of Porto were greatly encouraged, and many of them received plants from this nursery, whose specimens are difficult to identify. To this day, both the date and circumstances that led to the closing of the Nursery Garden of Virtues have not been determined.



A flora remanescente do original Horto das Virtudes é, hoje, muito diminuta. A Câmara Municipal do Porto adquiriu o Horto em 1965 e, após um período de abandono, transformou-o num Jardim Municipal, que se abre ao público em 1999. Os antigos socalcos foram cobertos de relva, tendo sido introduzidas novas plantas.

Today, the remaining flora of the original Nursery Garden of the Virtudes is very diminished. The City Council of Porto acquired the Nursery Garden in 1965 and, after a period of neglect, transformed it into a Municipal Garden, which opened to the public in 1999. The old terraces were covered with grass, and new plants were introduced.



Tal transformação paisagística desenvolvida pela Câmara Municipal do Porto em 1999 alterou substancialmente a legibilidade do antigo Horto das Virtudes pela adequação a um novo uso que, acima de tudo, visou a sua inserção na vida urbana da cidade, potencializando o facto de se tratar de um dos poucos espaços verdes com esta dimensão nas proximidades do Centro Histórico do Porto.

The transformation of the landscape, carried out by the City Council of Porto in 1999, changed substantially the legibility of the old *Virtudes* Nursery Garden. The adaptation to a new use sought, above all, its insertion into the urban life of the city, while capitalizing the fact that this is one of the few sizeable green spaces in the vicinity of the Historic Centre of Porto.



José Marques Loureiro introduziu em Portugal um grande número de espécies, algumas oriundas dos melhores estabelecimentos europeus de França, Bélgica ou Inglaterra, transformando-se o Horto das Virtudes num verdadeiro campo experimental de aclimação de plantas. Muitas delas eram alvo de experiências de mudança de um ambiente de estufa para o exterior ou de cruzamento, dando origem a novas espécies.

José Marques Loureiro introduced a great number of plant species in Portugal, some of which from the best European establishments in France, Belgium or England, thus transforming the *Virtudes* garden in a real experimental field for the acclimatization of plants. Many were the object of experiments, such as crossbreeding and environment switching (from the greenhouse to the outside), which gave way to new species.



«Entrando pela porta que dá para a rua dos Fogueteiros, analogas belezas se deparam logo [...] D'alli até ao fundo das escadas principaes desce-se sempre sob uma abobada de Fetos [...] Ao fundo encontram-se muitos Fetos arbóreos de grande beleza e valor [...]. Uma beleza, toda esta surpreendente vegetação exótica!» .

«Crossing the door that opens to the Fogueteiros Street, we soon come across analogous beauties [...] Therefrom, 'til the bottom of the main stairs, we descend under a vault of ferns [...] In the background there are many tree ferns of great beauty and value [...]. Such beauty, all this strikingly exotic vegetation!» (VIEIRA 1887: 270).



**REAL COMPANHIA
HORTICOLA-AGRICOLA PORTUENSE**

SUCCESSORA DO
Real Horto Loureiro e Jeronymo M. Costa

5

Entre os inúmeros visitantes e clientes do Horto das Virtudes contava-se a família real portuguesa que, nas suas idas à cidade do Porto, fazia sempre paragem no estabelecimento. Tal estima conduziu a que, em 1865, D. Maria Pia (1847-1911) distinguisse o seu diretor, José Marques Loureiro, com o título de Fornecedor da Casa de Sua Majestade. Em 1890, o Horto passaria a designar-se «Real Companhia Horticolo-Agrícola Portuense», ano em que Jerónimo Monteiro da Costa entra como sócio, assumindo a sua direção, após o agravamento do estado de saúde de Marques Loureiro.

Among the numerous visitors and clients of the *Virtudes* Nursery Garden was the Portuguese royal family who, when staying in the city of Porto, always paid their visit to the establishment. Such was their appreciation that, in 1865, Queen Maria Pia (1847-1911) honoured its director, José Marques Loureiro, with the title of Provider of the House of Her Majesty. In 1890, the Nursery Garden was renamed «Royal Horticultural-Agricultural Company of Porto». In the same year, Jerónimo Monteiro da Costa joined as a partner and assumed the direction of the business, after the health of Marques Loureiro took a turn for the worst.



JORNAL

DE



HORTICULTURA PRÁTICA

Premiado com MEDALHA DE PRATA na Exposição Horticola de Lisboa de 1870.

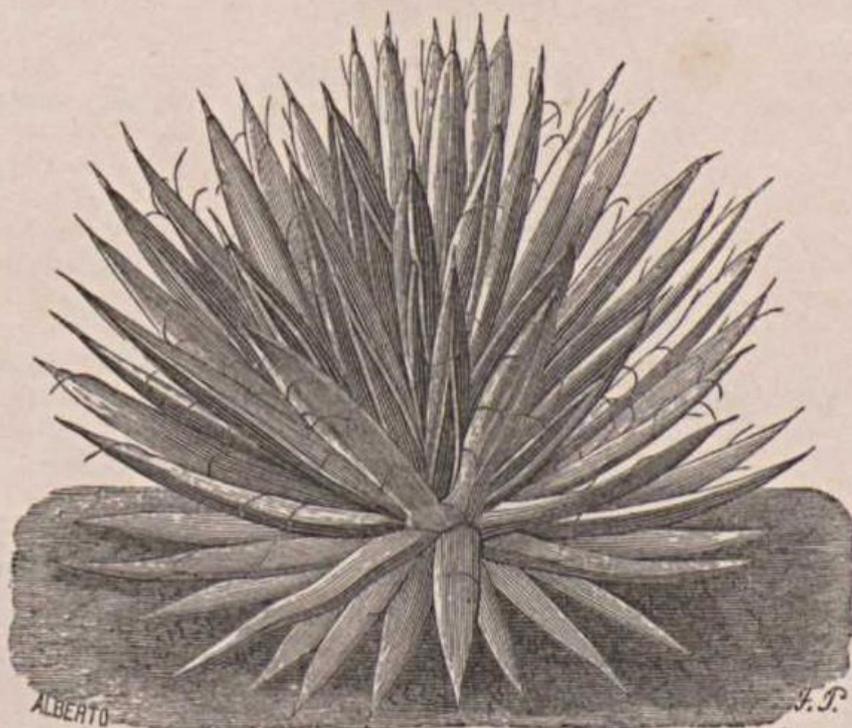
PROPRIETARIO — JOSÉ MARQUES LOUREIRO

Redactor — OLIVEIRA JUNIOR

COLLABORADORES:

EM PORTUGAL—Os Snrs.: Albano Coutinho, Dr. Basilio Constantino de Almeida Sampaio, Conselheiro Camillo Aureliano da Silva e Souza, Edmond Goeze, George A. Wheelhouse, Joaquim Casimiro Barbosa, Dr. Julio Augusto Henriques, Visconde de Villa Maior.
EM FRANÇA, Mr. A. Dumas. NA BELGICA, Mr. Jean Verschaffelt.
NA ALLEMANHÁ, Herr. G. Pabst.

VOLUME I—1870



PORTO—1870

Typographia Lusitana
84, rua das Flores, 84



FACULDADE DE CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

DEPARTAMENTO DE
BOTÁNICA

Marques Loureiro, para além de ser o primeiro horticultor em Portugal a publicar um catálogo com os produtos à venda no seu estabelecimento, criou, ainda, o *Jornal de Horticultura Prática*, publicado entre 1870 e 1892, verdadeira obra de referência no campo da horticultura. De forma a dar a conhecer aquilo que de mais inovador se vinha fazendo internacionalmente no campo da horticultura, contou com a colaboração de inúmeros correspondentes. As suas gravuras, muitas das quais importadas, permitiram a divulgação de formas e práticas, impulsionando a atividade hortícola em Portugal, nunca esquecendo de salientar a importância dos jardins públicos e a sua salvaguarda.

In addition to being the first horticulturist in Portugal to publish a catalogue with the products sold in his establishment, Marques Loureiro created the *Jornal de Horticultura Prática* (Practical Horticulture Journal), published between 1870 and 1892, a true work of reference in the horticulture field. Many were the collaborators who sought to inform on what was being achieved internationally in the field. Its engravings, many of which were imported, disseminated forms and practices, boosting the Portuguese horticultural activity, and emphasized the importance of public gardens, as well as their protection.



A *Ginkgo Biloba* é considerada a espécie vegetal mais antiga do planeta. O exemplar existente no Jardim das Virtudes é a maior árvore desta espécie que se conhece em Portugal, com 35,5 metros de altura, e, provavelmente, a mais antiga. Estima-se que tenha cerca de 200 anos, sendo, portanto, anterior ao próprio Horto. Este ícone do Jardim das Virtudes, única árvore aqui classificada como de Interesse Público, é uma das poucas sobreviventes do primitivo Horto. A esta juntam-se ainda uma palmeira e uma *Chorisia Speciosa*, árvore rara em Portugal e que se encontra em vias de classificação.

The *Ginkgo Biloba* is considered the oldest plant species in the planet. The existing specimen in the *Virtudes* garden is the largest of the species known in Portugal, with 35.5 meters high, and probably the oldest. It is estimated that the tree is approximately 200 years old, therefore preceding the Nursery Garden itself. This icon in the *Virtudes* garden, the only tree here to be recognized as of Public Interest, is one of the only survivors of the original nursery. There is also a Palm Tree and a *Chorisia Speciosa*, a rare tree in Portugal which is currently in the process of being recognized.



Os vestígios do Horto das Virtudes são, hoje, muito escassos e desconhecidos do público, sendo premente a elaboração de conteúdos de qualidade que divulguem o Jardim das Virtudes, como preconiza a Carta de Veneza sobre a Salvaguarda de Jardins Históricos (1981). Vistos como «monumentos vivos», sujeitos a princípios de salvaguarda próprios pelo seu carácter perecível, pretende-se estimular o interesse por este espaço, para que seja usufruído, mas, também, melhor conhecido na sua história.

The traces of the *Virtudes* Nursery Garden are now very scarce and unknown to the public. Therefore, the production of quality content to disseminate the *Virtudes* garden becomes imperative, as the International Charter for Historic Gardens (1981) recommends. Seen as «living monuments», subject to safeguarding principles of their own for their perishable nature, the intention is to stimulate interest towards these spaces, so they can be enjoyed and their history better understood.

VIRTUDES E OBRAS PÚBLICAS

As intervenções urbanas realizadas no período ‘dos Almadás’ (1763-1804) procuraram acima de tudo definir novas linhas de expansão urbana, modernizar a malha urbana de origem medieval e criar novos e significativos eixos de circulação, ligando a zona ribeirinha do Porto às portas da muralha *fernandina*, que por então se monumentalizaram. Além disso, identifica-se uma continuidade de uma das mais interessantes preocupações urbanísticas dos Filipes e que foi o do reordenamento dos espaços públicos, conforme atestam as primeiras alamedas — Olival, Hortas e Batalha —, com a plantação de árvores e a instalação de bancos de repouso, a par da criação de praças públicas, da renovação das calçadas e no abastecimento de águas e melhoria dos cais de acostagem. Assim, a primeira zona verde criada fora da cidade muralhada foi a Alameda da Cordoaria (1611). Um aspeto que caracteriza a intervenção da Junta das Obras Públicas (1789-1892) na cidade do Porto, prende-se com o arranjo dos jardins públicos e especialmente os organizados em jeito de varandas para o rio, como o das Virtudes.

VIRTUDES AND THE PUBLIC WORKS

The intervention projects carried out in the ‘Almadas’ Period (1763-1804) sought, above all, to define new urban sprawl lines, modernize the urban network of medieval origin and create new and significant routes of circulation, thus linking the riverside area of Porto to the gates of the King Fernando wall, which gained a monumental character. Additionally, one of the most interesting urban concerns of the Philippine Era was given continuity with the reorganization of public spaces, as attested by the first avenues — *Olival*, *Hortas* and *Batalha* —, the planting of trees and the installation of rest benches, along with the creation of public squares, the renovation of sidewalks and the provision of water and improvement of berths. Therefore, the first green area to be created outside the city wall was the *Cordoaria Avenue* (1611). An aspect that characterizes the intervention of the Public Works Board (*Junta de Obras Públicas*) (1789-1892) in the city of Porto concerned the arrangement of public gardens, especially those organized as balconies facing the river, such as the *Virtudes*.



No exterior da cidade medieval, do lado oeste da muralha gótica encontramos o Passeio das Virtudes, no princípio da encosta que mergulha para o Douro.

A primeira intervenção de relevo deverá ser certamente a da edificação do paredão que sustenta a plataforma do Passeio, nas últimas décadas do século XVIII, a mando de Rodrigo António de Abreu e Lima, que na época ocupava o cargo de Juiz da Alfândega e atribuída a Francisco de Almada e Mendonça (1757-1804), Desembargador, Corregedor e Provedor da Comarca do Porto e, tal como seu pai, impulsionador de várias obras públicas na cidade.

A edificação da Fonte das Virtudes, iniciada em 1617 e terminada a 1619, terá sido acompanhada pela abertura da alameda que lhe dá acesso. Entre os anos de 1786 e 1787 é construído o paredão das Virtudes que confere a este espaço um carácter monumental.

Outside the medieval city, on the west side of the Gothic wall, we find the *Virtudes* Promenade at the top of the slope that plunges into the Douro river.

The first significant intervention certainly was the construction of the wall that supports the Promenade, in the last decades of the 18th century. The work was commissioned by Rodrigo António de Abreu e Lima, who was at the time Judge of Customs, and attributed to Francisco de Almada e Mendonça (1757-1804), Judge, Magistrate and Ombudsman of the Porto district who, like his father, promoted several public works in the city.

The erection of the *Virtudes* fountain, which started in 1617 and finished in 1619, was followed by the opening of the avenue from which it can be accessed. Between 1786 and 1787 the *Virtudes* Wall was built, lending the space a monumental character.



No século XIX, a intenção de melhorar o espaço urbano é materializada no projeto de nivelamento da Calçada das Virtudes, que liga o Passeio das Virtudes e a antiga cidade intramuros à Fonte das Virtudes. Terá sido nesta época que o espaço terá passado de Alameda a Passeio, ou seja, foi transformado em jardim público vedado, como outros criados no mesmo século para dar resposta às novas necessidades da sociedade portuense.

In the 19th century, the intent to improve the urban space was materialized in the project to level the *Calçada das Virtudes*, which connects the *Virtudes* Promenade and the old intramural city to the *Virtudes* fountain. The Avenue was also transformed into the Promenade in this period in order to answer the needs of the new Porto society, becoming a public garden closed off from the exterior, following other examples from the same century.



A implantação do Paredão das Virtudes, resultante de atuação da Junta das Obras Públicas, passa a coexistir lado a lado com uma obra de caráter privado e erudito, como a Casa das Virtudes. Transformou-se assim um espaço, até então dominado pela Casa e pela Quinta que tornou a mesma mais visível a partir da zona ribeirinha, como que antecipando aqui uma miscigenação dos espaços, tal como os conhecemos hoje.

The implantation of the *Virtudes* wall, established by the Public Works Board, came to coexist alongside a work of a more private and erudite nature, the *Virtudes* manor-house. The area, up until then dominated by the manor-house and the estate, was transformed, gaining visibility from the riverside area, as if anticipating the miscegenation of spaces that we know today.



O risco da fonte das Virtudes é atribuído a Pantaleão de Seabra e Sousa que terá sido, por diversas vezes, vereador da Câmara do Porto, «passando a ser considerado então como arquiteto amador no século XVII, traçando outras edificações na cidade do Porto» (FERREIRA-ALVES, 1997: 55).

The drawing of the *Virtudes* fountain is attributed to Pantaleão de Seabra e Sousa, who served as a councilman of the Porto City Council on several occasions, and was «considered an amateur architect in the 17th century, drawing other buildings in the city of Porto» (FERREIRA-ALVES, 1997: 55).



Sob o ponto de vista da organização formal, esta arquitetura da água apresenta um grande espaldar que pode ser dividido verticalmente em 3 painéis de muro, sendo que a maior carga decorativa se concentra ao centro.

No painel de muro central na zona inferior, saem duas carrancas que jorram água para o tanque (que atualmente se encontra praticamente enterrado). Estas carrancas com forma de «cabeça de bestas», caracterizam-se por um gosto exótico e uma linguagem decorativa dita maneirista e terão sido inspiradas em tratados do século XVI (FERREIRA-ALVES 1997: 55-56).

No registo superior conservam-se dois castelos em alto-relevo a ladear um nicho que, em tempos, terá recebido uma imagem da Nossa Senhora, também conhecida por Senhora das Virtudes (hoje desaparecida) que, no seu conjunto, representavam as armas da cidade.

From an organizational point of view, this fountain's design features a large backrest, which can be vertically divided into three wall panels, mostly decorated in the centre.

In the lower area of the central panel, two frowns spout water into the tank (now practically buried). These frowns, shaped as the «heads of beasts», display an exotic taste and a decorative language that is known as Mannerist, and were inspired by 16th century treatises (FERREIRA-ALVES 1997: 55-56).

In the upper area, two high relief embossed castles were preserved, flanking a niche that once displayed an image of Our Lady, also known as the *Lady of Virtudes* (now missing). The ensemble represented the coat of arms of the city.



Naquilo que é hoje a cidade do Porto existe um considerável número de nascentes naturais e mananciais que abastecem poços e fontes, muito embora se encontrem encanados, fruto de uma campanha de higienização e fornecimento de água à população. O espaço do antigo Horto das Virtudes é pontuado por fontes, essenciais para o abastecimento da Quinta. O rio Frio, que passava aproximadamente por este espaço, nascia nas proximidades da atual rua da Torrinha e desaguava no Douro.

In what is now the city of Porto, there is a considerable number of natural springs and water sources that supply wells and fountains, which result of a sanitation and water supply campaign addressed to the population. The old *Virtudes* Nursery Garden is punctuated with fountains, essential to supply water to the Estate. The Frio river, which ran roughly through this area, sprang in the vicinity of what is currently the *Torrinha Street*, and disembogued into the Douro river.



O Passeio das Virtudes é um legado de diversas épocas que chega aos nossos dias enquanto expressão da continuidade da tradição arquitetónica portuense e dos seus sistemas de construção. A conceção do Passeio criou um espaço privilegiado para a construção urbana, caracteristicamente burguesa e congregando as qualidades estruturais e plásticas de oitocentos. Apesar da inserção de elementos mais contemporâneos, mantém-se neste local uma paisagem urbana que conserva ainda o seu carácter original, constituindo hoje um local de eleição e central ao nível das vivências da cidade.

The *Virtudes* Promenade is a legacy from different eras, reaching our days as an expression of the continuity of the architectural tradition of Porto and its construction systems. The Promenade's development produced a privileged space for a bourgeois urban construction, bringing together the structural and plastic qualities of the 19th century. Despite the introduction of contemporary elements, this urban landscape maintains its original character, assuming a central role in the city's life.



O grupo escultórico *Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse* esteve inserido, primeiramente, no espaço ajardinado do cruzamento entre a Av. Da Boavista e a Av. Marechal Gomes da Costa, sendo substituído pelo *Monumento ao Empresário*, da autoria de José Rodrigues, que hoje lá se encontra. Tal facto levou a que em 1993 fosse deslocado para o Jardim do Passeio das Virtudes.

Datada de 1969 e da autoria de Gustavo Bastos, esta escultura partilha o espaço ajardinado com outra obra do mesmo autor, intitulada *Serpente*. Ambas as peças faziam parte integrante de um projeto conjunto, pensado na época em que decorreu a Guerra Colonial, fazendo questionar a imagem de estabilidade e ordem que o Regime ditatorial português pretendia transmitir.

The sculptural group *The Four Horsemen of the Apocalypse*, created by Gustavo Basto, in 1969, was initially installed in a small garden at the intersection of Boavista and Marechal Gomes da Costa avenues. In 1993, the group was relocated to the *Virtudes Promenade*, after being replaced by José Rodrigues' *Monument to the Businessman*, which stands there to date.

The Four Horsemen of the Apocalypse shares the garden with another work from the same author, entitled *Serpent*. Both works were part of a joint project, developed during the Colonial War, which questioned the image of stability and order conveyed by the Portuguese dictatorship regime.

PASSEIO DAS VIRTUDES E ÁREA URBANA ENVOLVENTE

O Morro da Vitória teve os primeiros sinais de urbanização programada após a determinação régia (1396) de D. João I (r. 1385-1433) de instalação em espaço intramuros daquela que foi a chamada Judiaria Nova. A evolução da antiga colina do Olival demonstra bem que, para compreender os lugares urbanos, é fundamental atentar às pré-existências, sejam elas naturais ou já resultantes da ação antrópica.

A importância alcançada por esta zona a partir do período filipino tornou-a atrativa à fixação de famílias nobres, cuja presença se identifica pelas casas nobilitadas com pedras de armas, que marcam a paisagem urbana, mas sobretudo pela preocupação com a criação de espaços lúdicos, como os espaços verdes que se começaram a formar na Cordoaria e que, posteriormente, culminou no aparecimento do Passeio das Virtudes. Pela permanência das arquiteturas tradicionais, em consonância com a manutenção de formas urbanas resultantes da primeira consolidação da cidade extramuros, a área das Virtudes tem um grande potencial habitacional mas também turístico, estando igualmente próxima de locais de referência.

As estruturas habitacionais do Passeio das Virtudes revelam algum grau de erudição, quer pelo desenho quer pelos materiais, nomeadamente a cantaria lavrada ou o azulejo, que graças aos seus variados padrões e cores completam o já singular ambiente lumínico do local, proveniente da sua exposição solar e da quantidade de árvores que filtram a luz e projetam as suas sombras na fachada.

VIRTUDES PROMENADE AND SURROUNDING URBAN AREA

The *Morro da Vitória* enjoyed the first signs of planned urbanization after a royal decree (1396) issued by King João I (r. 1385-1433), which ordered the installation of a Jewish quarter inside the walled perimeter of the city, known then as the *New Jewish Quarter*. The evolution of the old Olival hill shows that, in order to understand urban spaces, it is essential to consider any pre-existences, natural or resulting from anthropic activity.

The relevance attained by the area from the Philippine Era onwards attracted noble families. Their presence is identified by noble houses with coats of arms that mark the urban landscape, but mainly by the development of recreational spaces with green areas, such as those emerged in *Cordoaria*, that later on culminated with the *Virtudes Promenade*. The persistence of traditional architectures that result from the conservation of urban elements during the first reinforcement of the city outside the walls, grant the *Virtudes* area with a great residential and tourist potential, inflated by its proximity to other landmarks.

The housing structures of the *Virtudes Promenade* display a certain degree of erudition, both in their planning and in the materials employed, such as carved stones and *azulejo*. Multiple patterns and colours complete what is already a unique lighting environment, from its solar exposure to the trees that filter the light and project their shadows on the façades.



A malha construtiva das Virtudes constitui, assim, «uma das expressões mais típicas do Porto, que com o seu estilo próprio e a sua tradição legítima, traduz na atualidade as condições históricas e político-sociais do velho burgo, a índole e a vida da sua gente» (OLIVEIRA, 1992: 24).

The building mesh of *Virtudes* is, therefore, «one of the most typical expressions of Porto that, with its very own style and legitimate tradition, translates into the present the historical and socio-political conditions of the old borough, the character and the life of its people» (OLIVEIRA, 1992: 24).



A população da colina do Olival era, ainda no século XVI, formada sobretudo por homens dos mesteres cujas profissões ficaram ligadas à toponímia de algumas das suas ruas: Rua dos Coronheiros, Rua dos Besteiros, Rua da Ferraria, Cordoaria. Neste sentido compreendemos a antiga designação da atual Rua de Azevedo de Albuquerque, Rua dos Fogueteiros, justificada pela existência de vários artifices de pirotecnia no local. A *Rua* e o *Paredão dos Fogueteiros* relacionam-se com os demais usos do espaço. Os edifícios adossados à Casa das Virtudes podem ter tido relação com a Quinta, albergando a Roda dos Expostos e o Colégio Podestá.

The Olival Hill population was, in the 16th century, mainly composed by men, whose occupations were linked to the toponymy of some of its streets: *Coronheiros Street* (rifle butt makers), *Besteiros Street* (crossbowmen), *Ferraria Street* (blacksmiths), *Cordoaria* (ropeworkers). The same logic explains the old designation of what is now the *Azevedo de Albuquerque Street*, *Fogueteiros Street* (fireworkers), where several pyrotechnical artisans worked. The *Fogueteiros Street* and *Wall* are connected with other functions of the area. The buildings attached to the Virtudes manor-house may have had some connection with the Estate, housing the *Wheel of the Exposed* and the *Podestá School*.



No Paredão dos Fogueteiros permanecem ainda três grandes arcos. Segundo Horácio Marçal, o arco central possuía uma fonte dita «dos Fogueteiros», cuja água, que caía num espaçoso tanque construído em 1843 (MARÇAL, 1961: 169-173), provinha de «dentro da cerca — vulgo Malvas — do Hosp.al real da Cordoaria», tal como é referido no *Mapa das Fontes Públicas*, datado de 1835 (TEIXEIRA, 2011: 218).

The *Fogueteiros Wall* still preserves three large arches. According to Horácio Marçal, the central arch had a fountain called «of Fogueteiros», whose water, that would drip into a large tank built in 1843 (MARÇAL, 1961: 169-173), proceeded from «inside the fence — also known as *Malvas* — of the *Royal Hospital of Cordoaria*», as detailed in *Mapa das Fontes Públicas* (Map of the Public Fountains), dated from 1835 (TEIXEIRA, 2011: 218).



A Casa da Quinta das Virtudes teve alguns edifícios anexos. Existe registo da transferência provisória da Roda dos Expostos, em 1825, para o prédio nº 4 da Rua dos Fogueteiros, à época pertencente a João Azevedo Sousa da Silva.

A *Roda* instalou-se neste local mediante o pagamento de uma renda anual, sendo autorizada à administração a realização de todas as obras consideradas necessárias. Partindo do grande número de certificados de batismo associados a esta Casa, é legítimo colocar como hipótese que durante o século XVIII possa ter estado instalada neste edifício a «Casa da Roda dos Enjeitados», que no ano anterior estava sediada na casa contígua ao Hospital de Santa Clara das Velhas Inválidas na Cordoaria.

The Virtudes manor-house had some buildings attached. A record attests to the provisional transfer of the Wheel of the Exposed, in 1825, to the building no. 4 of *Fogueteiros Street*, which at the time belonged to João Azevedo Sousa da Silva.

The *Wheel* was here installed upon payment of an annual rent, having the authorization to carry out all the works considered necessary by the Wheel's administration. Based on the large number of baptismal certificates associated with this house, it is plausible that the «Wheel of the Exposed» may have been here installed in the course of the 18th century, having been previously located in the house adjoining the *Hospital of Santa Clara das Velhas Inválidas* in *Cordoaria*.

RUA DOS FOGUETEIROS / RUA DE AZEVEDO DE ALBUQUERQUE III. EDIFÍCIOS ANEXOS À CASA DA QUINTA DAS VIRTUDES (2017)

JOANA ISABEL DUARTE

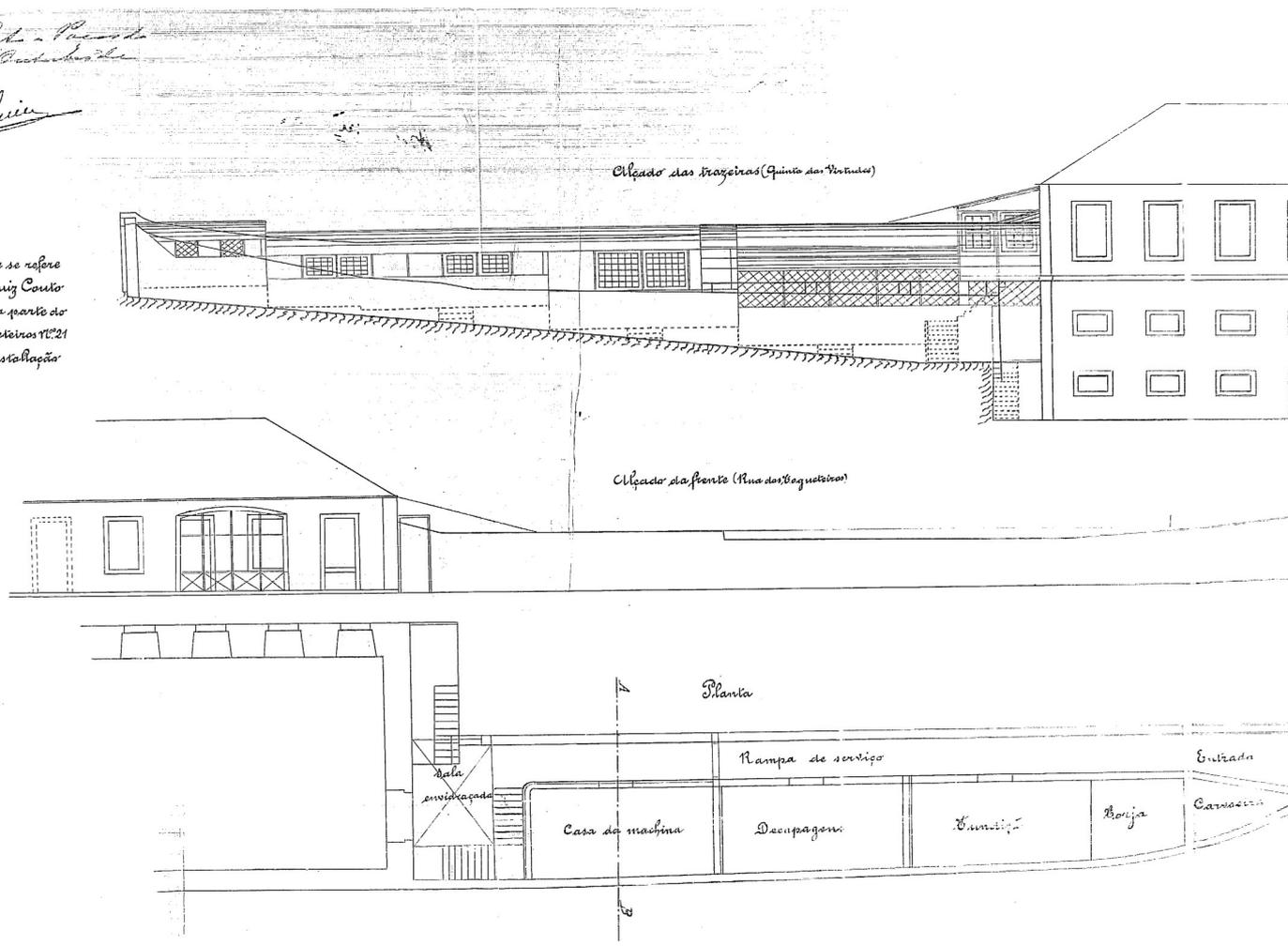
RUA DE AZEVEDO DE ALBUQUERQUE, PORTO, PORTUGAL

Approbado, Para a Presença da
Comissão de Architectura de
1911.

M. de Sá

Projecto das obras a que se refere
o requerimento junto de Luiz Couto
dos Santos, a executar na parte do
predio da Rua dos Bogueteiros 1221
que tem alugada para installação
de suas officinas.

Escala 1/100



No ano de 1901, Luís Couto dos Santos, engenheiro civil, alugava o nº 21 da Rua dos Fogueteiros para a instalação das suas oficinas de latoaria. Foi precisamente neste ano que fundou a Fábrica Electra, especializada em produção de material hospitalar, movida a eletricidade. No desenho do projeto podem ver-se a planta, os alçados e cortes da fábrica, bem como a sua localização - entre a Quinta das Virtudes e a rua que sobe para o Largo do Viriato, por onde se fazia a entrada e hoje se vê um muro e um portão para o jardim público.

In 1901, Luís Couto dos Santos, a civil engineer, rented no. 21 in the *Fogueteiros Street* to install his tinsmith workshops. In this same year, he opened the Electra Factory, specialized in the electricity powered production of hospital equipment. In the project's drawing can be seen the plan, elevations and sections of the factory, as well as its location – between the *Virtudes Estate* and the street that goes up to the *Largo do Viriato*, from where the main entrance was made and where now stands a wall and a gate to the public garden.

RUA DOS FOGUETEIROS / RUA DE AZEVEDO DE ALBUQUERQUE IV. FÁBRICA ELECTRA (PLANO
ALÇADO E CORTES) (1901)
FÁBRICA ELECTRA
RUA DE AZEVEDO DE ALBUQUERQUE, PORTO, PORTUGAL



12 Passeio das Virtudes

Porto, Porto District

Street View - jul 2014



Google

A área do Passeio das Virtudes passou por várias alterações ao longo dos séculos. Também as habitações foram alvo de várias demolições, modificações e acrescentos. Todavia, obedecem a uma arquitetura que se integra na paisagem, que a humaniza, tornando a cidade mais aprazível e acolhedora para os que nela vivem ou que a visitam.

The *Virtudes* Promenade area underwent several changes throughout the centuries. The houses were also subject to several demolitions, modifications and additions. Notwithstanding, they follow an architecture that accommodates and humanizes the landscape, making the city more pleasant and welcoming for those who live there and those who visit.



Os tipos de habitação desta zona, além de darem continuidade ao lote caracteristicamente estreito e profundo que caracteriza a massa edificada do Porto de oitocentos, apresentam já pisos elevados que atestam o avanço da técnica de construção e o uso da pedra em detrimento da madeira, o que permite frentes de maior dimensão.

Algumas das habitações edificadas junto ao Passeio das Virtudes parecem ter sido resultado de um projeto de loteamento, ou seja, da subdivisão do terreno em lotes destinados à edificação de prédios com características semelhantes. Verifica-se a repetição do mesmo modelo de fachada, contribuindo para a harmonia visual da paisagem histórica urbana.

The types of housing in this area deliver continuity to the characteristically narrow and deep allotments that distinguish the built mass of 19th century Porto. However, they also embody advanced construction techniques, such as high floors and the use of the stone instead of wood, which allowed for larger fronts.

Some of the houses in the vicinity of the *Virtudes* Promenade seem to have been the result of an allotment project, that is, the subdivision of land into lots that were destined to the construction of buildings with similar characteristics. The same façade model is repeated, adding to the visual harmony of this historic urban landscape.



MATERIAL ELECTRICO



Apesar das transformações ocorridas ao longo dos séculos, os materiais utilizados na construção são essencialmente os mesmos: a pedra granítica, a madeira, os metais e elementos cerâmicos, quase sempre de origem local.

O saber-fazer dos pedreiros e mestres, tal como as técnicas construtivas, passavam de geração em geração mantendo alguns dos aspetos formais da *casa portuense* dotando a cidade de uma imagem identitária, pese embora as diversas tipologias.

Despite the transformations registered throughout the centuries, the building materials remain essentially the same: granite stone, wood, metals and ceramic elements, and most of the time locally sourced.

The know-how of the masons and masters, as well as the construction techniques, passed down through generations, thus maintaining some of the formal aspects of the '*portuense house*' and endowing the city with a visual identity, despite the existence of diverse typologies.



Durante o séc. XIX as fachadas simplificam-se consideravelmente, desaparecendo muitos dos motivos ornamentais que as animavam até então. Porém, surgem agora revestidas de azulejos policromados, sobretudo em cores como o vermelho, o verde, o castanho, o amarelo, o azul e roxo. Reparámos na repetição de padrões e no revestimento azulejar, atribuindo ao pano murário um brilho próprio e maior enobrecimento, juntamente com os trabalhos de cantaria aplicados, às molduras dos vãos. A madeira, maioritariamente castanho, carvalho, e em alguns casos pinho de Riga, era usada para o vigamento dos sobrados e a estrutura das coberturas; o pinho nacional era utilizado para as estruturas e revestimentos dos tabiques, soalhos e caixilharias exteriores e interiores.

During the 19th century, the façades were greatly simplified and many of the ornamental motifs disappeared. On the other hand, linings with polychrome tiles, especially red, green, brown, yellow, blue and purple, started to appear. The repetition of patterns and the *azulejo* coatings gave the walls a brightness and an ennoblement of its own, altogether with the masonry applied to span frames. Wood, mostly chestnut, oak and, in some cases, Riga pine, was used for the framing of the houses and the structure of the roofs. Portuguese pine was used in partition structures and coatings, as well as exterior and interior floors and window frames.



Na edificação destes prédios de habitação, utilizam-se sobretudo os granitos, provenientes de pedreiras próximas: o granito azul, mais duro, para a alvenaria ordinária e o granito amarelo, mais fácil de trabalhar, para os trabalhos de cantaria: molduras de portas e janelas, sacadas, pilastras, frisos, cimalkhas e outros elementos decorativos. As sacadas, no primeiro piso assentam sobre mísulas graníticas em volutas e que nobilitam, pelo seu caráter erudito, estas arquiteturas.

Granites from nearby quarries were mainly used in the construction of these residential buildings: blue granite, harder, for ordinary masonry, and yellow granite, easier to work, for masonry work, such as door and window frames, balconies, pilasters, friezes, epistyles and other decorative elements. The balconies, on the first floor, rest on volute-shaped granite corbels that, owing to their erudite nature, ennoble these architectures.



O muro da Escola Artística e Profissional *Árvore* — antiga residência da família Jordão e Fábrica dos Guarda-sóis — encontra-se adossado a um prédio da mesma cor, com porta central e duas longas janelas laterais com grades. Os três primeiros pisos contam com três vãos rematados em arco, para três varandas de sacada de gradeamento igual, apoiadas em seis mísulas. O quarto apresenta janelas em guilhotina e cobertura com claraboia oval.

The wall of the *Árvore* Artistic School — the old House of the Jordão Family and umbrella factory — is attached to a building of the same colour, with a central door and two long side windows with bars. The first three floors display three arched sills for three balconies with similar bars, resting on six corbels. The fourth features guillotine windows and an oval skylight roof.

Fachada

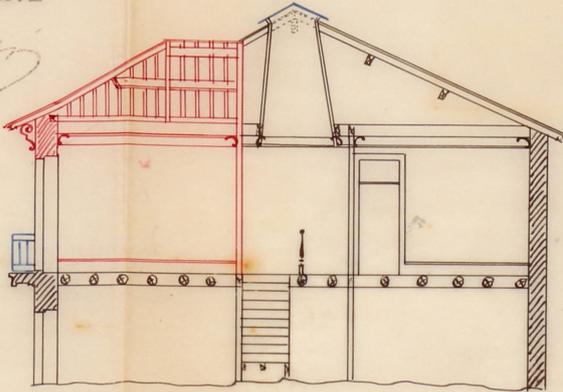
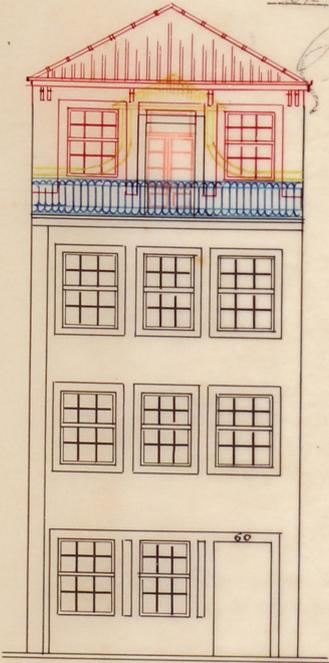


297
187

Corte por A. B.

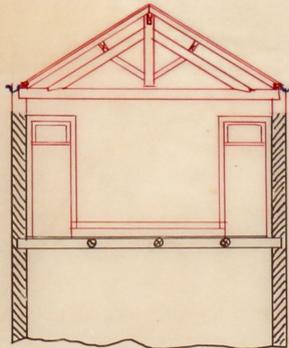
APPROVADA. PORTO EM CAMARA
22 DE Junho DE 1912
PRESIDENTE

Francisco

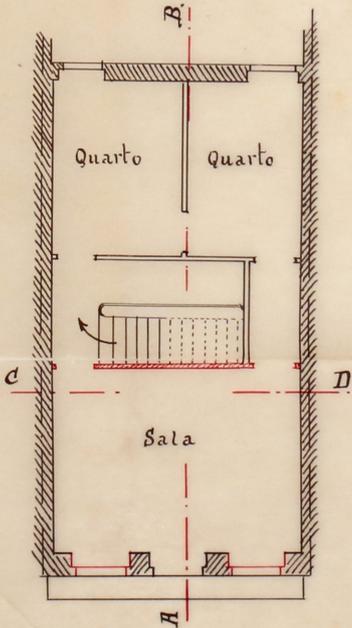


Corte por c. d.

Planta



ESCALA = 1/100



Local em Rua Arzêdo d'Albuquerque, n.º 60

Desenhos a que se refere o requerimento
de Maria Madalena Teixeira Lima

O desenho (da casa nº 60 da Rua Dr. Azevedo de Albuquerque, cuja requerente é Maria Madalena Teixeira Lima) mostra-nos configurações muito semelhantes às concretizadas: uma varanda, com dois vãos de iluminação e ao centro uma porta. Todavia, notamos a ausência dos cachorros que seguram o beiral do telhado.

Ao nível térreo, na entrada da casa, a organização continua a mesma: uma porta do lado esquerdo e duas janelas à sua direita. Acima, vemos que uma abertura foi suprimida (resultando talvez de uma modificação interior), em relação ao apresentado no desenho do alçado.

O documento apresenta-nos ainda uma planta do piso em questão, mostrando dois quartos, o vão de escadas e uma ampla sala.

The drawing (for the house no. 60 at *Dr. Azevedo de Albuquerque Street*, whose applicant is Maria Madalena Teixeira Lima) displays a configuration very similar to those seen today: a balcony with two lighting spans and a central door.

However, the corbels supporting the roof cornice are missing. On the ground floor, at the entrance to the house, the composition is the same: a door on the left side and two windows on the right. Above this, an opening that is shown in the elevation drawing has been suppressed (possibly resulting from an interior modification).

The document includes a plan of the floor in question, showing two bedrooms, a stairwell and a large living room.



O caráter vertical dado pelos apontamentos em granito que se prolongam para além do enquadramento dos vãos de iluminação. As janelas variam entre sistemas de correr, de abas e de guilhotina e ao nível dos materiais entre madeira e inox, bem como na cor.

O ritmo dos vãos repete-se em todos os andares, com sacada de três a três no primeiro piso, de guilhotina no segundo e no quarto, e duas abas com bandeira no terceiro e quinto, sendo que estes possuem guardas em ferro.

As cantarias são retas e os elementos de verticalidade dão lugar a elementos em pedra horizontais, dos quais a cornija, a sacada e a balaustrada em ferro rematadas por dois jarrões.

The building's vertical nature is accentuated by the granite details extended beyond the lighting spans. The windows change from running to flap and guillotine systems, the materials vary from wood to stainless steel, and the colour palette is diverse.

The spans rhythm is repeated on all floors, with a balcony from three to three on the first floor, a guillotine in the second and fourth, and two flaps with flags and iron guards in the third and fifth.

The stonework follows a straight line and the vertical elements give way to horizontal stone elements, as the cornice, the balcony and the iron balustrade, topped by two vases.



Ao longo do tempo, os materiais das edificações urbanas são substituídos por outros mais resistentes e seguros, como é o caso do tabique que, nas paredes do exterior, é substituído por alvenaria de pedra, permitindo-lhe maior resistência ao fogo. Os metais, principalmente o ferro, substituíram alguns usos da madeira, sendo aplicados nas grades de janelas de sacada, canalizações e elementos decorativos.

Over time, building materials tend to be replaced by stronger and safer ones, as is the case of the partition which replaced the exterior walls with stone masonry, ensuring greater fire resistance. Metals, particularly iron, replaced wood in certain elements, being applied in balcony window grids, plumbing and decorative elements.



Corria o ano de 1842 quando José Joaquim Pereira Jordão mandou ampliar um terreno que conflui para a Rua do Dr. Barbosa de Castro, onde se viria a erguer a casa, nobilitada, da família. Em 1854, Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva fez aumentar o edifício e o portão. Depois da sua morte, a posse da habitação transita para os seus filhos, Joaquim e Alfredo Ferreira da Silva Jordão, que acabam por vendê-la, em 1916, a um industrial que aí montou a Fábrica Portuense de Guarda-Sóis, Lda. Os elementos decorativos, como as estátuas, as taças florejantes e o muro são datados do século XVIII. A casa é hoje, propriedade da Cooperativa Árvore. Esta edificação está classificada desde 1970 como Imóvel de Interesse Público.

In 1842, José Joaquim Pereira Jordão ordered the expansion of a land that led to the *Dr. Barbosa de Castro Street*, where the noble family house was to be built. In 1854, Mariana Emília Pereira Jordão Ferreira da Silva extended the building and its gate. After their death, the house was inherited by their children, Joaquim and Alfredo Ferreira da Silva Jordão, and eventually sold, in 1916, to an industrialist who therein settled the umbrella factory «Fábrica Portuense de Guarda-Sóis, Lda». The decorative elements, such as statues, bowls with flowers and the wall date to the 18th century. Today, the house belongs to the artistic cooperative *Árvore*. This building was recognized as a Property of Public Interest in 1970.



As fachadas do Passeio das Virtudes continuam a sofrer alterações com a passagem do tempo. Exemplo disso é a inserção de ações de *Street Art*, que dão um novo dinamismo ao pano murário. A prática do graffiti surge, muitas das vezes, de forma ilegal. Contudo, identificam-se já murais comissionados pelas próprias autarquias ou instituições, onde se começam a notabilizar artistas que os assinam e afirmam linguagens muito próprias.

The façades in the *Virtudes* Promenade have continuously change over time. *Street Art* interventions illustrate that change, whilst lending to these walls a new dynamism. The graffiti practice is, more often than not, illegal. However, murals commissioned by municipalities and institutions can already be identified, whose artists have started to gain notoriety as they develop expressions of their very own.

WESK



FEMAN



Na última década, a tendência da arte urbana tem-se revelado como uma das mais importantes práticas artísticas contemporâneas no Porto. Através de artistas como Hazul ou Mesk, a chamada Street Art começa a ser considerada uma prática artística reconhecida e cada vez mais valorizada por vários tipos de público.

In the last decade, the urban art trend stood out as one of the most important contemporary artistic expressions in Porto. Through artists such as Hazul or Mesk, the so-called *Street Art* begins to be recognized as an artistic practice and increasingly valued by different audiences.

PASSEIO DAS VIRTUDES XI. GRAFITTI (MESK) (2017)
ANA CLARISSE LOPES
RUA DE AZEVEDO DE ALBUQUERQUE, PORTO, PORTUGAL



Dois arruamentos fundamentais intermedeiam a área da antiga Judiaria Nova e o Passeio das Virtudes: a rua das Taipas e a rua Dr. Barbosa de Castro.

O desenvolvimento destas artérias e as suas características diferenciadoras têm de ser compreendidas na sua relação com a pré-existente Judiaria Nova, com a topografia do local, manifestando-se esta na acentuada pendente das duas ruas bem como pela presença da muralha gótica.

A rua das Taipas, intramuros, acompanhava o traçado da muralha e a rua Dr. Barbosa de Castro, assim designada a partir de 1920, desenvolveu-se extramuros.

Two fundamental streets stand between what used to be the New Jewish Quarter (*Judiaria Nova*) and the *Virtudes* Promenade: the *Taipas Street* and the *Dr. Barbosa de Castro Street*.

The development of these urban roads and their differentiating characteristics must be understood not only through their relationship with the pre-existing *New Jewish Quarter*, but also through its topography, defined by a steep slope, and the presence of the Gothic wall.

The *Taipas Street* followed the gothic wall's outline on the inside, while the *Dr. Barbosa de Castro*, thus called from 1920 onward, was developed on the outside.



As últimas nove habitações do Passeio das Virtudes (compreendidas entre o 28 e o 53 — contagem que se refere apenas a oito habitações, já que a primeira não tem entrada virada ao Passeio, e por isso não possui número de polícia) tiveram ligação direta com a rua Dr. Barbosa de Castro, sendo que o primeiro andar, voltado para o Passeio das Virtudes, corresponde ao rés-do-chão da outra rua — dada a diferença de cota —, pelo que existe a possibilidade de a relação entre os alçados de ambas as ruas ter sofrido alterações decorrentes da criação do Passeio das Virtudes.

The last nine houses of the *Virtudes* Promenade (no. 28 to 53 — a count that refers to eight dwellings only, as the first has no entrance facing the Promenade and, therefore, no number) were directly connected with the *Dr. Barbosa de Castro Street*. Here, the first floor, facing the *Virtudes* Promenade, corresponds to the ground floor of the other street. Given the difference in height, it is plausible that the relation between the façades of both streets underwent changes as the Promenade was created.



A evolução da colina do Olival demonstra bem que, para compreender os lugares urbanos, é fundamental atentar às pré-existências, sejam elas naturais ou já resultantes da ação antrópica. As características orográficas do local ditaram a acentuada pendente de ruas como a das Taipas ou a Dr. Barbosa de Castro, cuja orientação e escala foram determinadas por duas pré-existências, a Judiaria Nova e a muralha gótica.

A importância alcançada por esta zona a partir do período filipino tornou-a atrativa à fixação de famílias nobres, cuja presença se identifica pelas casas nobilitadas com pedras de armas, que marcam a paisagem urbana, mas sobretudo pela preocupação com a criação de espaços lúdicos, como os espaços verdes que se começaram a formar na Cordoaria e que, posteriormente, culminou no aparecimento do Passeio das Virtudes.

The evolution of the *Olival* hill shows that it is essential to consider any pre-existence — natural or a result of anthropic activity —, in order to understand urban spaces. The orographic characteristics of the place shaped the steep slope of streets, such as the *Taipas* and *Dr. Barbosa de Castro* ones, whose orientation and scale were determined by both pre-existing *New Jewish Quarter* and Gothic wall.

The relevance attained by the area from the Philippine Era onwards, attracted noble families. Their presence is identified by noble houses with coats of arms that mark the urban landscape, but mainly by the development of recreational spaces with green areas, such as those emerged in *Cordoaria*, that later on culminated with the *Virtudes Promenade*.



Para a renovação urbanística da colina do Olival, em muito contribuíram as novas artérias, cuja disposição foi determinada pelas difíceis condições do local, conduzindo para as portas da muralha gótica— a de Carros no sopé e a do Olival no planalto —, e rodeando também o núcleo central da antiga Judiaria. É, pois, neste contexto que devemos entender o traçado das ruas das Taipas e Dr. Barbosa de Castro. Todavia, o desenvolvimento urbano foi marcado por alguma estagnação, fruto do isolamento criado por estas condições.

The renewal of the *Olival* hill was greatly favoured by the development of new urban roads, whose paths were lead to the doors of the Gothic wall (the *Carros* door on the foot and the *Olival* door on the plateau), surrounding the core of the Jewish Quarter. This very disposition was determined by the difficult conditions of the site and explains the outline of the *Taipas* and *Dr. Barbosa de Castro* streets. Nonetheless, this urban development registered periods of inactivity, due to the isolation imposed by such conditions.



92 Rua das Taipas

Porto, Porto District

Street View - jul 2014



Google

Captura de imagem: jul 2014 © 2017 Google Termos de Utilização www.google.pt/maps Comunicar um problema

O traçado da rua das Taipas foi condicionado pela existência da muralha medieval e pela presença da judiaria implantada no local a partir do século XIV. A rua das Taipas estendia-se junto à cintura da muralha e permitia o acesso a duas das suas portas, a Porta do Olival e ao Postigo das Virtudes. A primeira localizava-se entre a Cadeia da Relação e a Igreja dos Clérigos, e a segunda junto ao atual Antigo Clube Inglês e à Fonte das Taipas. Esta foi encomendada à Câmara em 1772, pelos moradores do Largo do Postigo das Virtudes com intenção de substituir um chafariz existente construído em 1707.

The outline of the *Taipas Street* was conditioned by the presence of the medieval wall and of the Jewish quarter, implanted there since the 14th century. This street stretched along the city wall and allowed access to two of its doors, the *Olival* door and the *Virtudes* Wicket. The former was located between the *Relação* Prison and the *Clérigos* Church, and the later, near the old English Club and the *Taipas* Fountain. The work was commissioned to the City Council, in 1772, by the residents of the *Largo do Postigo das Virtudes* with the purpose of replacing a pre-existing fountain, built in 1707.



Alguns edifícios apresentam uma tipologia funcional de duas frentes, características de lotes maiores, e apresentam dois alçados e dois acessos.

Como acontece frequentemente no Porto, estes edifícios criam interrupções na frente edificada, pontuadas por alçados com algum aparato, enfatizando a simetria e o diálogo com logradouros murados. Estes edifícios resultaram da aglomeração dos habituais lotes estreitos, em processos de loteamento, ou refletiram a manutenção de um particionamento que tinha por base espaços irregulares que foram posteriormente urbanizados. Pelas suas dimensões e potencialidades, foram, em muitos casos, ocupados posteriormente por indústrias ou serviços.

Some of the buildings display a functional typology with two fronts, typical of wider allotments, with two façades and two accesses.

As is frequently the case in Porto, these buildings form interruptions on the built front, punctuated by façades with a certain apparatus, which emphasize symmetry and establishing a dialogue with the walled patios. These buildings either resulted from the agglomeration of the usual narrow lots, in allotment processes, or reflect the conservation of a partitioning of irregular spaces urbanized henceforth. Their size and potential led, in many cases, to their subsequently occupation by industries or services.

RUA DR. BARBOSA DE CASTRO. EDIFÍCIO DA ESCOLA ÁRVORE (2017)

VERA BARBOSA

RUA DR. BARBOSA DE CASTRO, PORTO, PORTUGAL



Sob o ponto de vista da organização interna da casa de habitação surge a função de loja no piso térreo, com habitação nos pisos superiores, possuindo entrada lateral que se articula com escada central de dois lanços e que passa a ser encimada por uma claraboia. Apesar da permanência do lote estreito, a paisagem urbana da cidade do Porto pontua-se pela presença de claraboias e que atestam a evolução, consequência de uma maior importância, dada à caixa de escadas no interior dos prédios, agora mais largas e, assim, iluminadas por luz natural.

From an internal organization point of view, the residential house has a store on the ground floor and housing quarters on the upper floors, displaying a side entrance that opens to a two-flight staircase topped by a skylight. Despite the persistence of narrow strip allotments, the urban landscape of Porto is dotted with skylights that attest the greater importance attached to interior stairwells, which became wider and, therefore, bathed in natural light.



A falta de zonas verdes na cidade amuralhada, depois da abertura da Rua das Flores (1521-1525) e da destruição da vasta zona de hortas que ocupava o vale do rio de Vila, levaram Filipe II a criar, em 1611, no local designado de Cordoaria, uma vasta alameda. A proximidade do Palácio da Justiça e Cadeia da Relação também pesou na decisão régia de construção do jardim, geométrico e racional, ao qual se pode aceder através da Rua das Taipas e da Rua Dr. Barbosa de Castro.

The absence of green areas within the walled city, after the opening of *Flores Street* (1521-1525) and the destruction of the large cultivation area on the valley of the *Vila* river, led King Filipe II to create, in 1611, a wide avenue, now known as *Cordoaria*. The proximity of the *Palácio da Justiça* (Courthouse) and the *Relação* Prison was crucial to the royal decision of building a geometric and rational garden, accessible through the *Taipas* and the *Dr. Barbosa de Castro* streets.



Na antiga Rua do Calvário, hoje Rua Dr. Barbosa de Castro, após a Escola Artística e Profissional *Árvore* encontramos a casa onde morou o romancista do século XIX, Almeida Garrett (1799-1854). Assinalada por uma placa comemorativa onde se pode ler «Casa onde nasceu aos 4 de Fevereiro de 1799. João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett. Mandou gravar à memória do Grande Poeta a Câmara municipal d’esta cidade em 1864». O isolamento de um momento na cronologia do edifício, em que a dimensão particular se confundiu com a herança coletiva, representa uma valorização de espaços edificados que acolheram habitares diferenciados ao longo dos séculos, contribuindo para a tessitura identitária da cidade.

Down the *Dr. Barbosa de Castro Street* — formerly known as *Calvário Street* — and past the artistic school *Árvore*, there is the house where the 19th century novelist Almeida Garrett (1799-1854) lived. The house is identified by a commemorative plaque, which reads «House where João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett was born, on February 4th, 1799. Engraved in memory of the Great Poet by the City Council in 1864». The isolation of a particular moment from this building’s timeline, where the private sphere merges with the collective heritage, recognizes the built environment of differentiated dwellings, carried out throughout the centuries, as a contribution to the identity texture of the city.

A RUTURA DO PALÁCIO DA JUSTIÇA

No espaço hoje marcado pelo Jardim da Cordoaria foram várias as construções existentes desde o século XVII: capelas, armazéns de cereais, hospitais militares, hospícios, mercados, até ao atual edifício do Palácio da Justiça que se destaca na paisagem pela sua monumental arquitetura e pelo facto de ter criado uma rutura urbana entre a zona das Virtudes uma cota mais elevada da cidade. O espaço ocupado hoje pelo monumental edifício do Palácio da Justiça denominava-se anteriormente de Sítio do Calvário Novo. A construção deste edifício veio provocar uma profunda alteração no local, quer a nível construtivo quer a nível das vivências da cidade.

O Palácio da Justiça, iniciado em 1958 e inaugurado em 1961, localiza-se no hoje denominado Campo dos Mártires da Pátria na freguesia de Miragaia. Tanto o projeto arquitetónico como o decorativo são da autoria do arquiteto Raul Rodrigues Lima, salientando-se assim todo um paradigma de imagem solene e grandiosa associada à riqueza histórica e cultural da cidade e à função do edifício.

THE RUPTURE OF THE COURTHOUSE

From the 17th century onward, several buildings existed in the area that is now occupied by the *Cordoaria* Garden, such as chapels, grain warehouses, military hospitals, hospices and markets. The *Palácio da Justiça* (Courthouse), which today stands out in the urban landscape for its monumental architecture, imposed a rupture between *Virtudes* and the upper areas of the city. The site, formerly called *Sítio do Calvário Novo*, was profoundly changed by the building, both in terms of construction and of city life.

The *Palácio da Justiça*, initiated in 1958 and inaugurated in 1961, is located in what is now known as the *Campo dos Mártires da Pátria*, in the parish of Miragaia. Both the architectural and the decorative programs were authored by the architect Raul Rodrigues Lima, and emphasise a solemn and grand image associated with the historical and cultural richness of the city, as well as with the function of the building.



Observado a partir do Jardim das Virtudes, o Palácio da Justiça destaca-se na paisagem urbana pela sua monumental arquitetura e pelo facto de ter criado uma rutura urbana entre a zona das Virtudes uma cota mais elevada da cidade.

Seen from the Virtudes Garden, the *Palácio da Justiça* (Courthouse) stands out in the urban landscape for its monumental architecture, while imposing a rupture between *Virtudes* and the upper areas of the city.



O Palácio da Justiça, iniciado em 1958 e inaugurado em 1961, localiza-se no hoje denominado Campo dos Mártires da Pátria na freguesia de Miragaia. Tanto o projeto arquitetónico como o decorativo são da autoria do arquiteto Raul Rodrigues Lima, salientando-se assim todo um paradigma de imagem solene e grandiosa associada à riqueza histórica e cultural da cidade e à função do edifício.

The *Palácio da Justiça* (Courthouse), initiated in 1958 and inaugurated in 1961, is located in what is now known as the *Campo dos Mártires da Pátria*, in the parish of Miragaia. Both the architectural and the decorative programs were authored by the architect Raul Rodrigues Lima, and emphasise a solemn and grand image associated with the historical and cultural richness of the city, as well as with the function of the building.



A imponência do aspeto do Palácio da Justiça advém-lhe da escala e desenho, bem como da qualidade dos materiais utilizados pelo arquiteto, com destaque para os revestimentos graníticos. Ocupando uma área de 3.600 metros quadrados, possui oito pisos com a entrada principal no quarto nível este, voltado ao atual Jardim da Cordoaria. Esta fachada, a principal, é valorizada por um pórtico de dez pilares, que demarca a entrada principal, e enfatizada por uma estátua da autoria do escultor Leopoldo de Almeida, que representa a alegoria da Justiça.

The Courthouse's grandiosity is owed to its scale and design, as well as the quality of the materials used by the architect, especially the granite coatings. Occupying an area of 3,600 square meters, the building has eight floors and the main entrance on the fourth floor, facing East and turning towards the *Cordoaria* Garden. This façade, the main front, is embellished by a ten-pillar porch that frames the main entrance, and is emphasized by a statue authored by Leopoldo de Almeida, representing the allegory of Justice.



A escala e monumentalidade do edifício do Palácio da Justiça impõem-se no tecido urbano, através da sua fachada principal virada ao Jardim da Cordoaria. Cria-se aqui uma rutura que acentua o distanciamento da zona alta da cidade para o início da área ribeirinha de Miragaia, cuja pendente é marcada pelo balcão definido pelo Passeio das Virtudes.

The scale and the monumental character of the *Palácio da Justiça* (Courthouse) building stands out in the urban fabric, with a main front facing the *Cordoaria* Gardens. This rupture accentuates a detachment between the upper part of the city and the beginning of the riverside area of Miragaia, whose hillside is defined by the *Virtudes* Promenade's balcony.



No local onde se implanta o Palácio da Justiça, existiu o Mercado do Peixe, cujo início de construção data de 1869, a fim de concentrar a venda de peixe e fressuras num só local. A partir da Rua dos Fogueteiros, este edifício impunha-se pela sua escala ajustada ao terreno, materializando-se na conceção de diversos patamares, que albergavam as distintas bancas de flores, hortícolas e fressuras bem como uma fonte que hoje se encontra instalada no Largo do Monte dos Judeus (transferida aquando da demolição do mercado).

The place where the *Palácio da Justiça* (Courthouse) now stands was previously occupied by a Fish Market, in order to concentrate the sale of fish and animal entrails in a single place. The building, begun in 1869, was accessible from the *Fogueteiros Street* and stood out by its scale suited to the terrain. The market was conceived in levels that lodged flower and horticultural stalls, as well as a fountain that was later relocated to the *Largo do Monte dos Judeus* after its demolition.



No espaço voltado à *Cordoaria* e adjacente ao Mercado do Peixe oitocentista, encontravam-se instalados importantes edifícios que cumpriram diversas funções públicas, como o Hospício e Roda dos Expostos e a Capela do Senhor Jesus do Calvário Novo. Estes terão sido demolidos a fim de se ampliar o Mercado do Peixe, que recebe a denominação de Mercado Provisório da *Cordoaria* em 1946.

In the space facing the *Cordoaria* and surrounding the 19th century Fish Market, were many important buildings that fulfilled different public functions, such as the Hospice and Wheel of the Exposed and the Chapel of *Senhor Jesus do Calvário Novo*. These were to be demolished in order to expand the Fish Market, renamed in 1946 as the Provisory Market of *Cordoaria*.



Porto—Mercado do Peixe

160— Editor Alberto Ferreira-P. Batalha-Porto

A fachada principal do Mercado do Peixe desenvolvia-se num só nível, com acentuada horizontalidade, possuindo um corpo central destacado e coroado por um frontão triangular, que ostentava o brasão da cidade. O desenho foi da responsabilidade do Engenheiro Civil Gustavo Adolfo Gonçalves e Souza, que colaborou igualmente nos edifícios do Palácio da Bolsa e da atual Reitoria da Universidade do Porto, também eles de cariz neoclássico.

The Fish Market's main façade occupied a single horizontal-oriented floor, whose advanced central body was crowned by a triangular pediment that displayed the coat of arms of the city. The author of the design was the civil engineer Gustavo Adolfo Gonçalves e Souza, who was also responsible for the Stock Exchange Palace and current Rectory of the University of Porto buildings, all of them of a neoclassical nature.



O Mercado do Peixe passou a inserir-se num local que dava forma, progressivamente, a uma imagem burguesa e comercial da cidade, através do desenho das fachadas, de gosto neoclássico e marcadamente urbanas, de edifícios como a Cadeia da Relação do Porto, o Hospital de Santo António e o edifício da Universidade do Porto, também eles voltados para a Cordoaria. Inserida no Jardim da Cordoaria, a estátua em bronze, representativa da Ninfa Flora, da autoria de Teixeira Lopes foi concebida enquanto memorial a José Marques Loureiro. A composição apresenta-se enquanto um elogio à memória do horticultor, traduzido na árvore ressequida, que se associa ao carácter transitório das flores que pendem da mão da jovem, a eterna Primavera e símbolo do renascer.

The Fish Market's surroundings progressively shaped the city's bourgeois and commercial image, through the urban neoclassical taste embodied in the façades designs in buildings such as the *Relação* Prison, the Santo António Hospital and the building of the Rectory of the University of Porto, all of them turned towards *Cordoaria*. A bronze statue depicting Flora, created by Teixeira Lopes as a memorial to José Marques Loureiro, can also be found in the *Cordoaria* Garden. The composition stands as an eulogy to the memory of the horticulturist, symbolized by the withered tree, and the transient nature of the flowers held by the young nymph, the eternal spring and a symbol of rebirth.



Antes da construção do Mercado do Peixe, existiu neste local da Cordoaria o Hospício de Santo António da Cordoaria, no qual se instalaram os frades antoninos do Vale da Piedade em 1730, que religiosos reformados a necessitavam de cuidados, para instalar. Este lugar foi escolhido para essa construção devido à sua localização, 'saudável'. Após a saída dos frades Antoninos o lugar fica devoluto e nele é instalada, em 1802, a Aula de Desenhos e Debuxo. Em 1838, na sequência da extinção das Ordens Religiosas ocorrida quatro anos antes, vai receber a Roda dos Expostos, transformando-se em Hospício dos Expostos. Esta terá sido a última ocupação do edifício, antes da sua demolição para dar lugar ao Mercado Provisório da Cordoaria que se queria ampliar.

Before the Fish Market was built, the Hospice of Santo António da Cordoaria existed in site, since the settlement of the Antonin monks from *Vale da Piedade*, in 1730. The location of the institution, intended for religious retirees in need of care, was chosen for its 'salubrious' character. After the monks departure, the building remained unoccupied until 1802, when the Drawing and Sketching School was opened. In 1838, four years after the Religious Orders were extinct, it housed the Wheel of the Exposed, becoming the Hospice for the Exposed. This was the last use given to the building before being demolished to give way to the expansion of the Provisional Market of *Cordoaria*.

ESTRATIGRAFIAS E ACUMULAÇÕES URBANAS

Segundo a Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural (UNESCO, 1972) os conjuntos são valorizados pelo facto de integrarem um grupo de construções que, em virtude da sua arquitetura, unidade ou integração na paisagem têm valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência (Art. 1º). A inscrição do Centro Histórico do Porto na lista do Património Mundial da Unesco fundamentou-se no valor universal excepcional do tecido urbano do seu centro histórico, cujo valor estético testemunha um desenvolvimento urbano que remonta, de forma muito particular, às épocas romana, medieval e *almadina* (século XVIII).

A riqueza e a variedade da arquitetura civil do centro histórico do Porto traduzem os valores culturais das mais sucessivas épocas, reflexo de uma perfeita adaptação à estrutura social e geográfica da cidade, mantendo ao longo dos séculos uma estável e coerente relação entre o ambiente urbano e o ambiente natural. É no dinamismo do tecido social e institucional que encontramos a sua garantia de sobrevivência enquanto centro histórico.

A cidade do Porto faz-se de estratigrafias que desenharam uma particular paisagem histórica urbana que, tal como afirma a Recomendação para as Paisagens Históricas Urbanas da UNESCO (2011) deve incidir sobre a proteção do património cultural e natural, visando sobretudo a preservação da qualidade do ambiente humano, potenciando o uso produtivo e sustentado dos espaços urbanos, reconhecendo ao mesmo tempo o seu carácter dinâmico e promovendo a sua diversidade social e funcional (Art. 11º). Dando resposta às recomendações da doutrina internacional mais recente na matéria, a cidade do Porto, no seu Centro Histórico e particularmente nas Virtudes, a preservação da sua Paisagem Histórica Urbana deve, pois, fundar-se numa relação equilibrada e sustentável entre o ambiente natural e urbano, entre as necessidades do presente, as necessidades das gerações futuras e o legado do passado (UNESCO 2011: Art. 11º).

STRATIGRAPHY AND URBAN ACCUMULATIONS

According to the *Convention concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage* (UNESCO, 1972), groups of buildings are considered of value when they involve separate or connected buildings which, because of their architecture, their homogeneity or their place in the landscape, are of outstanding universal value from a history, art or science point of view (Art. 1). The inscription of the Historic Centre of Porto on the UNESCO World Heritage list was based on the exceptional universal value of its Historic Centre's urban fabric, whose aesthetic value bears witness to an urban development that dates back, in a very unique way, to Roman, Medieval and *almadina* (18th century) period.

The richness and variety of the civil architecture found in the Historic Center of Porto translates cultural values from consecutive eras and reflects a perfect accommodation to the social and geographical structure of the city, while maintaining a stable and coherent relationship between urban and natural environments, throughout the centuries. A dynamic social and institutional fabric ensures its survival as an historic centre.

The city of Porto is composed of layers that draw a particular urban historical landscape, which should be aimed at preserving the quality of the human environment, enhancing the productive and sustainable use of urban spaces, while recognizing their dynamic character and promoting social and functional diversity, as stated in the UNESCO Recommendation on the Historic Urban Landscape (2011: Art.11). Following the recommendation of the most recent international doctrine on the subject, preserving the Historic Urban Landscape of the City of Porto, with its Historic Centre, and more particularly *Virtudes*, should, therefore, be rooted in a balanced and sustainable relationship between the urban and natural environment, between the needs of present and future generations and the legacy from the past (UNESCO 2011: Art. 11°).



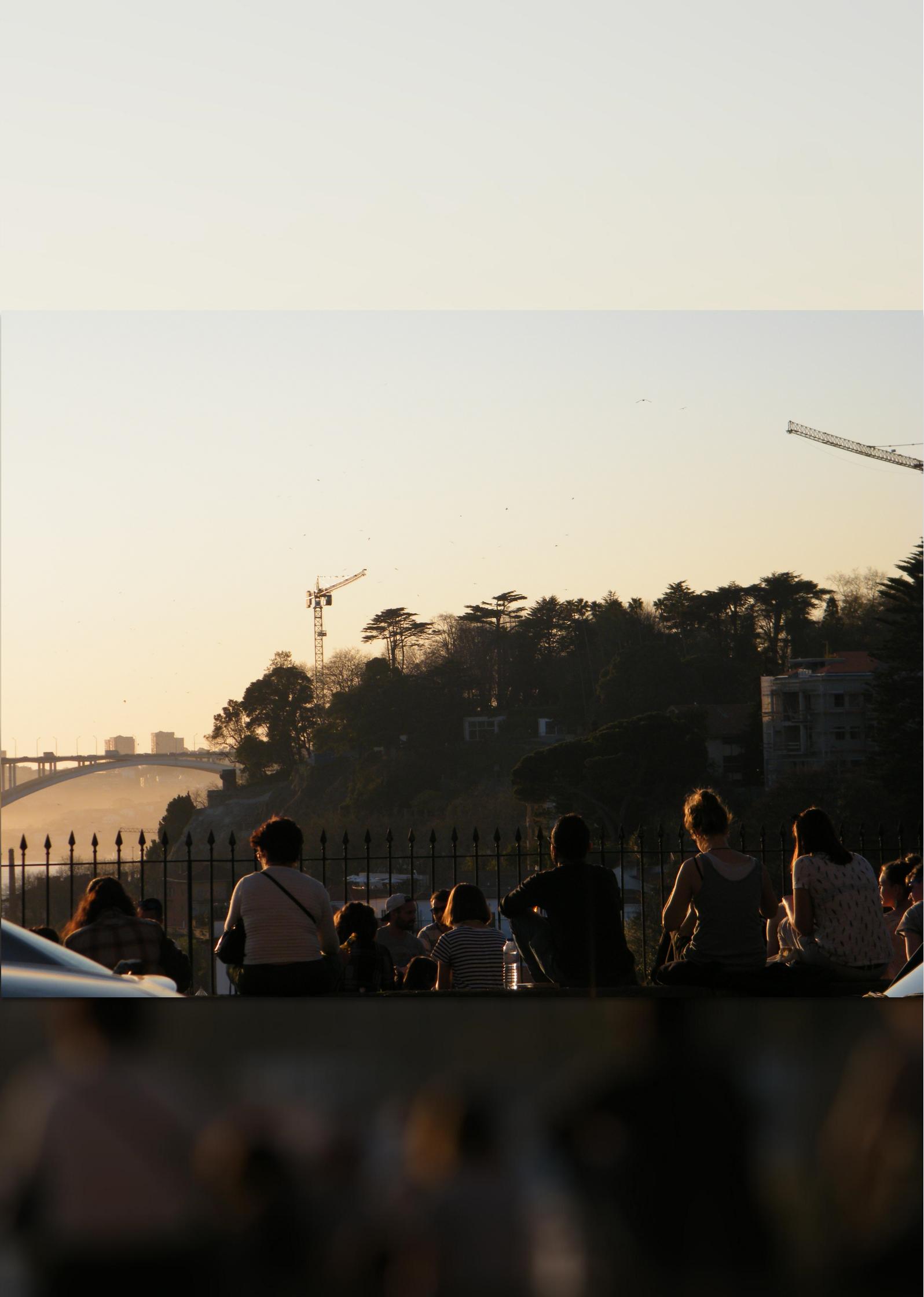
Uma das imagens mais marcantes da cidade do Porto e, em particular, do seu centro histórico, é o seu aspeto panorâmico, fruto da complexidade orográfica do terreno sobre o qual se implanta e onde se articulam as suas ruas, travessas, escadas, praças, largos e vielas com uma densa massa edificada e um rio que contorna e delimita a sua expansão urbana para Sul. A cidade do Porto vive num perfeito diálogo com o rio, o Douro, que mais do que ser ele próprio de ouro (conforme prefere a tradição), se revelou duro (do latim *duris*) no desenho, marcando definitivamente a cidade que se expressa pela sua configuração em distintas paisagens urbanas, à cota alta e à cota baixa.

One of the most striking images of the city of Porto and, in particular, of the historic centre is its panoramic appearance, as regarded from the opposite river bank. This is a product of the orographic complexity of a terrain over which the city grew, and where streets, lanes, stairs, squares, yards and alleys articulate and form a dense built mass outlined by the river in the South. The city of Porto thrives in a perfect dialogue with the Douro river: more than being *made of gold* (*ouro* in Portuguese, as favoured by tradition), it revealed being hard (from the Latin *duris*) in its drawing, while ultimately defining a city that expresses itself in different urban landscapes, in high and low elevations.



Com o Passeio das Virtudes, à cota alta, a cidade abre-se a ocidente, à foz do rio Douro, expansão que os primeiros anos do século XIX irão consolidar, após o triunfo do Liberalismo e que é atestada pelo início da construção da nova Alfândega, na antiga praia de Miragaia, a partir de 1851, para melhorar o escoamento de produtos por via fluvial e marítima, bem como pela inauguração do Palácio de Cristal em 1865, reflexo já da renovação económica e tecnológica da cidade.

The city opens itself to the West towards the Douro river's mouth, with the *Virtudes* Promenade peeking at a high elevation. The beginning of the 19th century will consolidate this sprawl, after the triumph of Liberalism, attested by the construction of the new Custom House, in 1851, at the old beach of Miragaia – intended to improve the outflow of products by river and sea –, and by the inauguration of the *Palácio de Cristal*, in 1865, which clearly reflected the city's economic and technological renewal.



A segunda metade do século XIX vai confirmar a expansão urbana da cidade do Porto para Ocidente, no sentido da Foz do Douro, afirmando o carácter burguês de uma nova cidade que se vira definitivamente para o mar. Três elementos fundamentais enfatizam esta nova área de expansão urbana: a abertura da Avenida da Boavista (1850-1917), a inauguração da Doca nº1 do Porto de Leixões (1940) e a construção da Ponte da Arrábida (inaugurada em 1963). E é, definitivamente, o Passeio das Virtudes que permite esta perceção a partir do Centro Histórico da cidade do Porto.

The second half of the 19th century confirmed the urban sprawl of Porto to the West, towards the Douro river's mouth, highlighting the bourgeois character of a new city that definitively turns to face the sea. Three fundamental elements emphasize this new area: the opening of the *Boavista* Avenue (1850-1917), the inauguration of Dock no. 1 at the *Leixões* Port (1940) and the construction of the *Arrábida* Bridge (inaugurated in 1963). The *Virtudes* Promenade is the definite element that allows this to be perceived from the Historic Centre of the city of Porto.

EXPOSIÇÃO VIRTUAL
PORTO DE VIRTUDES



GOOGLE ARTS & CULTURE

2017

CRÉDITOS CREDITS

COMISSÃO CIENTÍFICA SCIENTIFIC COMMITTEE

Hugo Barreira, Lúcia Maria Cardoso Rosas e Maria Leonor Botelho (FLUP/CITCEM)

CURADORIA CURATORSHIP

Hugo Barreira, Lúcia Maria Cardoso Rosas e Maria Leonor Botelho (FLUP/CITCEM)

TEXTOS TEXTS

Ana Campelos, Ana Clarisse Lopes, Ana Isabel Lino, Ana Patrícia Gonçalves, Andréa M. Diogo, Carolina Furtado, Clarice Ausquia Leão, Cláudia Quaresma, Francisca Pires de Almeida, Joana Isabel Duarte, Isabel Rebelo da Silva, Juliana Moura, Laura Fabíola Marques, Lúcia Teixeira, Maria Moura, Mariana Carvalho, Marisa Pereira Santos, Rodrigo Magalhães, Vera Barbosa e Vera Gonçalves.

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS PHOTO CREDITS

Autores dos textos e Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas.

DESENHOS, PLANTAS E CARTOGRAFIAS PROJECTS AND CARTOGRAPHY

Arquivo Histórico Municipal do Porto/Câmara Municipal do Porto e Associação Comercial do Porto.

PRODUÇÃO DE IMAGEM IMAGE PRODUCTION

Laura Fabíola Marques e Marie Eva Rosière.

COMPOSIÇÃO E DESENHO GRÁFICO GRAPHIC DESIGN

Andréa M. Diogo e Laura Fabíola Marques.

TRADUÇÃO TRANSLATION

Tânia Vasco.

ORGANIZAÇÃO ORGANIZATION

Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

PARCEIROS PARTNERSHIP

UP, CITCEM, Árvore - Cooperativa de Actividades Artísticas e Câmara Municipal do Porto.

APOIOS SPONSORS

Associação Comercial do Porto e UNICER.

BILIOGRAFIA CITADA QUOTED BIBLIOGRAPHY

ALVES, Joaquim Jaime B. Ferreira (1997). A arquitectura da água : chafarizes e fontes do Porto dos séculos XVII e XVIII, in *Poligrafia* - nº6, p. 45-62; BARREIRA, H.; BOTELHO, M.L.; ROSAS, L. (coord.) (2017). *Jardim e Passeio das Virtudes. Uma Paisagem Histórica Urbana*. Porto: U. Porto. Faculdade de Letras. CITCEM; MARÇAL, Horácio (1961, fevereiro). A Rua dos Fogueteiros, in *O Tripeiro*. Porto. Série VI, ano I, nº2, pp. 169-173.; OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1992). *Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Dom Quixote; TEIXEIRA, Diogo Emanuel Pacheco (2011). *O Abastecimento de Água na cidade do Porto nos séculos XVII e XVIII. Aquedutos, Fontes e Chafarizes*. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado; UNESCO (1972). *Convenção para a salvaguarda do Património Mundial, Cultural e Natural*. Acessível em <<https://goo.gl/5kro6t>>; UNESCO (2012) *Recomendação sobre as Paisagens Históricas Urbanas*. Acessível em <<https://goo.gl/qcaUWQ>>.



PASSEIO E JARDIM DAS VIRTUDES: UMA PAISAGEM HISTÓRICA URBANA

HUGO BARREIRA
LÚCIA ROSAS
MARIA LEONOR BOTELHO
(COORD.)



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO



U. PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO



COMPETE
2020



PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional